



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA**

**TRADIÇÕES ORAIS COMO SUBSÍDIO PARA ESCRITAS DE CENA:
DAS TRADIÇÕES ORAIS ÀS ARTES PERFORMATIVAS**

ARMINDO MARTINS TAVARES

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Teatro
Especialização em Artes Performativas — Escritas de Cena

AMADORA

2014

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA**

**TRADIÇÕES ORAIS COMO SUBSÍDIO PARA ESCRITAS DE CENA:
DAS TRADIÇÕES ORAIS ÀS ARTES PERFORMATIVAS**

ARMINDO MARTINS TAVARES

Projeto para obtenção do Grau de Mestre
em Teatro. Especialização em Artes
Performativas — Escritas de Cena

Trabalho de Projeto orientado por:

- Prof. Dr. Armando do Nascimento Rosa

AMADORA

2014

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA
(DEPARTAMENTO DE TEATRO)**

TRABALHO DE PROJETO

MESTRANDO: Armindo Martins Tavares

Nº 440

CURSO: Teatro

ESPECIALIZAÇÃO: Artes Performativas

ÁREA VOCACIONAL: Escritas de Cena

PROJETO: Tradições Oraís Como Subsídio Para Escritas de Cena:
Das Tradições Oraís às Artes Performativas

ORIENTADOR: Prof. Dr. Armando do Nascimento Rosa

CLASSIFICAÇÃO FINAL: _____

NOTA: _____ (valores)

DATA: ____/____/____

ASS. ORIENTADOR: _____

Ao Departamento de Teatro para registo e arquivo.

Amadora, ____/____/2014

O PRESIDENTE DE JÚRI: _____

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos filhos, Dário e Dério Martins, um eterno reconhecimento pelas suas colaborações neste trabalho. Muitas vezes tenho-lhes sacrificado os momentos de lazeres, ou de estarem com os coleguinhas, momentos próprios de uma criança – neste caso duas – de apenas 14 anos de idade, para horas a fio, com carinho e desempenho procederem comigo à leitura e correção deste trabalho.

À minha companheira, Alice Ana Gomes, que de forma infatigável e sempre disponível, mesmo depois de um dia duro de labor, mal chega a casa surpreende-me, na minha escrivaninha, com um cáldo lanche, deixando-me a sensação de que do sorriso dela brotavam estas expressões, como se de uma terapeuta ela se tratasse: “Não deves ter comido nada há muito... sendo diabético não é aconselhável”. Um obrigado do tamanho deste gesto.

Um grato reconhecimento à Professora Dr.^a Eugénia Vasques que, apesar de não ser oficialmente minha orientadora, fê-la, no entanto, de forma oficiosa e, cujo apoio, foi em alguns momentos, o antídoto da minha aflição. Aliás, se até aqui chegou o meu percurso, a ela deve-se muito. Não fosse, as minhas asas deparar-se-iam logo após à conclusão do bacharelato. Muito obrigado.

RESUMO

A ideia de elaborar dramatizações a partir de Tradições Orais surgiu em 2004 durante a preparação para a conclusão do bacharelato nesta Escola, após os primeiros contactos com as obras do dramaturgo francês, *Alfred Jarry*. Em 2005, para a tese de licenciatura, sob tema *Estudos Comparativos da Dramaturgia de Alfred Jarry Com as Fábulas Caboverdianas de Lobo e Chibinho* começamos, de forma entusiástica, a vasculhar o comportamento e a psicologia de algumas personagens de *Jarry*. Concluimos que as histórias do Lobo e Chibinho que se contavam em Cabo Verde (CV) não eram mais do que decalques das dramaturgias *Jarrianas*. Verificamos óbvias semelhanças entre estes dois heróis arquétipos. *Ubu*, que numa perfeita pronúncia francesa seria **lubú**, está muito próxima do **lôbu**, que quer dizer **Lobo**. O próprio Lobo, pela acentuada dislexia de que padece, pela asnice que o caracteriza, não consegue pronunciar certas consoantes, como: “c”, “l”, “r”, “s” ou “z”. Por exemplo: palácio, diz **paiaíxo**; rapariga, **iapaíga**; esposa, **espoja**. Ele tem dificuldade em pronunciar o seu próprio nome pelo que substitui os “Ls” pelo “ls”, chamando-se a si próprio de **lôbu** em vez de **Lobo**. Estas características são comuns entre ambos. O próprio *Jarry*, numa carta dirigida ao encenador *Lugné-Poe*, em 1896, recomenda o seguinte:

“5° Adoption d’un ‘accent’ ou mieux d’une ‘voix’ spéciale pour le personnage principal”. (Cf. a carta integral no anexo).

E no prefácio de *As Aventuras de Nhu Lobo*, p.7, pode-se constatar essas evidências, conforme escreveu a Prof. Eugénia Vasques:

“... estas aventuras do antitético par pícaro Senhor Lobo (Nhu Lobo) e seu sobrinho Xibinho estão para a literatura de Cabo Verde como *Ubu-Rei* (peça estreada em 1896), de *Alfred Jarry* (1873-1907), estará para a cultura francesa ou *As Aventuras do Soldado Schweik* (escritas entre 1921-23), de *Jaroslav Hasek* (1883-1923), para a cultura checa.” [sic.]

RESUMÉ

L'idée d'élaborer des dramatisations à partir des traditions orales est venue en 2004 durant la préparation pour la conclusion de notre licence à cet École après les premiers contacts avec les oeuvres du dramaturge français, Alfred Jarry. En 2006, pour la thèse de licence, sous le thème «Études comparatives de la Dramaturgie d'Alfred Jarry Avec les Fables Cap-verdiennes de Lobo e Chibinho» nous avons commencé, de façon enthousiaste, à fouiller le comportement et la psychologie de certains personnages de Jarry. Nous avons conclu que les «estórias» du Loup qu'on raconte au Cap Vert (CV) n'étaient plus que des décalques des dramaturgies «jarrienes». Nous avons constaté d'évidentes ressemblances entre ces deux archétypes. Ubu, que dans une parfaite prononciation française serait «lubú», est très proche du «lôbu», c'est-à-dire «Lobo». Le loup lui-même, par l'accentuée dyslexie dont il souffre, par la sottise que le caractérise, n'arrive pas prononcer certaines consonnes, comme: «c», «l», «r», «s» ou «z». Par exemple: palácio (palais), il dit «paiáxio»; rapariga (jeune fille), «iapaíga»; esposa (épouse), «expoja». Il a de difficulté en prononcer son propre nom dont il remplace le «L» par le «l», en appelant à soi-même «lôbu». Ces caractéristiques sont communes entre les deux. Jarry lui-même, dans une lettre adressée au metteur en scène Lugné-Poe, en 1896, a recommandé le suivant:

“5° Adoption d'un accent ou mieux d'une 'voix' spéciale pour le personnage principal”. (Cf. La lettre intégrale aux annexes).

Et dans le préface de *As Aventuras de Nhu Lobo*, p. 7, on peut constater ces évidences, selon a écrit la Prof. Eugénia Vasques:

“... ces aventures de l'antithétique pair picaro Monsieur Loup (Nhu Lobo) et son neveu Xibinho sont pour la littérature du Cap Vert comme Ubu-Roi (pièce débutée en 1896), d'Alfred Jarry (1873-1907), seras pour la culture française ou Les Aventures du Soldat Schweik (écrites entre 1921-23), de Jaroslav Hasek (1883-1923), pour la culture tchèque.” [Sic].

PALAVRAS-CHAVE

Deidades

Fábulas

Funaná

Lendas

Tabanca

MOTS-CLÉS

Divinités

Fables

Funaná

Légende

Tabanca

Antes do surgimento da escrita, a sociedade vivia no que seria a oralidade primária, em que a palavra tem como função básica a gestão da memória social.

Pierre Lévy, filósofo francês.

ÍNDICE

0	Introdução.....	11
0.1	Objetivo deste mestrado.....	18
0.1.1	.. Um texto brasileiro:.....	20
0.1.2	.. Um texto caboverdiano:.....	20
0.1.3	.. Lista das dramatizações:.....	22
0.2	Metodologia aplicada.....	26
1	O Mito das origens.....	27
1.1	A era dos deuses.....	29
1.2	Filosofia versus mitologia.....	30
2	Tradições orais como meio de transmitir acontecimentos.....	34
3	Das tradições orais às artes performativas.....	35
4	A contextualização do teatro caboverdiano.....	39
5	Conclusão.....	49
6	Referências Bibliográficas.....	51
7	Apêndice.....	53
7.1	Dramatização de um conto popular.....	53
7.2	Resumo do livro “Os Rebelados da Ilha de Santiago – Cabo Verde”.....	89
8	Anexo: Carta de Alfred Jarry ao encenador Lugné-Poe, de 1896.....	96
9	Siglas e Abreviaturas.....	97

0 INTRODUÇÃO

Até aos anos 70 do século passado, todos os dias, depois do jantar, no pátio de uma das casas da vizinhança, à luz do luar ou de uma lanterna a petróleo, ajuntávamos um grupo de meninos e sentávamos no chão de terra batida, à volta de uma pessoa mais velha, quase sempre idosa, para ouvir estórias com curiosidade e silêncio. Ouvíamos fascinados, às vezes divertidos, muitas vezes angustiados e apavorados quando os casos eram realistas. Imaginávamos aquele ambiente, apreciávamos o gosto de cada palavra, curtíamos o gesto do narrador e as expressões do seu rosto ao descrever as repreensíveis perfídias de algumas personagens e ao panegírico às outras.

Entre outras brincadeiras tradicionais, o contar de estórias era o entretenimento predileto das criancinhas do interior da ilha de Santiago, onde não havia aparelhos de rádio e, a existência da luz elétrica era uma coisa impensável.

As estórias de fadas, reis e rainhas, heróis, génios, bruxas, animais e aventuras povoavam o nosso universo imaginário. Eram contos recheados de vinganças, assassinatos, torturas, violações, mutilações, etc. Quem as contava eram pessoas analfabetas, que terão conservado na memória, desde criança, estórias que ouviam dos seus ancestrais, como pai, mãe, avós, tios, vizinhos, etc. Sem qualquer formação académica ou pedagógica, limitavam em expor a narrativa toldada de realismo e não mediam as palavras que diziam e nem enquadravam os discursos no contexto de uma estória para crianças.

As fadas, principalmente, embora narradas de forma pouco pedagógica, povoavam e governavam o ilusório mundo dos mais pequenos. As suas inteligentes intervenções eram aplicadas mais pelo capricho do que pela razão. Raramente não se abusavam de um poder sobrenatural sem limites e qualquer uma podia fazer tudo o que lhe aprouvesse, nem sempre determinando suas vontades pelo conhecimento da justiça, mas sim, pelo sentimento de vingança e capricho da vida. As versões dos contos de fada que ouvíamos continham episódios horripilantes. Por exemplo, contavam que a *Bela Adormecida* é estuprada pelo príncipe e até gera seu filho enquanto está inerte na cama; no *Chapeuzinho Vermelho*, que a neta come a carne da própria avó e acaba sendo devorada pelo lobo mau; que a *Branca de Neve* é feita de empregada pelos anões e, no final, se vinga da madrasta, obrigando-a a calçar

sapatos de ferro quente e dançar até a morte; que a *Pequena Sereia* tem a cauda rasgada ao meio pela bruxa do mar, etc.

E pelo impacto psicológico provocado pelo conteúdo dessas estórias, onde as crianças podem sofrer a partir de influências negativas, suscitou a preocupação das autoridades, das indústrias infantis e da pedagogia moderna, ao ponto de transformar aquelas estórias macabras, nos famosos contos de fada modernos, poupando-nos, assim, de muitas estórias dignas de pesadelos, dando lugar aos contos cheios de esperança e amor. E como a lição que se pretende tirar delas é a moral, o “Bem” deve sair sempre vitorioso, os mais fracos sempre vencedores e, normalmente, os contos devem acabar sempre bem: em ambiente de festa, de amizade, da celebração de paz e reconciliação. Devem terminar de uma forma pedagógica, de modo a inculcar na mente das crianças o sentimento da tolerância, do perdão, e influir-las positivamente na vida adulta, enquanto pessoa do bem, que não procura suportar na “bengala do ódio” para vingar, nem na “vingança” para apelar justiça. As estórias abrem-lhes a mente para o mundo do encantado, do fantástico, diríamos, até, do incrível. Elas influem sempre quem as ouve, cativando-lhe a atenção e, muitas vezes, a reflexão sobre o inexplicável da vida. As crianças acreditam piamente naquilo que ouvem. Acreditam serem todas reais, à semelhança dos gregos antigos em relação aos mitos. E sempre nos comentários no fim da narrativa, há tendência para manifestarem suas revoltas contra os vilões da estória e solidarizarem com os mais fracos ou injustiçados, que eram sempre escravos, pobres, mulheres, crianças, prisioneiros, órfãs e/ou enteadas. Em certos episódios eles levam tão a sério a ponto de quiserem impedir que os pais dessem aos irmãos mais novos certos nomes. “Pedro”, por exemplo, não era um nome consensual, por ser quase sempre o protagonista de absurdas traquinices em quase todos os episódios em que envolve, deixando sempre os irmãos em sérios apuros.

Vejamos um pequeno extrato da Cena X da peça *As Aventuras do Pedro, Paulo e Manuel*, (2011, pp. 28-30), em que “Pedro” é protagonista:

No Inferno.

REI DOS DEMÓNIOS – Rapazinhos, o que é que vocês vieram aqui fazer?

PEDRO – Ouvi que o senhor joga bem as cartas e vim desafiá-lo para uma aposta.

REI DOS DEMÓNIOS – Aposta... comigo?! Estás doido, ou tens o quê nessa tua cabeça... ou melhor, nessa cabecinha de alho?!

PEDRO – Não estou doido, nem tenho nada na cabeça tirando o cabelo. Nem piolhos tampouco.

REI DOS DEMÓNIOS – Tu não sabes quem eu sou?

PEDRO – Sei. E é por isso mesmo que vim.

REI DOS DEMÓNIOS – Estou admirado do teu atrevimento, rapazinho! E fica sabendo que a mim ninguém ganha nos jogos. Se, efetivamente, sabes quem eu sou, então, quer dizer que costumavas ouvir que os jogos foram feitos por mim! E outrossim, eu não preciso do teu dinheiro – se é que tens algum tostão – porque dinheiro que possuo, não tenho onde guardá-lo todo. Então... com que vais tu apostar comigo?

PEDRO – Se você me levar a quatro, mate-me a mim e aos meus dois irmãos.

Paulo e Manuel choram e tremem de medo.

REI DOS DEMÓNIOS – Registado. E se tu me ganhares?

PEDRO – Se eu lhe ganhar... essa coroa que você tem na cabeça...

REI DOS DEMÓNIOS – Ela faz parte de mim próprio. Faz parte da minha estrutura. Nasci com ela já colada à cabeça.

PEDRO – Então... o negócio está fechado.

REI DOS DEMÓNIOS – Fechado como?

PEDRO – Se eu ganhar... arranco-lhe essa coroa da cabeça.

REI DOS DEMÓNIOS – Aprovado...

A inclusão de finais negativos nas histórias populares representa a ideia de que o “mundo dá voltas” e que, portanto, qualquer iniciativa arrogante é condenável e pode conduzir o sujeito à falência. Pois, os contos populares manifestam, de maneira apodítica, uma função educativa nos planos intelectual, afetivo e moral, traçando desse modo uma orientação ou decidindo uma conduta. Quando se baseiam nos problemas humanos através das aventuras e de tomadas de posição das personagens, mostram-nos, muitas vezes, a carência social e dão-nos sempre solução oportuna para o seu melhoramento. E o mais importante é a moral que eles veiculam, uma vez que sempre surge uma mensagem e se propõe uma solução para resolver as coisas de maneira mais ou menos subtil, mais ou menos acertada.

Muitas vezes, os oprimidos manifestam as revoltas que lhes toldam a alma e que de outra forma não poderiam ousar, através dos contos populares.

Robert Darnton, historiador cultural e bibliotecário estadunidense, ao investigar o conteúdo explorado nas narrativas populares camponesas do século XVIII em França, registou: *“Os contos traziam à superfície, com a máxima intimidade possível, a crueldade quotidiana a que estavam sujeitos os miseráveis trabalhadores dos campos”*. (2001, p. 80)

Daí se pode deduzir que até da política se fala através dos contos populares.

Em muitas das histórias figuram, como protagonistas, animais, que acabam por nos ensinar por meio de alegorias e metáforas. O macaco, por exemplo,

representa um papel fundamental na estória de *João da Burra*. E em outras, por exemplo, nas do *Lobo e Chibinho*, a Cabra Gazela enfrenta corajosamente o Lobo, abrindo-lhe o bandulho e liberta as suas três cabritinhas. Essa façanha demonstra o amor de uma mãe e o risco que ela corre para defender e salvar os filhos. Também, pela astúcia que a Cabra Gazela usa para enganar o Lobo, elucida e aconselha-nos à inteligência e prudência nas ações. Ainda o Lobo, para ir a uma festa, admite servir-se de cavalo ao Chibinho, levando vergastadas e picadas de esporas. O peixinho, para não morar no bandulho do Lobo, oferece-lhe uma varinha de condão que lhe disponibiliza uma *tagarra*¹ cheia de baratas e de farelo azedos e, ainda, faz-lhe engravidar a filha do rei, que o despreza e o maltrata com palavras injuriosas. A *Tia Ganga*, para vingar dos seus ovos devorados, introduz um ferro em brasa no ânus do Lobo, etc.

Entretanto, nos finais dos anos 60, a rotina da emigração caboverdiana, que antes se circunscrevia às roças de São Tomé e Príncipe e, residualmente, às sanzalas de Angola, tomou novo rumo. Passou a ser para a metrópole, onde homens e mulheres foram laborar como operários, em atividades braçais e domésticas, limpando as casas de patroas, varrendo ruas das grandes cidades com Porto, Lisboa, Setúbal e Faro ou, na penosa e árdua extração do volfrâmio na mina da Panasqueira. Em Fevereiro de 1971, o chefe do governo português, o professor Marcelo Caetano, fez uma visita a esta antiga colónia portuguesa do ultramar, a primeira efetuada por um chefe do governo desde a implantação do Estado Novo em 1933. Tendo constatado, *in loco*, a insularidade das ilhas e a dinâmica do seu povo lutando de forma titânica contra a miséria, autorizou a emigração em massa para a metrópole. Essa partida (forçada) para terra longe tem caracterizado o destino dos filhos das ilhas, marcando para sempre, no capítulo negro da história, a triste realidade da condição humana. Antes, nos anos 40 e 50 do século XX, no auge da carestia que assolou o mundo, e que os ilhéus atribuem o célebre epíteto de *Fome 47*, amontoados nos porões e convés dos navios, sob a denominação de “contratados”, os caboverdianos rumaram-se, de modo forçado, para as roças de São Tomé e Príncipe e para as sanzalas angolanas, subscrevendo-se, a favor do patrão sem escrúpulo, a penhora das suas liberdades a soldo de poucos tostões. A denominação de “contratados” era simplesmente uma forma de branquear o termo

¹ – Tina, bandeja.

“escravatura”, que embora fora abolida desde 1854 pelo decreto de 19 de Dezembro, só em 1878 é que, oficialmente, os últimos escravos do reino foram efetivamente libertados. Porém, a essência escravocrata continuou sob disfarce da designação: “Contratados”.

Esse “contrato” era um documento que continha apenas as obrigações do contratado. O seu direito não era mencionado nem salvaguardado, e muito menos ainda era respeitado, senão violado. Assinando esse “contrato” o “contratado” estava a declarar obediência às ordens do patrão (civilizador), sem que lhe seja contemplado, minimamente, qualquer direito. E essas obediências incluíam até ao acatamento de ordens para abrir a sua própria sepultura antes de ser degolado à catanada, ou fuzilado pelas balas de uma carabina. Nessas condições, muitos caboverdianos foram condenados a deixar a família, amigos e sua terra para servirem de fertilizantes às plantações de bananeiras no país do Equador. Deixaram a sua terra, onde apenas, livremente abunda o sol, descarregando sobre o oceano, montanhas e solos crestados o seu esplendoroso calor, como se dos seus raios chovesse a esperança que anos após anos os vinha acalentando. E daí nascia das almas dos poetas crioulos a inspiração para compor a mais sentida e melodiosa morna de saudade que, ao dedilhar dos violinistas e nas vozes de tantas “Cesárias”, imortalizaram as epopeias daqueles dez grãosinhos de terra que Deus espalhou no meio do mar.

E pela consequência desta nova vaga de emigração para a Europa, a partir de 1971, surgiram novas formas de entretenimento como paradigma, alterando o padrão estético da tradição popular, fonte de toda a criação artística e cultural até então, relegando as fábulas para o derradeiro plano. Os emigrantes começaram a regressar de férias, levando consigo os modernos aparelhos de reprodução sonora, como o rádio gravador de cassetes e o gira-discos. Alimentando esses aparelhos à bateria, ou através de um motor gerador que também levavam de Lisboa, ficou seriamente ameaçado o monopólio dos tradicionais instrumentos musicais até aí reinantes, como: a concertina ou *gaita* (no Funaná), as *tchabetas* (nos Batuques), os *búzios* e os tambores (nas festas da tabanca) e os violões e cavaquinhos (nas serenatas de madrugada, à janela de amadas ou apaixonadas). Nessas serenatas eram dedicadas mornas, mormente na hora da partida, cuja despedida se impunha.

Eram expressas as saudades retidas na alma dos que partiam e dos que ficavam, na esperança de que, “talvez um dia”, se farão quatro, novamente, os seus olhos.

A influência da cultura e de modernismos europeus, importados pelos emigrantes dessa segunda vaga, provocaram significativas mudanças nos paradigmas culturais e civilizacionais do arquipélago. O convívio dançante deixou de ser o privilégio das festas populares e de romarias, passou a ser rotineiro nos meios rurais. Isto foi o princípio do fim de uma cultura, ou seja, a tradição de “contar de estórias” passou a ser menos útil. E esta situação agravou-se mais, com a independência nacional, em 5 de Julho de 1975. E com o êxodo da população do interior para o litoral, a tradição oral caboverdiana ameaçou ofuscar-se.

E já, nos anos 80, com a proliferação das televisões, e conseqüentemente o surgimento das telenovelas brasileiras, ditaram definitivamente a sentença das narrativas populares. As diversões deixaram de estar cingidas apenas ao tradicional modelo clássico, diluindo-se gradualmente pela indústria televisiva. Eis por isso, a pertinência da nossa luta pela preservação das tradições orais, juntando-nos, assim, aos demais, que de há muito o mesmo têm feito ou vêm fazendo. A poetisa Cecília Meireles (1941) mostrou-se indignada, conforme se pode verificar no texto a seguir:

“... lamento que as cantigas infantis vão desaparecendo, não tanto por imposições da vida, pela invasão dos brinquedos mecânicos, mas por falta de amor a essa poesia que vem de tão longe, que tem sido o doce deleite de tantas gerações, e merecia ser preservada como herança infinita e maravilhosa, que torna, enfim, o mundo mais belo.”

E o historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro, Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) dizia:

“A literatura oral, primeiro leite da cultura humana, é o elemento vivo e harmonioso que ambienta a criança e acompanha, obstinadamente, o homem, numa ressonância de memória e saudade. Todos somos portadores do material rico e complexo, recolhido inconscientemente na infância e guardado nos escaninhos da lembrança.” (2003, p. 185).

O resgate dessas estórias, bem como a sua dramatização, permitem-nos manter e conservar vivas na memória as tradições dos nossos ancestrais, à semelhança dos poemas *Ilíada* e *Odisseia*, da coleção dos hinos dedicados aos

deuses ou figuras sagradas, da *Teogonia* e de *Os Trabalhos e os Dias*, respectivamente da autoria dos ilustres poetas gregos Homero e Hesíodo.

Parafrazeando o francês Lévi-Strauss, fundador da antropologia estruturalista, «*as narrativas míticas, com seu poder de fascinar por meio de heróis audaciosos, ainda são fontes de vigor, resistência, e de referência para os ocidentais.*» E afirma que os mitos gregos são vantajosos por serem capazes de configurarem-se em «*analogias universais que, independentes da língua materna de cada um, podem ser familiares a todos nós.*»

0.1 Objetivo deste mestrado.

Pelo que acabamos de expor, julgamos oportuna a preservação e salvaguarda dos valores culturais tradicionais caboverdianos, para que, com o fim da geração dos ditos “contadores de estórias”, os vindouros também possam lê-las, senti-las, apreciá-las, dar-lhes a continuidade e perpetua-las no tempo. Resgatá-las à moda dos tempos antigos, tomando como paradigma as tradicionais fábulas do arquipélago, foi, a princípio, o nosso tento. Porém, esse procedimento não constitui novidade na literatura oral mundial. *Charles Perrault (1628-1703)* em França e os Irmãos *Grimm (Jacob, 1785-1863)* e (*Wilhelm, 1786-1859*), na Alemanha, se empreenderam de forma apaixonada nessa tarefa. Faziam recolha de estórias junto dos amigos, vizinhos e familiares, e as transcreviam depois para o papel, tornando-as universalmente conhecidas. Ainda, o dinamarquês *Hans Christian Andersen (1805-1875)*, trilhou também nessas aventuras com a publicação do célebre conto infantil, *O Patinho Feio*.

Em Cabo Verde, entre as décadas de 80 e 90 do séc. passado, procedemos, pacientemente, à recolha de tradições orais, no âmbito de um concurso promovido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), intitulado de *Tradison na Skóla*², que, inicialmente se destinava apenas aos alunos. Não tendo tido o resultado desejado, no ano seguinte passou a designar-se *Recolha de Tradições Orais*, extensível a todos os interessados. Por cada página em formato A4, o MEC pagava 150\$00 (cento e cinquenta escudos), ou seja €1,36 (um euro e trinta e seis cêntimos). A recolha seria exclusivamente em caboverdiano por duas razões fundamentais:

- a) Salvar as tradições e preservar a cultura popular caboverdiana;
- b) Afirmação da escrita da língua caboverdiana que acabara de iniciar no seu processo de incremento, estruturação da sua grafia e conseqüentemente, sua normatização como língua oficial dos caboverdianos em paridade com o português, deixando de ser apenas língua materna e do convívio do dia-a-dia.

A partir dessas recolhas, um Técnico do Departamento de Tradições Orais do MEC, o Dr. Tomé Varela da Silva, licenciado em Filosofia, organizou e compilou essas estórias em livros, que deu o nome de *Na Bóka Noti*³, e já contam 6 volumes.

² – Tradição nas Escolas.

³ - Na boca da noite, à noitinha, ao anoitecer.

Com a nossa passagem pela Escola Superior de Teatro e Cinema (em 2001) e pelos contactos com a dramaturgia de *Alfred Jarry* (em 2004), coligimos uma série de estórias do Lobo e do Chibinho, em versão bilingue (crioulo e português), que apresentamos como trabalho para a conclusão do nosso Bacharelato em Estudos Teatrais. Em Outubro de 2004, durante uma aula da cadeira de Dramaturgia com o professor David Antunes, para a nossa licenciatura em Dramaturgia, este professor desafiou-nos a transformar essas fábulas em peças de teatro. E assim começou a nossa aventura na dramatização das nossas tradições que, não se envolveram apenas às fábulas como fontes, mas também às músicas, as deidades e outras culturas tradicionais em paralelo àquelas.

Ora, concluímos que, apesar de essa tradição ter sido preservada pela sua transcrição em papel, não substituiria, de forma alguma, a estória contada. Uma estória contada diante dos espetadores, apresenta um desafio tanto ao contador – que precisa buscar e averiguar a eficácia dos caminhos percorridos –, quanto ao ouvinte – cujo esforço deve tornar compreensível a narrativa recebida. Essa ideia vem validando a da Geneviève Calame-Griaule, (1990) etnóloga francesa, detentora de um conhecimento profundo da literatura oral da África Ocidental. Para ela, *por mais que se tente transcrever graficamente uma estória, remanescem recursos expressivos – espontâneos e alteráveis – que dificilmente conseguem ser indicados em forma escrita*. Em seu ver, a única arte capaz de restituir conteúdo e expressão simultaneamente seria a arte cinematográfica. *As versões escritas dos contos populares, por mais exatas que sejam, não conseguem transmitir os efeitos que poderiam dar vida às estórias contadas. As pausas dramáticas, as miradas maliciosas, o uso dos gestos para criar imagens cénicas, o semblante severo para mostrar responsabilidade e determinação nas tomadas de posições, o emprego de sons para pontuar as ações, a imitação de uma batida à porta (muitas vezes obtida com pancadas na testa de um ouvinte), configuravam o significado dos contos*. Ao transcrevermos uma estória, não poucas vezes somos confrontados com barreiras impostas pelas regras da linguagem, mormente no âmbito fonológico e, concomitantemente, no da ortografia. E esta situação submete-nos a uma das duas soluções: forjar a essência da narrativa, ou adulterar as regras da gramática. Damos o exemplo com a transcrição de dois textos extraídos de narrativas orais: um brasileiro, das Minas Gerais, e outro caboverdiano, do interior da ilha de Santiago.

0.1.1 Um texto brasileiro:

– Ah! Antoim, agora cê discansa. Hein, Antoim, coitado, cê tava naquele mato, hein? [...] Dês do dia qu"u Antoim foi, a riqueza chegô na casa da mãe dele.

– Dês do dia que cê veio Antoim, lá na casa num farta nada! Cada saca de arroiz, saca de feijão, lata de gurdura, saca de café, fazenda, ropa, cama pu Antoim, pa famia dele! Logo, lá já podia pô impregada. Na casa da mãe dele, tinha impregada, tinha docera, lavadera, cuzinhera, passadera de ropa! Tudo munto bem arrumado! Tinha até quem pintiava o cabelo das moças! As moça num pintiava mais cabelo. Já tinha rapaiz pa pintiá. Aí, aquela riqueza!

Quando o Antoim deitô, o ressonado na bera da cama dele! Pra ele qui já tava c"a caxa de fosfo e a vela, né, foi, passô a mão na vela... feiz tric, cendeu a vela. Quando cendeu a vela, qu"a vela lumiô... Ih!... Ô princesa bunita! (Puquê ela era incantada. Lá no rio, ela era passo, né, dentro da casa el"era gente. Ela disincantava!) Ah! qui moça bunita! Ah! moça!

Quando o Antoim foi incarano bem, o burrão da vela bate na cara dela. Ela foi, diss"assim:

— Ora pois, Antoim, ocê mi manchô o rosto, Antoim! Ah! Antoim, ocê mi quemô o rosto, Antoim! Oia meu rosto cumé qui tá tudo quemado! Nós num falô c"ocê qu"ocê num contasse o qui passô aqui? Ocê contô! Ocê mi manchô o rosto, Antoim! Tô quemada! Agora, Antoim, cê num vê eu mai! Tava perto d"ocê disincantá nós. Nós somo doze pessoa qui mora aqui, mai nós agora, Antoim, vamo s"imbora, nós vamo s"imbora, Antoim, pu Renado dos Pombo. Agora cê fica aí. A riqueza da sua casa vai acabá, vai acabá tudo, Antoim! É Antoim, nós vamo imbora!» (CARVALHO; CARVALHO; CARVALHO, 2008, pp. 58/60).

0.1.2 Um texto caboverdiano:

LOBO – *Aaaah! Naõ xei o que é que eu facho com esta fome. Desde manhã que estou aqui a pescar, não apanho nenhum peixe. Nem um Manei de Pôxa xequei. Já estou quaje muito de faqueja*⁴.

Retira a cana da água, muda o isco do anzol e volta a colocá-la. Sente um abanão na linha e puxa com força. Vem um peixinho no anzol e, de imediato, leva-o à boca.

PEIXINHO – Ouça cá, senhor! Não me coma, dou-lhe uma coisa que vale muito mais do que eu. Qualquer necessidade que o senhor tiver, basta pedir, e essa coisa satisfaz-lha.

LOBO – **(dá uma gargalhada)** *Oh peixinho de poicaía, tu penxas em xuboinai Nhu lobo? Eu com comida à beia da boca, e tu pedes-me paia não te devoiai? Ainda pui xima, com esta fome que tenho! Xoítai-te? Quem é que te dixei que vou xoítai-te? Vais, agoia mesmo, moiai dento do banduio de Nhu lobo*⁵.

PEIXINHO – Nhu Lobo, eu sou muito pequenino, não chego para lhe tapar nem um dente furado, quanto mais para matar-lhe a fome. A coisa que lhe dou, servir-lhe-á na hora que precisar, dá-lhe o que você pedir, faz o que você quiser.

LOBO – *O que eu quijei?! Então, xe eu dixei paia me aianjai uma tagaia de baiatas e faeio ajedo, eie aianja-me*⁶

PEIXINHO – Já lhe disse que lhe dá o que você pedir: não só uma tina cheia de baratas e farelo azedo, mas também o dinheiro que quiser, a sorte que lhe pedir... tudo o que o senhor precisar.

⁴ - Aaaah! Não sei o que é que eu faço com esta fome. Desde manhã que estou aqui a pescar, não apanho nenhum peixe. Nem um Manuel de Poça sequer. Já estou quase morto de fraqueza.

⁵ - Oh peixinho de porcaria, tu pensas em subornar Nhu Lobo? Eu com comida à beira da boca, e tu pedes-me para não te devorar? Ainda por cima, com esta fome que tenho! Soltar-te? Quem é que te disse que vou soltar-te? Vais, agora mesmo, morar dentro do bandulho de Nhu Lobo.

⁶ - O que eu quiser?! Então, se eu disser para me arranjar uma tina cheia de baratas e farelo azedo, ele arranja-me?

LOBO – *Tu penxas que vais conxeguí buiai Nhu lobo! Quei dijei, eu iaigo-te, tu vais e fajes toxa de Nhu lobo. Deixa-me mas é peipaiai paia te engoií⁷.*

PEIXINHO – Por favor, Nhu Lobo, não me coma. Não precisa de me tirar o anzol da boca. Ponha-me na água como estou, se eu demorar você puxa-me.

LOBO – *Está xeito. Mas oia... emboia desconfiado, vou confia em xi. Vai e não demoies. (Põe o peixe na água e de repente volta a puxá-lo) Onde está a coija que me prometeste? Estás com caico de xabotai Nhu lobo? Diz-me iápido o que é que me vais tajeí⁸.*

PEIXINHO – Senhor Lobo, vou trazer-lhe uma Varinha de Condão.

LOBO – *Vainha de Condão?! Então vai, mas não te demoies e nem mintas paia Nhu lobo. (Põe o peixe na água, para um pouco e volta a puxá-lo. O peixe traz um pauzinho agarrado à boca) Mas eu não tenho a xeiteja xe este pauzinho pesta paia alguma coija. Vou pimeio fajei expeiênxia. Mas... o meioi é comei-te já, tu que me estás nas mãos. O xeguiu é na panxa... e panxa de Nhu lobo⁹.*

PEIXINHO – Tilobo, eu não estou a mentir-lhe. Para conseguir o que o você precisar, basta segurar nele e dizer: “Ah, Varinha de Condão, por virtude que Deus te deu, dá-me tal coisa” e ela dá imediatamente. O senhor já não precisa de trabalhar mais durante a vida.

LOBO – *A xéio? Então espeie que eu expeimente pimeio. (Com o peixinho numa mão e a varinha na outra) Ah, Vainha de Condão, pui veitude que Deus te deu, queio que exas aeias xe tansfoimem em axúca. (Come e deita de barriga para cima. Levanta e segura a Varinha) Ah, Vainha de Condão, pui veitude que Deus te deu, queio na minha fente uma tagaia de baiatas e faeio ajedo.¹⁰*

O Lobo come com a mão numa tina e sai. (*In As Aventuras de Nhu Lobo, 2008, pp. 17-18*)

Pode-se notar que houve um esforço enorme, tanto da parte do autor do texto brasileiro, como do texto caboverdiano, para se tornarem decifráveis e digeríveis as variantes de um português arcaico das Minas Gerais e de um (*deslexicado*) arquétipo das inúmeras histórias caboverdianas, ou seja, Nhu Lobo.

José Murilo, no prefácio de *Histórias Que a Cecília Contava*, diz que “a linguagem popular brasileira - veículo das histórias de Cecília – surgiu de um reforço mútuo das fonéticas do português arcaico e de línguas africanas. Uma de suas características foi a hemorragia das vogais. A língua popular tem alergia a consoantes e paixão pelas vogais. Assim, na boca de Cecília, folha, por exemplo, vira **fôia**, coelho, **cuei**, andando, **andano**, flor, **fulo**”.

⁷ - Tu pensas que vais conseguir burlar Nhu Lobo! Quer dizer, eu largo-te, tu vais e fazes troça de Nhu Lobo. Deixa-me mas é preparar para te engolir.

⁸ - Está certo. Mas olha... embora desconfiado, vou confiar em ti. Vai, e não te demores [...] Onde está a coisa que me prometeste? Estás com intenção de sabotar Nhu Lobo? Diz-me rápido o que é que me vais trazer.

⁹ - Varinha de Condão?! Então vai, mas não te demores e nem mintas para Nhu Lobo. [...] Mas eu não tenho a certeza se este pauzinho presta para alguma coisa. Vou primeiro fazer experiência. Mas... o melhor é comer-te já, tu que me estás nas mãos. O seguro é na pança... e pança de Nhu Lobo.

¹⁰ - A sério? Então espere que eu experimente primeiro. [...] Ah Varinha de Condão, por virtude que Deus te deu, quero que estas areias se transformem em açúcar. [...] Ah Varinha de Condão, por virtude que Deus te deu, quero na minha frente uma tina bem grande, cheia de baratas e farelo azedo.

Ilustramos aqui, com um curto vídeo de uma narrativa de um caboverdiano iletrado, e que tornou rapidamente muito visto no *Youtube*, por seu total rompimento com a regra do português normatizado e, sem dúvida nenhuma, o conteúdo da narrativa é de uma forma extraordinariamente fascinante que cremos ser a razão de tanta apreensão e atenção da plateia. - <https://www.youtube.com/watch?v=duPKrE2jiS0>. Conforme Robert Darnton (2001), “*parece-nos que o néctar destilado a fim de se inebriar os ouvintes provém dos recursos expressivos que, à oralidade, são oferecidos de bom grado.*”

Em 2004 dramatizamos *As Aventuras de Nhu Lobo*, nossa primeira peça de teatro emanada dos contos populares. Foi apresentado em espetáculo no Auditório da Biblioteca Nacional na cidade da Praia – Cabo Verde, nos dias 15 e 16 de Dezembro de 2005 e, editado em livro em 2008; em 2009 deu estampa o 2º volume; em 2010, editamos num só volume *O Cão e o Macaco*, e *Manduco Vivo*, este último também em formato multimédia ou suporte DVD. E em 2011, também num volume só, saíram *As Aventuras do Pedro, Paulo e Manuel*, e *A Velha Feiticeira*. Algumas mais estão à espera de publicação, como: *João da Burra* compilado em 2004; *O Sapateiro e o Rei*; e *Soldado Barreto* em 2006; *Pedro Manhã* em 2007. Até ao momento temos assinado 53 peças de originais e 10 Traduções para o crioulo caboverdiano, afora um guião para telenovela denominado de *Stribilin*¹¹, resultado da fusão de maioria das nossas compilações; dois guiões para o cinema e duas mini-séries para televisão. As originais provieram das fontes seguintes: fábulas populares 10; músicas tradicionais 7; adaptação de outros textos 3; narrativas bíblicas 3; documentos políticos 2; documentos históricos 3; e 25 autocriações.

0.1.3 Lista das dramatizações:

TÍTULO	GÉNERO	ANO	LUGAR
FÁBULAS POPULARES = 10			
AS AVENTURAS DE NHU LOBO	Tragicomédia	2004	Pt. Amadora
JOÃO DA BURRA	Drama	2004	Pt. Amadora
MANDUCO VIVO	Comédia	2006	Cv. – P. Badejo
A VELHA FEITICEIRA	Comédia	2006	Cv. – P. Badejo

¹¹ – Extravagância.

AS AVENTURAS DO PEDRO, PAULO E MANUEL ¹²	Comédia	2006	Cv. – P. Badejo
O SAPATEIRO E O RAI	Comédia	2006	Cv. – P. Badejo
SOLDADO BARRETO	Comédia	2006	Cv. – P. Badejo
PEDRO MANHANHA	Drama	2007	Pt. Amadora
O CÃO E O MACACO	Comédia	2007	Pt. Amadora
AS AVENTURAS DE NHU LOBO II	Comédia	2009	Pt. Amadora
MÚSICAS TRADICIONAIS = 7			
PERDÃO, EMÍLIA ¹³	Tragédia	2006	Pt. Amadora
PEDRINHO DE NHA JOANA ¹⁴	Tragicomédia	2006	Pt. Amadora
FONSECA DE NHA SUSANA ¹⁵	Drama	2006	Cv. – P. Badejo
O DUCO CHEGOU ¹⁶	Drama	2007	Pt. Amadora
JOÃO DA CRUZ E HELENA	Sátira	2008	Pt. Amadora
EU, O JOSÉ	Drama	2010	Pt. Amadora
CHICA	Drama	2014	Pt. Amadora
ADAPTAÇÃO DRAMATÚRGICA DE TEXTOS DE OUTROS AUTORES = 3			
CHIQUINHO ¹⁷	Drama	2003	Pt. Amadora
NHA CIDÁLIA ¹⁸	Drama	2004	Pt. Amadora
TRAÇOS DO DESTINO ¹⁹	Drama	2013	Pt. Amadora
NARRATIVAS BÍBLICAS = 3			
AS FALHAS DO CRIADOR	Sátira	2008	Pt. Amadora
O NATAL	Sátira	2010	Pt. Amadora
O DILÚVIO	Sátira	2012	Pt. Amadora
DOCUMENTOS POLÍTICOS = 2			
VÉSPERA DA MORTE DE CABRAL	Tragédia	2006	Cv. – P. Badejo
EDITAL	Drama	2014	Pt. Amadora
DOCUMENTOS HISTÓRICOS = 3			
TRAGÉDIA DE JOANA D'ARC	Tragédia	2007	Pt. Amadora

¹² – Ficou classificada em primeiro lugar durante um festival de teatro promovido pela Câmara Municipal de Santa Cruz – Cabo Verde, em 2006.

¹³ – Segundo nos informou um dos membros do júri do *Concurso Literário Pedro Cardoso 2009*, a esta peça terá sido atribuída uma menção honrosa, com recomendação para sua publicação. Tal não aconteceu e nunca o Ministério da Cultura de Cabo Verde nos fez saber desta decisão do júri. Foi editado em livro “Trilogia” em 2010.

¹⁴ – Foi editado em livro “Trilogia II” em 2010.

¹⁵ – Foi editado em livro “Trilogia” em 2010.

¹⁶ – Foi editado em livro “Trilogia II” em 2010.

¹⁷ – Adaptação do Romance «*Chiquinho*» de Baltasar Lopes da Silva.

¹⁸ – Ibd.

¹⁹ – Adaptação do conto homónimo, de Vera Sousa Silva.

REVOLTA DE RIBEIRÃO MANUEL	Drama	2013	Pt. Amadora
ASSALTO AO PÉROLA DO OCEANO	Tragédia	2013	Pt. Amadora
AUTOCRIAÇÃO = 25			
A MINHA MADRASTA	Tragédia	1987	Cv. – S. Vicente
PAULITO	Tragédia	1988	Cv. – S. Vicente
NHU SEIS	Drama	1990	Cv. – S. Vicente
NHU JOSÉ	Comédia	1991	Cv. – P. Badejo
FÓRTI KULPA RIXU ²⁰	Tragédia	2005	Pt. Amadora
OSVALDINA	Comédia	2007	Pt. Amadora
VIRTUALISMO INSENSATO	Drama	2007	Pt. Amadora
A PEQUENINA VIAJANTE	Infantil	2007	Pt. Brandoa
O DRAGÃO QUE COSPE FLORES	Infantil	2007	Pt. Brandoa
NA CÂMARA MUNICIPAL	Sátira	2007	Pt. Amadora
TUDO PARA NADA	Drama	2009	Pt. Amadora
CALOTEIRO	Comédia	2009	Pt. Amadora
NOVAS OPORTUNIDADES	Sátira	2009	Pt. Amadora
CASA DE NHU BRANQUINHO	Drama	2011	Cv. Assomada
CAÇO BODE	Tragédia	2011	Pt. Amadora
CASAMENTO SOB REGIME DE SEPARAÇÃO DE CAMA	Drama	2012	Pt. Amadora
DROGANESA	Drama	2012	Pt. Amadora
JARACUNDA	Drama	2012	Pt. Amadora
FEITIÇO VIROU CONTRA O FEITICEIRO	Tragédia	2012	Pt. Amadora
A INJUSTA DONA JUSTA	Drama	2013	Pt. Amadora
OS DOIS EX	Comédia	2013	Pt. Amadora
JURAMENTO FATAL	Tragédia	2013	Pt. Amadora
A FESTA DE CRSTÃO	Drama	2014	Pt. Amadora
AS DESGRAÇAS DO DUCO	Drama	2014	Pt. Amadora
NHU LOBO, O CANDIDATO	Comédia	2014	Pt. Amadora
TRADUÇÕES = 10			
LÉKI ²¹	Comédia	2003	Pt. Amadora
TRES ARMUN FÉMIA ²²	Drama	2003	Pt. Amadora

²⁰ – Ganhou (*ex-aequo*) o Concurso Literário “Pedro Cardoso 2010”, e a entrega do prémio no valor de € 10.882,9 foi recusado. E nunca mais o concurso voltou a realizar-se. Foi editado, este ano, na versão bilingue “Triste Fadário / Fórti Kulpa Rixu” com o patrocínio da Biblioteca Nacional de Cabo Verde em 50%.

²¹ – *O Leque*, Carlo Goldoni.

²² – *As Três Irmãs*, Antonin Tchekóv.

MÉSTRI UBU ²³	Sátira	2004	Pt. Amadora
TIATU KÓMIKU ²⁴	Comédia	2004	Pt. Amadora
RAI ÉDIPU ²⁵	Tragédia	2004	Pt. Amadora
DABIU ²⁶	Comédia	2007	Pt. Amadora
TUDU KES KI KAI ²⁷	Drama	2007	Pt. Amadora
ALSESTI ²⁸	Tragédia	2008	Pt. Amadora
KOÉFORAS ²⁹	Tragédia	2008	Pt. Amadora
KORIOLANU ³⁰	Drama	2009	Pt. Amadora

GUIÕES = 5

SAGRADO PROFANO ³¹	Para cinema	2012	Pt. Amadora
STRIBILIN	Para uma telenovela	2013	Pt. Amadora
O BURRO CARREGA A PALHA PARA O CAVALO ³²	Mini-série p/ televisão	2014	Pt. Amadora
MENINO DE RUA ³³	Idem	2014	Pt. Amadora
OPERAÇÃO “VOO DA ÁGUIA” ³⁴	Para cinema	2014	Pt. Amadora

Citamos novamente o prefácio de *As Aventuras de Nhu Lobo*, p. 8:

O autor cuja obra aqui apresento é um praticante da escrita de peças. Para além da presente dramatização, de *Chiquinho* — adaptação para teatro do romance *Chiquinho* de Baltasar Lopes da Silva —, da escrita das peças *Perdão Emília*, adaptação da música homónima, de *Trabesura di Pedru ku Palu ku Manel*, entre outras, para além de artigos e de traduções e até direcção de teatro, Armindo Martins Tavares tem já um nome e uma obra relevantes e em crescente qualidade, tendo preparadas para publicação vários textos de teatro, contos, duas novelas, poesias e, muito importante pela sua urgente necessidade, um projecto de dicionário de crioulo/português. [Sic].

Galvanizado por este facto, de forma grifada e determinada, apresentamos este trabalho, como projeto final do nosso mestrado, testemunhando a potencialidade das Tradições Orais na elaboração de textos dramáticos, na esperança de que outros se interessarão por esta iniciativa que, não só os dignifica,

²³ – *Ubu Roi*, Alfred Jarry.

²⁴ – *O Teatro Cómico*, Carlo Goldoni.

²⁵ – *Rei Édipo*, Sófocles.

²⁶ – *O Percevejo*, Maiakóvski

²⁷ – *Todos os que Caem*, Samuel Beckett.

²⁸ – *Alceste*, Eurípedes.

²⁹ – *A Revolução das Mulheres*, Aristófanes.

³⁰ – *Coéforas*, Ésquilo.

³¹ – Fusão das peças: *As Falhas do Criador*, *O Natal* e *O Dilúvio*.

³² – Fusão das peças: *Nhu Seis*, *Osvaldina* e *As Desgraças do Duco*.

³³ – Fusão das peças: *Virtualismo Insensato* e *Tudo Para Nada*.

³⁴ – Fusão das peças: *Droganesa* e *Feitiço Virou Contra Feiticeiro*.

como dignifica o país, engrandece e internacionaliza a cultura, enobrece e imortaliza as tradições orais que em tempos faziam juntar *meninada* na rua de vizinhança, num momento de confraternização única e especial.

0.2 Metodologia aplicada

Após o levantamento e análise literária exaustiva dos mitos, fábulas e lendas do Ocidente desde os primórdios das suas existências, começando pelas peugadas do poeta grego, *Hesíodo* (séc. VIII a.C.), bem como as dos seus epígonos que pela mesma via se trilharam, seguindo-se a *Esopo* (620-564 a.C.), *Fedro* (15 a.C.-50 d.C.), e *La Fontaine* (1621-1695) nas fábulas; *Frínico* (séc. VI a.C.), *Pratinas* (c. 500 a.C.), *Esquilo* (c. 525/524-456/455 a.C.), *Sófocles* (496-406 a.C.) e *Eurípedes* (480-406 a.C.) nas tragédias; *Aristófanes* (448-388 a. C.), *Menandro* (c. 342-292 a.C.), *Plauto* (230-180 a.C.), e *Terêncio* (c. 195/185- c. 159 a.C.), nas comédias; *Charles Perrault* (1628-1703) e os irmãos *Grimm* (*Jacob*, 1785-1863) e (*Wilhelm*, 1786-1859), com os seus contos de fada, e pelo sequaz *Hans Christian Andersen* (1805-1875) também escritor de estórias infantis, verificamos que, desde sempre se vinha praticando a arte cénica no dia-a-dia por via de tradições orais. Seguidamente, abordaremos a estrutura narrativa dos mitos, suas origens e difusão, tentando enquadrá-los num contexto comunicacional. E por razões de complementaridade entre História, Filosofia e Religião, e impelido pela atração da Literatura Oral, enquadramos neste trabalho a dita era dos deuses ou teogónicas, desvinculando a teoria cosmológica e cosmogónica, que serão analisadas e contextualizadas. Abordaremos ainda a importância das Tradições Oraís, enquanto meio de transmitir acontecimentos, bem como o seu percurso e evolução às Artes Performativas. Por fim, faremos uma contextualização do teatro caboverdiano, com enfoque no período pós 1975. E como apêndice vai uma dramatização de um conto intitulado *João da Burra*, uma das estórias que ouvíamos das bocas de contadores de estórias da nossa aldeia como: Fidjinho Cego, Jaiminho, Chico Nhambina, Nhu Xinoi, infelizmente, quase todos já falecidos, à exceção do Chico. Ainda, pelo facto de algum conteúdo da estória narrada na peça *João da Burra* retratar uma comunidade *suis generis* em Cabo Verde, os “Rebelados”, apresentaremos uma sinopse do livro *Os Rebelados da Ilha de Santiago – Cabo Verde*, um importante estudo antropológico do jurista Júlio Monteiro, Júnior, editado em 1974, pelo Centro de Estudos de Cabo Verde, já na reta final da dominação imperialista.

1 O MITO DAS ORIGENS

Desde os primórdios da criação o homem começou a questionar sobre os complexos fenômenos da Natureza. E sem se poder perceber, muito menos explicar a origem das coisas, da procriação, das mudanças do clima, do dia e da noite, das colheitas, etc., atribuiu então, a criação desses misteriosos fenômenos a forças desconhecidas e que considerava ubíquos e onipotentes. Começou por explicar a realidade através dos mitos, por meio de genealogias divinas, em que as forças e os seres naturais estavam personalizados e simbolizados pelos deuses. Acreditava que os deuses interferiam diretamente nos assuntos humanos e, por isso, ofereciam-lhes sacrifícios em templos comuns ou em altares, com a finalidade de os acalmar. E começou assim, a era dos Deuses, explicada na teoria teogônica de Hesíodo, também conhecida por Genealogia dos Deuses. Para cada fenômeno natural era atribuída uma criatura ou um Deus diferente, detentor de toda a sabedoria, plena e completa, justiceiro que determinava o destino final das almas. Por isso, no que concerne à moral, um dos conceitos mais importantes para os gregos antigos era o medo de cometer *húbris* (arrogância). Para *Parménides* (c. 520 a.C.) e *Empédocles* (c. 495-435 a.C.), os deuses eram a personificação das forças da Natureza.

Dentro da corrente cosmogônica emergiram duas teorias com ponto de vista divergente. A cosmologia e a cosmogonia. Enquanto a cosmologia, como ramo da astronomia, já com um cunho especificamente científico, estuda a origem, estrutura e evolução do universo, a cosmogonia é uma das diversas teorias ou explicações que determinada religião ou cultura deu à origem do universo e seus principais fenômenos. Fala a respeito da origem ou formação do universo, da sua constituição, ordem e estrutura, no campo religioso e mitológico, desde a gênese bíblica e judaica até o conjunto de fábulas e histórias antigas.

Com o advento do cristianismo deu-se uma reviravolta no conceito mitológico. O cristianismo veio pôr fim, realmente, aos mitos, ou ele próprio foi mais um mito que surgiu há cerca de dois mil anos? Ora, a principal doutrina ou filosofia cristã é a substituição do politeísmo pelo monoteísmo. Os cristãos atribuem a um único Deus a criação e a propriedade de todos os componentes da natureza, e todos os fenômenos são por Ele regidos. E é esse Deus quem determina o destino das almas, punindo com energia de um implacável carrasco, aquelas que, durante o

tempo em que ocuparam a carcaça humana, prevaricaram ou desobedeceram os seus inatacáveis mandamentos. O cristianismo não foi mais do que simples “troca de moscas no mesmo *monturo*”. Tanto que, hoje em dia, os prosélitos da filosofia cética ou materialistas argumentam que o cristianismo, bem como as outras inúmeras religiões, são entraves à evolução científica, autênticos “ópios do povo”.

O cristianismo apregoa que a progenitura humana proveio de Adão e Eva, primeiras e únicas criaturas feitas diretamente por Deus. Adão, a partir do barro molhado e Eva, da costela de Adão. Entretanto, esse Deus perfeito, bondoso e justiceiro, revelou-se, desde logo, falhado e seus atributos postos em causa, conforme iremos ver num pequeno extrato, do fim da peça *As Falhas do Criador*, da nossa autoria, e que tivemos a oportunidade de apresenta-la, em síntese, nesta Escola em 2012, como trabalho para uma cadeira deste mestrado.

DEUS – (*matuta um bocado e fala para a Morte*) Olha, Morte, embora a tua interpretação não tenha sido à letra a minha intenção... tens razão. (*Fica no meio dos finados e faz sinal à Morte*) Chega também ao pé de mim, pobre Morte. Pela má interpretação, foste vítima de mais um erro meu. (*A Morte aproxima e abraçam-se todos*) Terrível desgraça está a viver o Universo. Já não consigo controlar aquilo que eu próprio criei. Já não sei o que vou fazer mais. Quase tudo o que eu fiz, até agora, saiu errado. Já são Sete as minhas falhas.

Primeira: Criei o Anjo de Luz para me acompanhar aqui no Paraíso Celeste, virei costas e ele tentou fazer alguém. Desobedeceu às minhas ordens, encetou contra mim a mais desenfreada concorrência desleal;

Segunda: Criei o Adão e criei a Eva, coloquei-os no Jardim do Éden para tomarem conta daquele Paraíso, para se acompanharem um ao outro eternamente, na paz, sossego e concórdia. No entanto, ignoraram as minhas leis e fizeram coisas que lhes proibi;

Terceira: Expulsei o Anjo de Luz do Paraíso Celeste e mandei-o para o Inferno, sob o nome de Satanás. Ousou tentar Adão e Eva e fê-los pecar contra o meu mandamento;

Quarta: Expulsei o Adão e a Eva do Jardim do Éden, coloquei-os na Terra, mandei-os parir, criar e multiplicar os filhos. Pariram Caim e várias outras pérfidas e ambiciosas criaturas.

Quinta: Sem razão aparente, nem justificação plausível, Caim matou Abel, seu próprio irmão. Colocando, assim, o grau da tabela estatística dos crimes de homicídio/fratricídio em 100%;

Sexta: A Terra encheu-se de ímpios e de pecadores. Encarreguei a Morte de lá ir e mandarmos aos poucos. Por ela não ter devidamente interpretado a minha linguagem, foi discriminar criaturas, e só me mandou estes desafortunados.

Sétima: Num excesso de fúria, furei-lhe os olhos como pretexto de boa justiça. E sendo ela minha filha, agora cega, por causa de mais um erro meu, para que então serve a luz que fiz?

Caramba! Já que tudo saiu errado, vou pegar no Mundo e torcê-lo, rebento com tudo para começar de novo. (*Pensa um bocado e volta para Morte*) Anda cá. (*A Morte chega perto dele com os olhos tapados com as mãos, e ele sente-se comovido*) Vou recomeçar o mundo com novas criaturas, com apenas oito pessoas. Vou mandar Noé construir uma grande arca e meter lá dentro um par de cada espécie viva, abro a torneira durante quarenta dias e quarenta noites, faço um dilúvio e acabo com o meu Mundo. E tu vais continuar o teu ofício. Para recompensar os teus olhos furados vou arranjar-te um companheiro. Um companheiro que te ajudará nas tarefas, mas não irá ouvir as tuas ordens. Ele irá assinalar aquele que tu irás mandar-me. O nome dele será Doença. Como tu és cega, ele será surdo. [Sic].

1.1 A era dos deuses

Segundo *Hesíodo*, seis gerações de deuses se sucederam, com o *Caos* a encabeçar a primeira. Este era um deus andrógino, trazendo em si tanto o masculino como o feminino. Por isso, de forma assexuada, engendrou *Gaia* ou a *Terra* que, da mesma forma gerou *Urano* ou o *Céu*, com quem veio a juntar-se e gerar doze Titãs: *Oceano*, *Ceos*, *Crio*, *Hipérion*, *Jápeto*, *Tétis*, *Febe*, *Têmis*, *Téia*, *Mnemósine*, *Réia* e *Crono*. Eram seres híbridos, passíveis de transformarem-se em animais e conseguirem os seus objetivos. Nenhum era humano por completo. Serão os ancestrais dos futuros deuses olímpicos, heróis e também dos próprios mortais. Moravam num imenso palácio, construído no topo do monte *Olimpo*, a mais alta montanha da Grécia. Constituíam uma grande família e estavam sempre prontas a guerrear entre si.

Urano e *Gaia* geraram ainda os *Ciclopes* (criaturas de um olho só) e os *Hecatonqueiros* (gigantes de 100 mãos e 50 cabeças).

Temendo um fado nefasto, *Urano* foi mantendo, presos no ventre da *Gaia*, todos os filhos que ela gerava. Certo dia, insatisfeita com a situação, *Gaia* engenhou uma cilada contra o velho deus e, em cumplicidade com um dos filhos, o mais novo dos *titãs* chamado *Crono*, este decepou os órgãos genitais do pai e atirou ao mar. Formou-se uma espuma, da qual brotou *Afrodite*. Do sangue de *Urano* que caiu sobre a Terra, nasceram os *Gigantes*, as *Erínias* e as *Meliades*.

Crono uniu-se, entretanto, a uma de suas irmãs, *Reia*, e teve vários filhos. E tornou-se um pai terrível para com estes. Receando de que algum deles o desafiasse o poder sobre o mundo, engolia-os todos mal nasciam.

Porém um deles, *Zeus*, com a astúcia da mãe escapou a esse trágico fadário. Quando ele nasceu, *Reia* deu uma pedra para *Crono* engolir no lugar do recém-nascido. E entregou *Zeus* às ninfas para o criarem. Após crescer e se tornar forte, *Zeus* deu uma poção ao pai, que o fez vomitar todos os filhos engolidos. E com a ajuda dos irmãos, *Zeus* derrotou *Crono* numa sangrenta guerra chamada titanomaquia e passou a ser ele o grande chefe de todos os deuses. *Crono* foi preso para sempre no *Tártaro*, o mundo subterrâneo para onde iam os mortos.

Um novo panteão de doze deuses, composto por *Zeus*, *Hera*, *Posidão*, *Apolo*, *Ártemis*, *Afrodite*, *Ares*, *Hefesto*, *Atena*, *Hermes*, *Deméter*, *Héstia* e *Dionísio*, surgiu.

Residiam no Olimpo debaixo dos olhos de *Zeus* que governou com dureza e não poupou vingança aos que o competiram durante e depois da *titanomaquia*. Infligiu castigos severos aos vários tios, primos e irmãos titãs. Atlas, por exemplo, por tê-lo enfrentado na *titanomaquia*, ao ser derrotado, recebeu como castigo a missão de carregar o mundo às costas; *Prometeu*, criador do primeiro ser humano a partir do barro e água, foi acorrentado no monte Cáucaso por ter roubado o fogo do Olimpo para dar aos mortais. Durante 30.000 anos uma águia lhe dilacerava o fígado durante o dia, que voltava a regenerar para ser novamente devorado no dia seguinte; *Sísifo* recebeu como castigo empurrar uma pedra até o lugar mais alto da montanha, de onde ela rola de volta; *Tício* foi condenado a ficar esticado, preso por seus braços e pernas, com abutres a comer-lhe o fígado; *Tântalo* foi lançado num vale abundante em vegetação e água, mas sentenciado a não poder saciar sua fome e sede, visto que, ao aproximar-se da água esta escoava e ao erguer-se para colher os frutos das árvores, os ramos moviam-se para longe de seu alcance; *Íxion* foi preso a uma roda em chamas e condenado a nela girar pela eternidade.

Nessa era os homens e os deuses mesclavam-se livremente. Praticavam violência, possuíam ciúme, cólera, ódio, inveja, e tinham grandezas e fraquezas humanas. E dessas mesclas surgiu uma terceira classe especial, que são denominados heróis ou *semideuses*. E esses, sendo o resultado do cruzamento de um deus com uma mortal, eram merecedores de culto realizado em suas campas.

Esse episódio é aludido na comédia *As Aves*, de *Aristófanes* (448-388 a.C.) que exorta as aves para colocarem uma rede entre o céu e a terra, obstaculizando a passagem dos deuses, impedindo-os de virem namorar as mortais na terra e proliferarem o mundo com deuses bastardos.

1.2 Filosofia versus mitologia

Na tentativa de explicar a realidade por meio de conceitos cosmológicos, alguns elementos naturais como a terra, a água, o ar e o fogo foram tidos como forças internas naturais, que se transformam, dando origem ao Universo. E surgiram os primeiros filósofos que consideravam esses elementos originários como forças, mas não personalizados nem sua ação explicada por desejos ou paixões.

A filosofia nasceu através do mito, acabando aquela a opor-se a este. Surgiu no início do século VI a.C. em Mileto, a partir da preocupação dos filósofos pré-

socráticos, *Tales*, *Anaximandro* e *Anaxímenes*, no intuito de descobrir, ou meramente indagar qual seria o elemento primordial do universo e da natureza, aquele que deu origem ao mundo. Surgiu justamente para tentar explicar a verdade e proporcionar a sua compreensão, de uma outra forma, na necessidade de o homem se entender melhor o fenómeno «Origem» ou «Criação». Foi criada para suprir a incompreensão que até aí pairava. A partir daí as concepções cosmológicas da mitologia começaram a ser postas de lado para serem substituídas por novos estudos acerca do assunto, novos conceitos, dessa vez racionais. E nos finais do século V a.C., depois do auge da filosofia, da oratória e da prosa, o destino e a veracidade dos mitos tornaram-se incertos e as genealogias mitológicas deram lugar a uma nova concepção da origem das coisas, privilegiando a exclusão do sobrenatural. Enquanto os poetas e dramaturgos elaboravam os mitos, os historiadores e os filósofos desprezavam e criticavam-nos. *Platão* era um ousado crítico de *Homero* por este atribuir aos deuses a responsabilidade de todas as infâmias mitológicas. Ele desaconselhou o estudo de *Homero*, das tragédias e das tradições relacionados aos mitos gregos, conforme deixou patente em sua utopia *A República*. Alguns filósofos radicais, como *Xenófanes* e seus sequazes, começaram no século VI a. C a rotular os textos de certos poetas como blasfémias. Queixavam-se de que atribuíam aos deuses tudo o que é vergonhoso e escandaloso. Que roubam, matam, estupram, cometem adultério; são embusteiros, invejosos, iracundos, e enganam uns aos outros.

Inobstante o surgimento da Filosofia, a mitologia continuou bem vincada nas sociedades greco-romanas até ao advento do cristianismo. E mesmo depois da ampla adoção do Cristianismo no Ocidente, não diminuiu a popularidade dos mitos greco-romanos. E, com o iluminismo e o redescobrimento da antiguidade clássica no Renascimento, a poesia de certos poetas latinos converteu-se numa influência importante para a imaginação dos demais poetas, dramaturgos, músicos e artistas ocidentais. Desde os primeiros anos do Renascimento, personalidades como *Leonardo da Vinci*, *Michel Ângelo*, *Rafael* e outros, retrataram os temas pagãos da mitologia grega, adicionando temas cristãos mais convencionais. As obras de *Ovídio* e os mitos gregos influenciaram poetas medievais e renascentistas como *Petrarca*, *Boccaccio* e *Dante*, na Itália.

Entretanto, *Antônio Salatino*, biólogo brasileiro, argumenta que o cristianismo representou o fim da mitologia. Um processo que conduziu ao desenvolvimento do pensamento racional, favorecendo assim o desenvolvimento da ciência. Discordamos, porém, dessas observações, pelas seguintes razões:

– Em primeiro lugar, o cristianismo não representou o fim da mitologia. Instituiu, sim, um novo conceito mitológico que é o de Deus único, poderoso, bondoso e condescendente em oposição ao Diabo oportunista, malvado e perverso. Relegou o politeísmo e elegeu o monoteísmo para minimizar os conflitos entre deuses e criou um único adversário – o Demônio – para desafiar esse único e intocável Deus. As suas doutrinas estão muito agarradas aos dogmas (que eles chamam de «fé») da criação, do juízo final, da imortalidade e do destino da alma.

Em segundo lugar, o cristianismo não favoreceu o desenvolvimento da ciência. Antes pelo contrário. Ele acredita que tudo é criado por um Deus verdadeiro, onipotente e onipresente, único Ser (perfeito) que não erra nas suas ações.

E em terceiro lugar, o cristianismo não permitia qualquer pensamento que fosse racional. Tudo era à base da fé e nada podia contrariar os padrões dogmáticos da sua doutrina. Qualquer criatura que ousasse subverter a autoria do Criador era severamente castigada pela Santa Inquisição, queimada viva e ao vivo na fogueira.

Ou será que devemos ignorar as atrocidades de *Torquemada*, *Calvino*, e alguns papas em nome e defesa do cristianismo? Quantas pessoas foram cruelmente assassinadas por sentenças diretas desses e dos demais seguidores da doutrina cristã? Milhares de pessoas que tiveram a audácia ou a inocência de desafiar os interesses escusos dos papas e reformistas foram condenadas aos mais terríveis suplícios, entre os quais estavam a fogueira, a marreta, a forca e a guilhotina de lâminas afiadas. Segundo *Dan Brown*, no *Código da Vinci* (p.158), a Igreja terá queimado 5.000.000 de bruxas entre a idade média e a idade moderna. E para elucidar, citaremos alguns nomes de vítimas sobejamente conhecidos:

– *Giordano Bruno* (1548-1600), teólogo, filósofo, escritor e frade dominicano italiano foi condenado à morte na fogueira pela Inquisição romana por heresia; *Miguel Servet*, (1511-1553, teólogo e médico espanhol – descobridor da circulação sanguínea –, foi lançado à fogueira por ordem do *João Calvino*; *Lavoisier* (1743-1794) – pai da Química Moderna –, foi guilhotinado, embora por um tribunal civil,

durante o “Terror Jacobino”; *Joana D’Arc* (1412-1431) e até o nosso dramaturgo *António José da Silva* (1705-1739) serviram para alimentar a combustão do Santo Ofício. *Galileu Galilei* (1564-1642) escapou por ter sido amigo pessoal do papa Urbano VIII que lhe reconhecia os méritos. Por ordem do papa Paulo IV, um estudante de Direito Civil na Universidade de Pádua, *Pomponio Algerio* (1531-1556), foi queimado em óleo fervente, tendo permanecido lúcido por 15 minutos antes de morrer. Tudo em nome do mito da criação, imposto pela doutrina cristã que punia os infratores com penas cruéis, movidas pelo ódio, vingança e sadismo requintados.

Com o evoluir da filosofia e o despertar da consciência humana sobre a razão, tudo o que para os antigos era pura religião, emanada e comandada por deuses poderosos, hoje são considerados de mito.

"O mito é o nada que é tudo." (*In «Mensagem» de Fernando Pessoa*).

Não é por acaso que, desde sempre, os deuses são acusados de “estupradores, assassinos, embusteiros, invejosos e iracundos”. E dizem ainda ser “*um absurdo que alguém que não deveria reinar nem entre os mortais fosse considerado uma das potestades celestes. [...O] Deus vingativo, e que anda frequentemente irado, não podia ser considerado um exemplo de virtude*”. (<http://osdeusesehomem.blogspot.com/> consultado em 18/06/2014).

2 TRADIÇÕES ORAIS COMO MEIO DE TRANSMITIR ACONTECIMENTOS

Como ser pensante e que vive em comunidades, o Homem sentiu-se a necessidade de comunicar entre si. Criou um código e inventou a linguagem. Começaram a surgir as primeiras narrativas que, os anciões, sendo os mais sábios, transmitiam de forma oral, os conhecimentos armazenados em suas memórias. Esses conhecimentos foram circulando de geração em geração, durante vários séculos. Como eram transmitidas de forma oral, e repassadas de geração a geração, essas tradições sofreram alterações à medida que foram sendo recontadas. As informações estavam sujeitas a deturpações por parte de quem as transmitia. Por isso, algumas lendas como a *origem de Afrodite*, a *lenda do Narciso*, o *mito de Himeneu*, etc., têm mais do que uma versão. Pois, como diz o dito popular *Quem conta um conto acrescenta um ponto*. Robert Darnton corrobora esta ideia, conforme o texto que se apresenta de seguida:

“Narradores camponeses abordavam os mesmos temas e lhes faziam modificações características. Os franceses de uma maneira, os alemães de outra. Enquanto os contos franceses tendem a ser realistas, grosseiros, libidinosos e cômicos, os alemães partem para o sobrenatural, o poético, o exótico e o violento”. (Darnton – 2001, pp. 74-75).

Depreende-se ainda que, através destas tradições populares, os homens tiveram a oportunidade de entrar em contacto com temas que diziam respeito à condição humana vital e concreta, suas buscas, seus conflitos, seus paradoxos, suas transgressões e suas ambiguidades. Maria Lucia Gili Massi, apontou numa entrevista de Maio de 2005, que os mitos ajudam a entender relações humanas. No texto abaixo pode-se constatar o mesmo, nas palavras de Cecília Meireles:

“A fábula, velha invenção de todos os povos, em todos os lugares da terra, foi sempre a forma predileta de transmissão do ensinamento moral, e não é de estranhar que se encontrem coincidências surpreendentes a imensas distâncias no espaço e no tempo. (MEIRELES, 2001, p.332).

Até ao tempo de Homero e de Hesíodo, a memória auditiva e visual eram os únicos recursos de que dispunham as culturas orais para o armazenamento e a transmissão do conhecimento às futuras gerações. A inteligência estava intrinsecamente relacionada à memória.

3 DAS TRADIÇÕES ORAIS ÀS ARTES PERFORMATIVAS

Desconjuntar o binómio Tradição Oral e Arte Performativa, urge, em primeira mão, questionar o que é Tradição Oral? E, grosso modo, responderíamos que Tradição Oral é a preservação de histórias, lendas, usos e costumes através da fala, de geração em geração. Origina-se do primórdio dos tempos, quando ainda não havia a escrita nem materiais que pudessem manter e circular os registos históricos. São conhecidos como património oral ou imaterial. Passou a designar-se *Literatura Oral* em 1881, por *Paul Sébillot* (1846-1918). No seu livro *Littérature Orale de la Haute Bretagne*, define a *Literatura Oral* como todas as manifestações culturais, de fundo literário, transmitidas por processos não gráficos; pela palavra falada ou pelas cantorias, provérbios, adivinhações, anedotas, lendas e mitos de criação coletiva. As principais personagens fazem parte do folclore e têm origem indígena ou europeia. (*Almanaque Abril, 1995*). Tem sido muito valorizada e alguns eruditos dedicam-se ao seu estudo e compilação, como *Charles Perrault* em França, *Jacob e Wilhelm Grimm* na Alemanha, *Hans Christian Andersen* na Dinamarca, os irmãos brasileiros *Maria Selma*, *José Murilo* e *Ana Emília de Carvalho*, com a coletânea de *Estórias Que a Cecília Contava* e, ainda, em Cabo Verde, *Tomé Varela da Silva* com os vários volumes de *Na Bóka Noti* e *Jorge Humberto Lima* com dois volumes de *Lobu i Tubinhu*. Por além dos poemas homéricos constantes das duas epopeias gregas *Ilíada* e *Odisseia*, que inicialmente eram recitados de memória.

E a Arte Performativa é uma modalidade de manifestação artística interdisciplinar que pode combinar teatro, música, poesia ou vídeo. Surgiu na segunda metade do século XX, ligada aos movimentos de vanguarda (*dadaísmo*, *futurismo*, *Bauhaus*, etc.). Goza da característica única de fazer reunir as pessoas num lugar público para responder em conjunto a uma experiência artística, quer seja ver dançar, ouvir uma sinfonia ou assistir a uma peça. E dentro destas correntes artísticas, destacam-se:

a) *O Happening* — acontecimento artístico teatralizado, típico dos anos 60 e 70 do séc. passado, que incluía atividades das artes visuais quer planeadas, quer improvisadas. Alguns historiadores o definem como sinónimo de performance. Mas é diferente porque, além do aspeto de imprevisibilidade, geralmente envolve a participação direta ou indireta do público espetador. A sua diferença para o Teatro reside na inexistência de narrativa. Para o compositor *John Cage* (1912-1992), são

"eventos teatrais espontâneos e sem trama". Surgiu em Nova Iorque como evolução do Expressionismo Abstrato;

b) *Action Art* — Termo utilizado a partir dos anos 60 para designar ações ou atividades artísticas ou o registo dessas atividades. É uma forma de *Happening* menos teatralizada e mais conceitualizada;

c) *Body Art* — (Arte Corporal) Termo utilizado a partir de 1967 para designar formas de arte em que o artista emprega o próprio corpo como média. Por exemplo: "*Piercing*, tatuagem", etc.

Ora, descrevendo o percurso, *Da Tradição Oral à Arte Performativa* neste projeto em que o limite das palavras nos é imposto, não só é difícil como é impossível se não nos desviarmos pelo atalho da conveniência. E é isso que iremos tentar fazer, situando as questões numa perspetiva, mais ou menos cronológica.

As Tradições Oraís surgiram a partir da necessidade de o homem se comunicar entre si. E, no Ocidente, data-se do séc. XII a.C., o início da Literatura Oral, como meio de entretenimento, educação, preservação da cultura e para incutir conhecimentos e valores morais entre gerações através de fábulas, mitos e lendas. Com a invenção da escrita, as histórias foram transcritas e compartilhadas através de grandes regiões do mundo. A medida que as atividades humanas tornaram-se mais refinadas e complexas, histórias visuais foram sendo apresentadas em imagens gravadas em madeira, bambu, marfim e pedra, pintadas sobre tela, seda e papel, gravadas em filme e armazenadas eletronicamente, como imagens digitais, nos nossos dias. E no século VIII a.C., Homero transpôs na sua epopeia *Ilíada* os relatos dos eventos finais da Guerra de Tróia, entre gregos e troianos, que durou aproximadamente 10 anos. E numa outra obra sua, *Odisseia*, conta-nos o retorno do ardiloso guerreiro Ulisses e seus soldados à ilha de Ítaca.

A partir do séc. V a.C., como resultado da preservação de Tradições Oraís, começaram a desenvolver novas técnicas de narrativa. Surgiram na Grécia, os primeiros géneros do teatro como a tragédia, a sátira e a comédia.

Entre 335 e 323 a.C. surgiu a primeira teorização sobre o teatro com a escrita da *Poética* pelo filósofo grego *Aristóteles*. Este afirma que a tragédia surgiu de improvisações feitas pelos chefes dos ditirambos, um hino cantado e dançado em honra a Dionísio, o Deus grego da fertilidade e do vinho. Era uma espécie de

procissão informal que servia para homenagear o Deus do Vinho. Tinha um coro formado por *coreutas* e pelo *corifeu* que cantavam, dançavam, contavam estórias e mitos relacionados a Deus.

Outras teorias defendem que o teatro surgiu desde as primeiras sociedades primitivas, em que acreditava-se no uso de danças imitativas como propiciadoras de poderes sobrenaturais que controlavam todos os factos necessários à sobrevivência. Possuía o carácter de exorcização dos maus espíritos. Mais tarde o *ditirambo* evoluiu e, numa das procissões, *Téspis* subiu num altar, para responder ao coro, fingindo que tinha o espírito de *Dionísio* incorporado no dele. Daí surgiram os diálogos, criou-se a ação na estória e surgiram os primeiros textos teatrais. *Téspis* tornou-se o primeiro ator grego.

Aristóteles considera a tragédia superior a epopeia por aquela possuir componentes extras, como a música e o espetáculo. Contém todos os elementos da epopeia mais a melopeia (música) e o espetáculo cénico. Ambos acrescem a intensidade dos prazeres e são próprios da tragédia.

A última fase da evolução dramática ateniense, exerceu profunda influência sobre os romanos *Plauto* e *Terêncio*. O poeta e dramaturgo inglês, *William Shakespeare* (bat. 26/04/1564 – m. 23/04/1616) e o dramaturgo, ator e encenador francês, *Molière* (15/01/1622 -17/02/1673), este, considerado um dos mestres da comédia satírica, terão inspirado nas obras desses insignes romanos.

Os tempos foram passando, os conceitos foram evoluindo e novos géneros foram surgindo, como a *Ópera* e o *Drama*. Também os textos para o teatro sofreram inovações, deixando de ser escritos em versos e passaram a ser em prosa.

Por volta de 1450, com a invenção da imprensa, pelo alemão *Guttenberg*, os livros passaram a ser impressos e distribuídos em grande quantidade. E o início do séc. XVII é considerado a data do surgimento do romance, com *Dom Quixote de La Mancha*, de *Miguel de Cervantes*;

Os sucessivos progressos tecnológicos serviram para a difusão das técnicas e teorias. Nos anos de 1890, com invenção da fotografia muitas das revistas internacionais de arte já continham fotos;

Em 1895, com a invenção do rádio e, 1926 com o aparecimento da televisão, a arte passou a ser reproduzida, permitindo que as ideias fossem transmitidas por todo o mundo rapidamente. Assim, os estilos de arte podem ser observados, as teorias debatidas e as técnicas compartilhadas;

Com a massificação³⁵ da Internet nos anos 90 do último século, os artistas colocam suas obras em exposição e podemos pesquisá-las e saber mais sobre diferentes estilos em tempo real, interagindo com os respectivos autores em qualquer parte do globo através de novas tecnologias como as aplicações das redes sociais: *Facebook, Twitter, Youtube, Skype, Oovoo, etc.*

³⁵ – A Internet surgiu em 1960

4 A CONTEXTUALIZAÇÃO DO TEATRO CABOVERDIANO

O teatro caboverdiano, de acordo com a nossa percepção, é tão antigo quanto ao achamento do próprio arquipélago pelos navegadores portugueses, Diogo Gomes e António da Noli, entre 1460 e 1462, embora não tendo sido permitido, legalmente, o seu aviamento tradicional ou verdadeiramente autóctone, até 1975. Pois, tudo o que antes era permitido e que pudesse ser considerado tradição terra a terra, era à lupa joeirado pela administração, que receava insurreição por parte dos escravos, e pela Igreja que não considerava muito *católica* as tradições africanas, apodando-as mesmo de profanas e pagãs. Não se podia representar nenhuma cena que ferisse a moral doutrinária cristã ou que criticasse o sistema político vigente, por mais que a verdade fosse transparente e óbvia. Esta tese vem corroborar a de *Kwame Kondé*, pseudónimo do cirurgião caboverdiano Francisco Fragoso, quando no seu livro *Escritos Sobre Teatro* (2010, p. 15), regista as seguintes passagens:

Tratando-se, com efeito, dum país, vivendo sob domínio colonial, a arte cénica (e, por extensão obviamente a própria música e todas as demais outras formas culturais e artísticas), dado a(s) sua(s) força(s) de impacto, poder de persuasão e capacidade de resistência, nunca poderia(m) ser permitida(s) ou, pior ainda, fomentada(s). Aliás, pelo contrário, contrariá-la(s), reduzindo-a(s) ao nada era a hipótese que se impunha institucionalizar (que, aliás, vigorou com grande e espantosa eficácia) ...

Pode-se apurar que algumas tradições trazidas pelos escravos da Costa da Guiné nos induzam às especulações de que o teatro caboverdiano terá daí surgido. Essas manifestações eram demonstradas através de danças e estilos musicais tradicionais das suas origens, por meio de três géneros de manifestações culturais – o *Funaná*, o *Batuque*, bem como a música e a dança da *Festa da Tabanca* –, onde os escravos exteriorizavam as suas angústias, choravam as suas mágoas, partilhavam as suas dores e lamentavam os seus sofrimentos.

O *Funaná*, principalmente, era o mais abrangente. Apesar de hostilizado, era praticado de forma velada ou clandestina, em larga escala no interior da ilha mãe, ou Santiago. Executado a partir de uma gaita de fole – a concertina – e de um pedaço de ferro – o ferrinho – percutido com uma faca, abrilhantava todas as festas populares e de romarias. As músicas eram improvisadas e as letras parodiavam as situações mais triviais do quotidiano crioulo. Uma catástrofe, um amor frustrado, um casamento mal sucedido ou que a noiva já era usada, um marido enganado, a separação e a saudade, a partida e o regresso, o mar e a emigração, a fome e a miséria são passíveis de serem musicados.

Apraz-nos, porém, transcrever aqui dois exemplos do que acabamos de referir. Primeiro: num certo dia de Verão, do ano de 1970, depois de uma quinzena de trabalho na Brigada Estrada, os trabalhadores receberam os seus salários. Foram às lojas liquidar suas contas da quinzena anterior e aprovisionaram novos fornecimentos de milho, feijão, arroz, banha, peixe, açúcar, pirão, petróleo, sal, café, sabão, etc., e apanharam depois uma boleia num camião basculante, pertencente ao Estado, que transportava paralelos.³⁶ Foram sentados por cima desses paralelos, na carroçaria do dito basculante. Percorrido cerca de três/quatro quilómetros, na localidade de Santa Cruz, concelho do mesmo nome, o basculante capotou-se e 13 pessoas perderam a vida. Debaixo do basculante ficaram rastos terríveis da tragédia: cadáveres, compras, notas de cem escudos, entre outros. E em menos de uma semana, essa tragédia já era musicada e cantada pelos gaiteiros.

Segundo: em 1971, o Governo Português mobilizou os mancebos com mais de 18 anos para a guerra no ultramar. A instrução militar seria no quartel de Morro Branco em São Vicente e os soldados seguiriam depois para Lisboa, de onde seriam distribuídos para Angola, Moçambique, Guiné e Timor. Enquanto as mães choravam desesperadas, incertas de que haveriam de voltar a ver os filhos, estes, no camião militar a caminho do quartel, tocavam a gaita e cantavam:

Rapasis nobu / Di dizoitu anu / Ma papel dja ben / Pa nu bai Moru Branku.

E ka mi ki fla / E governu ki fla / Ma dja txiga óra / Di nu bai konxe Lisboa.

Tradução:

Rapazes novos / De dezoito anos / O documento chegou / E vamos ao Morro Branco.

Não fui eu quem disse / Foi o governo que disse / Que a hora chegou / De irmos conhecer Lisboa.

Já o *Batuque*, uma excelência nas cerimónias do casamento, narra as epopeias marcantes como a emigração forçada para as roças de São Tomé e Príncipe nos anos 40 e 50 do último século, de jovens que perdem virgindade por litros de milho de um morgado sem escrúpulos, de uma adolescente que fica grávida

³⁶ - Paralelos: Pedras talhadas em forma de paralelepípedo, utilizadas no calcetamento de estradas.

de um *rapasinho kondoli peladu*³⁷, que só a volta a procurar depois de a criança estar nascida e ela restaurada, com a intenção de *korta-l leite*³⁸.

E a *Festa da Tabanca* conserva em si a pureza tradicionalista e praxes vivenciadas pelos escravos oriundos das diversas tribos do continente negro. Ao nosso ver, pois não conhecemos documento que comprove, ela contém marcas que aduzam a hipótese de o teatro caboverdiano ter surgido daí. É uma manifestação cultural com características semelhantes ao ditirambo na Grécia antiga. Ora Vejamos a explicação do geógrafo e docente da Universidade de Cabo Verde José Maria Semedo:

Carateriza-se por ter um andamento compassado e binário, e tradicionalmente ser apenas melódico, isto é, ser cantado sem acompanhamento polifónico. Estrutura-se no canto/resposta em que o cantor principal entoava versos que logo a seguir são repetidos em uníssono pelos restantes cantores. O acompanhamento rítmico é executado em tambores, búzios e apitos e, vão dançando ao longo do desfile. A parte do desfile consiste num cortejo, que se inicia à porta de uma igreja e vai percorrendo pela aldeia. Esse desfile, chamado *buska santu* (buscar o santo), destina-se a, recuperar um santo que foi previamente roubado no ato chamado *kunpra santu* (comprar o santo). Cada elemento desse cortejo representa um elemento de uma aldeia, com cada um a desempenhar uma função específica. Existe o rei da Tabanca, a rainha, o padre, os cativos, os forros, o médico, o ladrão, o bobo, o falcão, etc. Tudo decorria num clima de festa e de genuína representação artística. (Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Tabanca>).

Não se sabe ao certo a origem da *Festa da Tabanca*. José Maria Semedo e Maria Turano defendem que:

... uma das hipóteses para o surgimento da Festa da Tabanca remete-nos para algum ano do séc. XVIII, num dia 3 de Maio. Nessa data é celebrada a festa de Santa Cruz, e os senhores dos escravos, imbuídos de algum espírito cristão, teriam concedido, por um dia, a liberdade aos escravos, permitindo-os que elaborassem os seus festejos. Os escravos teriam então aproveitado essa liberdade temporária para realizar um teatro de rua onde ridicularizariam toda a estrutura social então em vigor. (*Ibd*).

Juntando sincreticamente aspetos religiosos cristãos com práticas de origem africana, a *Festa da Tabanca* foi-se desenvolvendo num desfile em que cada interveniente representava um elemento da sociedade como o rei e a rainha, o bispo, os santos, o polícia, o ladrão, o bobo, o médico, o curandeiro, etc. Entretanto, nos finais do século XIX surgiram diplomas legais proibindo a sua execução.

Hoje, por falta de formação e informação, os caboverdianos consideram o termo *Tabanca* como um género musical ou um estilo de dança. E não é verdade.

³⁷ - «*Rapasinho condole pelado*»: Jovem pobretão, sem eira nem beira.

³⁸ - «*Cortar-lhe o leite*»: Primeira relação sexual após o nascimento de um filho. Muitos cavalheiros pagavam fortuna para serem eles o cortador de leite. Um pai que não tivesse essa sorte era *chacotado* e humilhado.

Na Guiné Bissau *Tabanca* significa uma aldeia ou um povoado, de onde, possivelmente, Cabo Verde o terá importado. Portanto, quando se diz a *Festa da Tabanca*, quererá dizer-se a festa que se pratica numa aldeia ou num povoado.

Entretanto, existem indícios reveladores de várias tentativas para implementação do teatro em Cabo Verde, na segunda metade do século XIX. Segundo *Kwame Kondé*, no seu já citado livro, (p. 18), só na vila da Praia (mais tarde cidade) fundaram-se entre 1857 e 1892 cerca de treze associações recreativas e culturais, designadamente:

1857 – Sociedade Recreativa Esperança; 1864 – Sociedade Filarmónica juventude; 1867 – Grémio Promotor, Sociedade Dramática do Teatro Africano e Associação Igualdade, estabelecida com o fim de promover e animar o estudo da arte dramática; 1868 – Sociedade Dramática do Teatro de D. Maria Pia de Sabóia; 1869 – Sociedade Gabinete de Leitura; 1876 – Sociedade *Euterpe*; 1880 – Sociedade Recreativa Clube União e Associação Literária Grémio Caboverdiano; 1886 – Associação dos Artistas da Cidade da Praia; 1892 – Sociedade Recreativa Praiense.

E acrescenta ainda que “esses grupos eram estruturalmente alheios à massa, ou melhor, ao povo caboverdiano. E alguns estavam condenados, *ab inítkio*, ao malogro por dotarem conteúdos completamente divorciados da realidade sociocultural do arquipélago”.

Nessa altura, a 21 de Março de 1863, foi construído na Cidade da Praia – Capital da Província –, o Teatro que se denominou “Africano”, mas, que mais tarde, por imposição do governo colonial, passou-se a chamar Teatro Virgínia Vitorino, em homenagem a uma poetisa, dramaturga e tradutora portuguesa. Alguns dos célebres atores de então, como Taborda e Joaquim de Almeida chegaram a atuar aí. Atualmente é o Cineteatro Municipal da Praia.

Como afirma João Branco, na página 64 do seu **Nação Teatro – História do Teatro em Cabo Verde** «*devido a carência de documentos que comprovem a existência do teatro em Cabo Verde, ou que nos dotem de algumas pistas que permitam compreender a forma e as razões desse mesmo teatro*», muito do que se fala sobre esta matéria antes da independência nacional, pode ser pura especulação. A literatura dramática tem sido subvalorizada ou mesmo ignorada, o

que mais distante nos coloca a hipótese de compreender o que foi o teatro colonial em Cabo Verde. Normalmente o teatro caboverdiano se resume à encenação e interpretação, através de improvisos e espontaneidade, ficando a dramaturgia, propriamente dita, muito aquém ou, diria mesmo, no plano zero. Sobre este assunto escreveu o poeta e jurista José Luís Hopffer Almada, na revista *Kultura* nº especial, Setembro de 2001, p.201, o seguinte:

«O teatro em Cabo Verde – Breve historial. Contrariamente aos outros géneros literários, o teatro tem conhecido, enquanto texto literário, um desenvolvimento assaz incipiente em Cabo Verde». E diz ainda: «devido à insuficiência de textos dramáticos, os grupos têm recorrido à adaptação de textos poéticos ou de até de prosa de ficção, a textos de autores estrangeiros, à recriação de tradições orais ou a criação colectiva durante os ensaios a partir de um guião mínimo».

Acreditamos que o verdadeiro teatro caboverdiano terá surgido a partir de 1975, com o surgimento de grupos locais, incidindo a sua criação cénica à volta da cultura e tradições arquipelágicas, com raízes fincadas, bebendo a seiva africana, como *Korda Kauberdi*, com Kwame Kondé (1975); *OTACA – Oficina de Teatro de Assomada* –, com Narciso Freire (1979); *Titina Silá*, do Grupo de Base de Achada Fátima da JAAC-CV³⁹ de Santa Cruz (1981); *Teatro Experimental Rubon Manel*, com Horácio Santos (Lalaxu) (197...?); *Juventude em Marcha*, com Jorge Martins (1984); *Na Txon di Musteru*, com Armindo Tavares (1992); *MINDELACT*, (1996) uma Associação dirigida até recentemente por João Branco; *Nha Násia Gomi*, com Armindo Tavares (2005) *Grupo do Centro Cultural do Mindelo* (2009), etc.

A partir de 1975 deu-se uma verdadeira revolução cultural que, em paridade com o teatro, se pode destacar o incremento e a proliferação das músicas tradicionais, tendo estes, atingido o auge na década de 80, com revelação de novos artistas emergidos do concurso de vozes Todo o Mundo Canta, de onde emergiram nomes sonantes como Jorge Neto, Calú Bana, Zé Henrique, Danilo Semedo, Nataniel Simas, Fantxa, A. T. Djudja, Pulonga'l Bitá, entre vários outros.

E antes de darmos por findo a incursão deste capítulo, apraz-nos concluir, com breves trechos, sobre a dinâmica e evolução da cultura caboverdiana pós-independência. Digamos “cultura caboverdiana”, e não “teatro caboverdiano”, uma vez que esta dissertação é sobre teatro, pelas seguintes razões: - É quase impossível falar-se do teatro caboverdiano sem se referir às suas tradições culturais.

³⁹ - Juventude Africana Amílcar Cabral – Cabo Verde.

Sendo o teatro, até há muito pouco tempo, considerado mero instrumento de produzir risos, associado ao termo *palhaçaria* e atribuído a todos os palhaços ou, ao nosso ver, ridículos malucos, o epíteto de atores, todas as representações eram de forma improvisada, desprovidas de qualquer pedagogia ou rigor artístico, sem conteúdo que se pudesse aproveitar. Esses pseudo-atores vestiam-se na pele de um bêbado ou mendigo e satirizavam as suas culturas, não de forma a melhorá-las, mas de forma, tão-somente, a provocar risos. Essas representações eram bem patentes durante as marchas em algumas festas populares. Nas da Tabanca em Santiago, de São João em Santo Antão, do Carnaval em São Vicente e da Bandeira na ilha do Fogo. As Tradições Culturais do arquipélago estiveram sempre presentes nos teatros improvisados, não no intuito de corrigir os erros ou de fazer refletir para o seu melhoramento, mas para parodiar com a situação. A violência doméstica quase sempre era tema de maior abordagem e, que mais provocava risos. O marido que chega bêbado em casa, bate na mulher e nos filhos, ou ele é sovado pela mulher; a mulher que esconde a comida ao marido, sentando-se em cima da panela, abafando-a com a saia e diz que não há nada em casa para comer; as infidelidades conjugais e o destaque para os “homens machões”, etc., caracterizavam toda a dramaturgia das ilhas. Não querendo (os fazedores de teatro) contentar-se com essas comédias ligeiras, teriam, necessário e obrigatoriamente, que retratar atos de índole religioso ou façanhas heróicas do colonizador. Por isso, a ausência de literatura dramática escrita no/e sobre o arquipélago justifica-se. A cultura caboverdiana não se identificava, até aqui, como genuína e autóctone, salvo a *morna*, um género musical que, pela sua proximidade ao *fado*, era reconhecida e permitida. Pese embora não muito vivenciada no interior da ilha de Santiago onde a população preferia géneros mais “mexidos” como o *Funaná* e o *Batuque*, que faziam “sacudir” as salas de baile ou vibrar os “terreiros” do batuque, entretanto, legalmente interditos. A *gaita* era o instrumento típico da ilha e do interior de Santiago. Persuade-se que a sua introdução em Cabo Verde deve-se a dois proeminentes gaiteiros do interior de Santiago, nos anos 30 do século XX. Tinham a mesma idade e ambos chamavam-se Antão Barreto. Um, de Achada Ponta, freguesia de Santiago Maior, que foi mestre do famoso músico/compositor, Codé de Dona, e um outro da Longueira dos Órgãos, cujos filhos (muitos) são exímios tocadores e compositores

de Funaná. Nas outras ilhas predominava o uso do violão, viola, violino, rebeca e cavaquinho e, a morna e coladeira eram os géneros musicais diletos e autorizados.

Nos anos 20 do século passado, com a fixação de residência em São Vicente do músico guineense José Alves dos Reis, recordado com saudades, como Nhô Reis, Ti Reis ou Sr. Reis, houve uma incrível pujança na cultura musical da ilha. Nascido em Bolama, Guiné Portuguesa, no dia 20 de Março de 1895, José Alves dos Reis ficou órfão muito novo. Trazido para Portugal, foi internado num convento onde viria a manifestar a sua vocação para a música. Apoiado por um padre, com quem viveu muitos anos e, mais tarde, uma senhora inglesa, amiga do seu protetor, financiou-lhe os estudos no conservatório durante 4 anos. Fez estágio na Alemanha e recebeu o diploma em Roma. Regressa à Guiné e nos finais da década de 1920, embarca rumo ao Brasil na ânsia de aprender mais a música. Teve a notícia em S. Vicente, onde fez escala, de que havia surto de febre-amarela no Brasil. Deixou-se ficar, então, em São Vicente, ensinando música a várias gerações. Criou a Banda Municipal do Mindelo e deu aula de Canto Coral no Liceu Gil Eanes até à sua morte, a 16 de Outubro de 1966. Foi professor de Luís Morais, Morgadinho, Danilo, Eduíno Barroso, Cesário Duarte ou Cesário Boca, Manuel Correia e Silva ou Manuel Clarinete, Jorge Fernandes Monteiro, conhecido por Jorge Cornetim ou Jotamonte, Chala, entre outros. Mais tarde, alguns alunos do maestro Reis, nomeadamente Manuel Clarinete, Cesário Boca, Chala e outros fizeram parte da Banda Municipal da Praia, formada pelo Jotamonte. E este, por sua vez, foi professor de Pedro Delgado, Félix Monteiro e Romualdo Sapinho, outros três importantes ícones da música de Cabo Verde. A partir dos ensinamentos do maestro Reis e da continuação dos seus pupilos, revelaram-se alguns talentos na interpretação de mornas e coladeiras. As vozes do Bana, Tetina, Arminda de Sousa e da jovem Cesária Évora sonorizavam em São Vicente, interpretando, quase em exclusivo, as composições do músico mindelense, *B. Léza*. É de estranhar, entretanto, a ignorância desses intérpretes quanto às composições do grande poeta e compositor bravense, Eugénio Tavares, sabido por todos que é dos maiores vultos da cultura musical das ilhas. Segundo nos informou Francisco Fragoso, Cesária terá confessado numa entrevista, que não era capaz de interpretar as mornas de Eugénio Tavares por serem muito difíceis.

Ora, Cesária Évora brilhantava as noites de fim-de-semana aos militares portugueses destacados em Mindelo. Foi marginalizada após a independência

nacional, e *Bana* foi preso e exilado em Portugal, acusados de serem colaboradores dos fascistas. Cesária chegou a dormir nas ruas do Mindelo, à semelhança dos sem-abrigo, refugiando-se ao aconchego do álcool e de outras aventuras. Injustamente conotada com o regime deposto, a voz da Cize pairou na profunda ignorância por muitos anos, até que a França a rebaptizou como a Diva dos pés descalços.

O maestro Reis revolucionou a execução diversificada de instrumentos musicais no arquipélago. Quer no piano com Tututa Évora, nos saxofones com Luís Morais, nas trompetes com Morgadinho, Pedro Delgado, Romualdo Sapinho, nos clarins e clarinetes com Manuel Correia e Silva, e até na “requinta”, um instrumento de sopro, parecido com o clarinete, usado nas bandas militares.

Na capital do país, só em 1968 é que veio a surgir o primeiro conjunto musical organizado, denominado *Os Apolos*. Estes só vieram a gravar o primeiro e único álbum 6 anos mais tarde. Havia ainda alguns tocadores (amadores) de clarinete que, de forma isolada ou a solo, animavam as festas no interior da ilha. Os irmãos Cabral, Calim e Clemente, por exemplo, animavam todas as festas populares ao som de clarinete. Em Pedra Badejo, concelho de Santa Cruz, o conhecido Lalá di Maria ou simplesmente, Irmão, trocou uma cabra por um clarinete e aprendeu sozinho a soprar e a manusear nos botões do negro tubo harmonizador de sons. Em 1976, um grupo de jovens da capital, inclusive o já falecido Ildo Lobo, fundou o conjunto *Os Tubarões*, que só interpretava *mornas* e *coladeiras*. Nessa altura, os estilos musicais que se impunham, editados já em discos de vinil, eram dos artistas angolanos e guineenses, que executavam temas revolucionários e num ritmo mais excitante, à maneira e aspiração da malta jovem. “*As mornas eram para os velhos*”. Mas esses ritmos perderam a hegemonia logo de seguida, infelizmente, por tristes motivos: *José Carlos Schwarz*, o pai da música moderna guineense, faleceu em Havana, num acidente de avião a 27 de Maio de 1977 e, incrivelmente, nesse mesmo dia, mês e ano, os jovens angolanos, impulsores do estilo *Semba*, foram impiedosamente fuzilados, culpados de quererem dar golpe ao regime, guiados por Nito Alves, *ex-dirigente do MPLA*⁴⁰. Porém, eis que esse problema se resolve, quando em 1978 surge o conjunto Bulimundo⁴¹, formado pelo jovem Regente

⁴⁰ - Movimento Popular de Libertação de Angola.

⁴¹ - Bulir o mundo, sacudir o mundo, mexer com o mundo, revolucionar o mundo.

Agrícola, Carlos Alberto Silva Martins, conhecido por *Katxás*, natural de Pedra Badejo – concelho de Santa Cruz. E pode-se dizer que a verdadeira música moderna surgiu a partir de então. *Katxás*, que terá aprendido a executar os primeiros acordes com o guitarrista Armando Tito, quem ele acompanhava nas farras em noites de São Bento e Martim Moniz em Lisboa, depois de editar um LP (*Long Play*) intitulado *Broda*, com temas genuinamente elaborados a partir de Tradições Orais, levou de França para Cabo Verde, um conjunto de instrumentos elétricos e formou um grupo musical denominado *Bulimundo*. E começou desde logo a imprimir novos ritmos baseados nos dois géneros tradicionais: o Funaná e o Batuco, sem muita aceitação nacional *ab initio*. Na sua primeira deslocação à ilha de São Vicente, durante um espetáculo, vendeu pouco mais do que meia dúzia de bilhetes. Mas *Katxás* não se demoveu, muito menos desistiu da sua certeza de que havia de dar asas e fazer voar para os palcos do mundo a cultura tradicional caboverdiana. Porém, em muito pouco tempo, após uma desavença que saldou com a sua prisão pelo responsável do Partido local, *Katxás* rumou-se para capital, levando consigo os instrumentos e alguns elementos que não regozijaram com a sua arbitrária prisão.

Zeca de Nha Reinalda tinha acabado de dar nas vistas, como vocalista do conjunto *Opus 7*, interpretando temas em crioulo de Guiné Bissau, nomeadamente composições de *José Carlos Schwarz* e *Kobiana Djazz*. Quando *Katxás* instalou a sede do *Bulimundo* na Capital, *Opus 7* estava já desmoronado. E *Zeca* ingressou-se como vocalista do *Bulimundo*. Nessa altura vários conjuntos musicais se formaram. Na ilha de Santiago surgiram: *África Show*, *Os Camponeses*, *Zeca Santos*, *Abel Djassy*, *Gama 80*, *Finason*, etc. E nas diásporas: *Tulipa Negra*, *África Star*, *Black Star*, *Black Power*, entre outros. E assim ditou o fim do monopólio que antes detinha o *Conjunto Voz de Cabo Verde*, fundado em 1966, entre Dacar Senegal e Holanda, pelo *Bana*, *Luís Morais*, *Morgadinho* e *Toy da Bibia*. Em Portugal vários artistas se revelaram. *Pedrinho Chalé*, *Blick Tchuk*, *Norberto Sanches*, *João Cirilo*, *Antonino Sanches*, etc., com o apoio indispensável do multi-instrumentista *Paulino Vieira*, surgiram no palmarés da discografia crioula. Destacava-se ainda, entre os grandes instrumentistas e compositores da diáspora, Norberto Tavares, falecido há 2 anos nos EUA. Porém, nessa altura, havia censura que obstava a liberdade criativa. Houve músicas que foram proibidas na Emissora Nacional, por determinação do Governo, por serem consideradas de conteúdo reacionário. Houve poeta que foi

duramente criticado pela Comunicação Social e até advertido pelo bispo por publicar poema considerado inconveniente.

Entretanto, o Teatro não foi tão além quanto a música porque não teve o apoio merecido. Trinta e nove anos depois da independência nacional, apenas uma Associação de Teatro em Cabo Verde vem recebendo subsídio do Estado em milhares de euros, o que, à vista de muitos, cheira à corrupção, dado que, dentre os dramaturgos nacionais, o atual ministro da Cultura é o mais representado nos festivais realizados por essa Associação. Pode-se constatar, entretanto, que das três peças escritas pelo atual ministro, todas foram já representadas nesses festivais e algumas por mais do que uma vez. Certamente, se aos outros grupos tivessem sido dadas essas justas oportunidades, o teatro caboverdiano estaria num patamar bem diferente. Não faltam talentos, e muito menos, interessados da parte de quem o pratica.

Sendo Cabo Verde um país de poucos recursos, desprovido de qualquer recurso natural, tirando o vasto mar que o circunda, apostar numa indústria de transformação de estórias tradicionais orais em destreza do palco, seria certamente uma mais-valia que, não só impulsiona o PIB nacional, divulga a nossa tradição, valoriza a nossa cultura, cria postos de trabalho, incentiva o turismo, dinamiza a arte cénica e inova a literatura dramática em Cabo Verde. Para isso, há que ter o teatro em linha de conta, visto com os mesmos olhos que vêm a música, deixando de ser tratado como enteado ou filho pródigo, mas, com a dignidade que merece, isto é, dando-lhe as oportunidades e tratamento em igual circunstância às demais atividades culturais, principais motores do desenvolvimento do arquipélago. Para tal, urge criar uma estrutura (independente), que opere exclusivamente na dinamização de atividades teatrais; promover concursos para a dramaturgia nacional; criar incentivos à produção (sem drama) da literatura dramática; patrocinar e financiar projetos de criação artística a todos os que apresentem um projeto viável e credível; reconhecer e valorizar os experimentados dinamizadores do teatro, convidando-os a colaborar na formação e capacitação técnica dos quadros nacionais e na organização de grupos locais; esquecer-se do revanchismo e despudorada política de *“tu não és do meu Partido, não tenho trabalho para ti”*, pensando apenas que, para um país avançar de forma desejável, é imprescindível a contribuição de cada um dos seus filhos.

5 CONCLUSÃO

O tema escolhido para a elaboração deste Projeto baseou-se em pesquisas e recolhas feitas a partir de tradições orais, de há uns anos para cá. E tendo feito a seleção e mistura das partes mais interessantes e que apresentavam alguma interligação, de modo a que o conteúdo tivesse uma lógica, fomos construindo cenários, criando espaços e transformando personagens. Daí apercebemo-nos de que as histórias que se contam em Cabo Verde encaixam perfeitamente nos perfis das matérias-primas ou subsídios para a criação de textos dramáticos.

Havia cerca de vinte anos que vínhamos fazendo recolhas de tradições orais, longe de imaginar que um dia pudéssemos transformá-las em peças de teatro. Entretanto, no primeiro semestre do primeiro ano do Bacharelato, o professor José Peixoto entregou-nos (à turma) um conto tradicional português: *O Soldado que Foi ao Inferno*, e pediu-nos que o dramatizássemos. No início sentimo-nos um pouco desconfortável. Ao escolher personagens para o nosso texto, os colegas apresentavam nomes que para nós, vindo da África e de uma sociedade rural, eram pouco familiar. Porém, sempre que apresentávamos o nosso esquema de dramatização ao professor Peixoto, ele o corroborava.

E, conforme frisamos atrás (*cf. p. 19*), esse desejo consolidou-se a partir do contacto com as dramaturgias de *Alfred Jarry* em 2004. Desde então, não paramos de transformar as fábulas populares em textos dramáticos, conforme puderam constatar na Lista das dramatizações, da tabela exarada a página 22, na secção de Fábulas Populares. E elegemos para este Projeto o conto João da Burra, conhecido em Portugal por *O Menino da Burra*, no intento de privilegiar o paralelismo cultural estabelecido desde há séculos entre o povo caboverdiano e o povo Português.

Parafraseando Cecília Meireles (1901-1964) ... “o imaginário [...]foi e é influenciado por imaginários de outras partes do mundo”... “[...]ossos valores e narrativas populares tornam-se exemplares de referência a outros grupos étnicos...” é nossa intenção, com este trabalho, desafiar aos outros interessados para que se disponham a vasculhar mais a fundo este percurso.

O conto João da Burra é uma narrativa recheada de conteúdo didático e que poderá ser aplicado na pedagogia para a formação das crianças, jovens ou até adultos. Traz referências às questões importantes, que nos podem fazer refletir e

tirar ilações e consequências das fragilidades da vida, e da frustração a que nos é, muitas vezes cominada, quando o nosso plano é abortado. Referimo-nos aos personagens: “Rei, Rasga Montanha e Arranca Pinheiro” que, de crime em crime foram minando os seus calvários, longe de imaginarem o trágico fim que lhes espiava. A estória começa e acaba por uma dicotomia sentimental. O rei soberano, julgando-se poderoso e *ad eternum* impune, pratica todos os desmandos e crimes possíveis. Viola e engravida a *Kizy*, uma criança de apenas 12 anos de idade, retira-a de sua mãe (*Xipirotá*) e manda o cocheiro exila-la num sítio ermo; mal dá à luz, e pelo facto de o menino ser negro e parecido com a mãe, manda o cocheiro matá-lo; volta novamente a engravidá-la e, depois de nascerem duas meninas, brancas de olhos azuis, são lhas retiradas, e ela designada à morte. E enquanto ao rei é atribuído a prática e fria vanglória desses crimes hediondos, os pequeninos que ouvem a estória ficam embasbacados, diria até revoltados, amaldiçoando o homem desprovido de alma, sem o mínimo do pudor ou escrúpulo, Satanás digno de um severo castigo divino. Porém, nem a criança, nem sua mãe chega a ser morta conforme era o desejo do absoluto monarca. O cocheiro designado como carrasco poupara-lhes a vida e foram acolhidos por um casal de velhos, rebelados e divorciados de tudo quanto é civilização. E o cocheiro inventou as justificações para fazer o rei acreditar de que a missão tinha sido cumprida conforme sua ordem. Feito homem, esse menino, que se chama João da Burra por ter amamentado numa besta, é abandonado num hospício subterrâneo, traído pelos dois amigos, Rasga Montanha e Arranca Pinheiro. Estes, maltratam os velhos rebelados que estão presos no palácio do rei, onde (os dois canalhas), agora são ministros e genros do monarca. A *Kizy* está enterrada no quintal do palácio, da cintura para baixo, com as mãos atrás das costas, por ordem dos novos ministros. Este episódio indignava os pequeninos, fazia-os refletir e encarnar essa sofredora personagem (*Kizy*) na pele de suas verdadeiras mães. Entretanto, no fim, tudo se reverte. O rei é desmascarado, João da Burra perdoa-lhe e sobe ao trono. Os prisioneiros são libertados e os traidores castigados. Os pequeninos ficam satisfeitos com o desfecho, embora criticam a exagerada complacência do João para com o rei. Na sentença deles, o rei devia ser enforcado com a cabeça para baixo. Agradecem a ação do cocheiro e o carinho do casal de Rebelados para com João e *Kizy*.

Moral da estória: – Se alguém nos atirar com o fogo, atiramo-lo com a água.

6 Referências Bibliográficas.

- ARISTÓTELES, s/d, Poética, 2ª ed, s/l: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- BRANCO, João, 2004, Nação Teatro – História do Teatro em Cabo Verde –, s/l: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- BRANDÃO, J. S., 1984, Teatro Grego: tragédia e comédia, Petrópolis: Vozes.
- BROWN, Dan, 2004, Código da Vinci, s/l: Sextante.
- CALAME-GRIAULE, Geneviève, La recherche du sens en littérature orale. Terrain: Revue d'ethnologie de l'Europe, n. 14, 1990.
- CARVALHO, Maria Selma de; CARVALHO, José Murilo de; CARVALHO, Ana Emília de (Org.), 2008, Histórias que a Cecília contava, Belo Horizonte: Editora UFMG.
- CASCUDO, Câmara, 1997, O folclore: literatura oral e literatura popular. In: COUTINHO, Afrânio, (Org.), A literatura no Brasil, 4ª ed., São Paulo: Global.
- DARNTON, Robert, 2001, O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa, tradução Sônia Coutinho. 4.ª ed., Rio de Janeiro: Graal.
- ELIADE, Mircea, 1992, O Sagrado e o Profano, SP: Livraria Martins Fontes Editora Lda.
- HOMERO 1950, Ilíada, trad. P.e Augusto Magne, s/l: Guttemberg.
- 2003, Odisseia, 3ª ed. Ix: Livros Cotovia.
- JARRY, Alfred, s/d, Ubu Roi, Ubu Cocu, Ubu Enchaîné, Ubu Sur La Butte, Préface de Noël Arnaud, s/l: Folio classique.
- JR, Júlio Monteiro, 1974, Os Rebelados da Ilha de Santiago, Cabo Verde, Centro de Estudos de Cabo Verde.
- KONDÉ, Kwame, 2010, Escritos Sobre Teatro, s/l: Artiletra.
- MEIRELES, Cecília, 2001, Crônicas de educação, Rio de Janeiro: Planejamento editorial:
- PINHEIRO, Ana Elias & FERREIRA, José Ribeiro, 2005, Hesíodo: Teogonia / Os Trabalhos e Dias, Lx: Imprensa Nacional.
- PLATÃO, s/d, A República, Lx: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SCHMIDT, Joel, 1985, Dicionário de Mitologia Grego e Romana, Lx: Edições 70.
- SÉBILLOT, Paul, 1881, Littérature Orale de la Haute Bretagne, Paris, J. Maisonneuve.

SILVA, T. V. da, 1987, Na Bóka Noti, vol. I, “Tradições Orais”, s/l: Instituto Caboverdiano do Livro.

— 2007, Na Bóka Noti, vol. II, “Tradições Orais”, Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais.

— 2008, Na Bóka Noti, vol. III, “Língua Caboverdiana”, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

— 2010, Na Bóka Noti, vol. IV, “Tradições Orais”, Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais.

— 2010, Na Bóka Noti, vol. V, “Tradições Orais”, Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais.

— 2011, Na Bóka Noti, vol. VI, “Tradições Orais”, Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais.

TAVARES, Armindo Martins, 2008, As Aventuras de Nhu Lobo, s/l: autor.

— 2009, As Aventuras de Nhu Lobo, vol. 2, “Teatro”, s/l: autor.

— 2010, Trilogia: Perdão, Emília, Fonseca Nha Susana, Manduco Vivo, “Teatro”, s/l: autor.

— 2010, Trilogia II: O Duco Chegou, Pedrinho de Nha Joana, O Cão e O Macaco “Teatro”, s/l: autor.

— 2011, As Aventuras do Pedro, Paulo e Manuel, vol. I, s/l: autor.

— 2014, Triste Fadário, “Teatro”, Praia, SOCA.

PESQUISAS ONLINE:

- <http://claudiolouzeiro.blogspot.pt/2011/01/os-primeiros-passos-de-sophia-vii.html> (consultado em 18-12-2013)
- <http://iliadadeodorico.wordpress.com> (consultado em 18-12-2013)
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Body_art (consultado em 16/12/2013)
- <http://terrain.revues.org/index2975.html>. consultado em: 21/02/ 2014.
- <http://www.youtube.com/watch?v=v8dt9ICsrTE> (consultado em 16/12/2013)
- https://www.google.pt/?gws_rd=cr&ei=v5euUs2IGMTBswaAg4CADg#q=Happening (consultado em 16/12/2013)

7 APÊNDICE

7.1 Dramatização de um conto popular.

TÍTULO
JOÃO DA BURRA

ESTRUTURA
UM ATO
TRINTA E OITO CENAS

GÊNERO
DRAMA

NÚMERO DE PERSONAGENS
CATORZE

DISTRIBUIÇÃO DE PERSONAGENS
NOVE MASCULINAS
CINCO FEMININAS

PERSONAGENS

REI, *teve três filhos com a filha de Xipirotá.*

XIPIROTA, *escrava negra, criada do rei.*

KIZY *filha da Xipirotá. Nasceu no quintal do palácio real.*

JOÃO DA BURRA, *filho do rei e da Kizy, destinado à morte ainda bebé, pelo pai.*

BRANCA FLOR, *filha do rei e da Kizy.*

BRANCA DE NEVE, *gémea de Branca Flor.*

CALIXTO, *escravo negro e cocheiro do rei.*

NHONHÔ LANDIM, *mentor e primeiro Evangelista dos Rebelados.*

ROMANA, *esposa de Nhonhô Landim.*

RASGA MONTANHA, *traí João da Burra, torna-se ministro e marido da Branca de Neve.*

ARRANCA PINHEIRO, *traí João da Burra e torna-se ministro e marido da Branca Flor.*

MACACO, *raptor das filhas do rei. Rasga Montanha é-lhe oferecido como escravo.*

BICHO-FERA DE SETE CABEÇAS, *irmão do Macaco. É morto pelo João da Burra.*

PADRE JOAQUIM, *pároco da freguesia que anuncia o rapto das duas gémeas.*

ATO ÚNICO

I CENA

REI, CALIXTO E KIZY

Sentado atrás de uma secretária, o rei fala com Calixto que está a sua frente.

REI – Prepara a carroça e vai deixar a negrinha na casa do campo. *(Calixto começa a andar para se retirar)* Diz-lhe para vir falar comigo. *(Calixto sai, pouco depois entra Kizy cheia de medo)* O Calixto vai levar-te para a casa do campo e vais lá ficar até as minhas segundas ordens. Ninguém pode saber que estás grávida de um filho meu. A minha família e o meu povo não me perdoariam se soubessem que me envolvi e que tenho um filho com uma negrinha.

KIZY – Desculpe-me, senhor rei.

REI – Não te irá faltar nada. O cocheiro levará a carroça cheia de mantimentos.

KIZY – Lá há hortas, há cabras bravas, tiro o leite e como com batatas fervidas.

REI – Ele irá levar todas as coisas que por lá não encontres: sal, arroz, banha, café, açúcar, petróleo, fósforos, etc.

KIZY – Muito obrigada, senhor rei.

REI – Não digas nada à tua mãe. De vez em quando vou visitar-te. Podes sair. *(Kizy vai à cozinha, abraça a mãe e chora. O rei entra de repente)* Por que estás a chorar? *(Chama o Calixto)* Cocheiro... *(Calixto chega a correr)* Leva a negrinha imediatamente.

Calixto agarra a Kizy.

XIPIROTA – Para onde quer mandar a minha menina, senhor rei?

REI – Vai ser vendida. Já está aqui a mais. Dei-lhe comida até agora... que vá aventurar por outra porta.

Calixto arrasta a Kizy para a carroça e Xipirota desmaia.

II CENA

REI, CALIXTO E XIPIROTA

Gabinete do rei, nove meses depois de Calixto ter levado a Kizy.

REI – Prepara a carroça novamente e vai ver como é que a negrinha se encontra.

CALIXTO – Sim, senhor rei. Com licença.

Xipirota entra e põe uma travessa na mesa. O rei levanta e ajusta as calças à cintura.

XIPIROTA – O senhor rei não vai tomar o pequeno-almoço?

REI – Agora não me apetece.

Xipirota sai e o rei sai a seguir.

III CENA

REI E CALIXTO

No gabinete do rei.

REI – Como é que a encontraste?

CALIXTO – Com um filho de uma semana.

REI – Um filho?!... Um rapaz?

CALIXTO – Sim, senhor rei. Um rapaz.

REI – Como é que ele é?

CALIXTO – Retrato da mãe. Negro, beiços grossos, olhos vermelhos, cabelo crespo. Bastante musculoso. Ainda é bebé, mas já tem umas batatas nos braços... que nem as do senhor rei.

REI – Chega, chega, chega... (*entrega-lhe uma navalha de barba*) Toma esta navalha, vai retirar-lhe o negrinho e matar num sítio distante.

CALIXTO – Sim, senhor rei.

REI [V. O.] – “Musculoso! ... Batatas nos braços... para quando for grande, estarei velho, vem-me vingar!”

REI – Traz o sangue na navalha para eu certificar que o mataste.

Calixto sai e o rei fica vermelho de raiva.

IV CENA

NHONHÔ LANDIM, ROMANA E O MENINO

Romana e Nhonhô Landim encontram uma criança abandonada num bosque.

NHONHÔ LANDIM – Romana, anda ver uma criança aqui sozinha.

ROMANA – Criança aqui?! (*Vai a correr e apanha o menino*) Coitadinho está cheio de fome... olha como é que abre a boca e chucha na língua!

NHONHÔ LANDIM – O que lhe vamos dar para comer? Não temos nada em casa, esses grãos de purga só os podemos vender na quarta-feira. Não temos dinheiro nem para comprar açúcar e fazer-lhe um chá.

ROMANA – Como a nossa burra pariu há uma semana... damos-lhe de mamar juntamente com o burrinho.

NHONHÔ LANDIM – Pois é. Vamos rápido, então.

Nhonhô tira o menino dos braços da Romana e põem-se a andar.

V CENA

NHONHÔ LANDIM, ROMANA E O MENINO

Romana está com o menino ao colo e Nhonhô entra com leite numa caneca.

NHONHÔ LANDIM – Toma. Dá-lho.

ROMANA – Dá-me uma colher. (*Dá o leite ao menino e fá-lo arrotar*) Não sei por que há mães com coragem de abandonar um filho que saiu de dentro da sua barriga!

NHONHÔ LANDIM – Tanto desejávamos ter um filho quando éramos novos!...

ROMANA – E a esta criatura Deus lhe deu... ela atirou-o para a morte.

NHONHÔ LANDIM (*apanha um saco*) – Fica a cuidar dele, vou tentar vender esses grãos de purga, mesmo que baratos, compro alguma coisa para ele.

ROMANA – Compra só açúcar. Tenho aqui camoca. *(Nhonhô sai e Romana brinca com o menino)* Vou dar-te uma “banhoca” e faço-te “ou-ou”, meu querido.

VI CENA
REI E CALIXTO

No gabinete do rei.

REI – Prepara a carroça e leva-me até a negrinha.

CALIXTO – Hoje?

REI – AGORA MESMO.

CALIXTO – Sim, senhor rei.

Calixto dá meia volta e sai apressado.

VII CENA
REI, CALIXTO E XIPIROTA

No gabinete do rei, nove meses depois da sua última visita à Kizy.

REI – Prepara a carroça e vai ver como é que a negrinha está.

CALIXTO – Sim, senhor rei.

Calixto começa a andar para se retirar.

REI – Diz a Xipirota para vir ter comigo. *(Calixto sai, pouco depois entra Xipirota)* Faz almoço para seis homens que tenho na horta a trabalhar.

XIPIROTA – Sim, senhor rei.

REI – Vá, vai para cozinha.

XIPIROTA – Com licença.

VIII CENA
CALIXTO E REI

CALIXTO – Senhor rei, ela está com duas meninas recém-nascidas... lindíssimas!

REI – Ah, é! Duas meninas? Como são elas?

CALIXTO – Brancas de olhos azuis, cabelo loiro... são lindas, lindas, senhor rei.

REI – Agora está de noite, mas amanhã logo cedo, dou-te uma carta, vais buscá-las e levá-las para o colégio, onde irão ser educadas. Não digas nada a ninguém. Não precisam saber quem é a mãe delas.

CALIXTO – Sim, senhor rei.

REI – Pega na mãe delas... *(dá-lhe a mesma navalha)* leva-a no mesmo sítio onde mataste o negrinho e mata-a também. E traz-me a navalha encharcada de sangue como prova.

CALIXTO – Com certeza, senhor rei.

Calixto retira-se e o rei fica contente. Serve e bebe um cálice de Whisky.

IX CENA

NHONHÔ LANDIM, ROMANA E KIZY

No mesmo bosque, o mesmo casal resgata Kizy.

NHONHÔ LANDIM – Minha filha, o que estás a fazer aqui sozinha?

Kizy chora, Romana limpa-lhe as lágrimas com um pano.

ROMANA – Não chores. Estás perdida? Vieste aqui sozinha?

KIZY – Estou perdida, sim. Estou aqui há vários dias.

NHONHÔ LANDIM – Como vieste parar aqui?

KIZY – Não sei! Não sei como vim parar aqui.

NHONHÔ LANDIM – Vieste de onde?

KIZY – Fui vendida e fugi.

ROMANA – Fugiste para ires aonde?

KIZY – Não sei. Não conheço este lugar... não sei onde estou.

NHONHÔ LANDIM – Aqui é a zona dos Rebelados.

KIZY – Tenho fome! Não como há vários dias! Estou com muita fome.

ROMANA *(tira um pedaço de cuscuz e uma garrafa de água de algibeira)* – Come e pega a boca-do-estômago. *(Para o marido)* Levámo-la connosco?!

NHONHÔ LANDIM *(para Kizy)* – Queres ir ficar em nossa casa?

KIZY *(com a boca cheia)* – Quero.

ROMANA – Olha que somos pobres...

NHONHÔ LANDIM – Mas somos filhos de Deus. Um bocado para a boca não nos faltará.

KIZY – Muito obrigada.

ROMANA – Nós vivemos destes grãos de purga que apanhamos e vendemos.

KIZY – Apanho purga também convosco. Faço tudo o que vocês quiserem. *(Continua a chorar)* Sei fazer muita coisa.

ROMANA – Não chores, minha querida. Vais ficar bem em nossa casa.

NHONHÔ LANDIM – Somos três, contigo faremos quatro: eu, a minha mulher, um neto que a mãe morreu quando ele nascia, e tu. *(Kizy tapa a mão na cara e chora ainda mais)* Acalma-te. Vais fazer parte da nossa família.

ROMANA – O nosso neto vai ter, afinal, uma mãe que ele não conheceu.

KIZY *(limpa as lágrimas)* – Ele tem quantos anos?

ROMANA – Tem pouco mais de dois anos.

NHONHÔ LANDIM – Tu ainda não tens filho?

KIZY – Não.

ROMANA – Não vês que ela ainda é muito novinha?

NHONHÔ LANDIM – Vais ficar em nossa casa e tratamos-te como a nossa filha. Dizemos ao nosso neto que és a mãe dele. Assim ele não fica triste por saber que a mãe é morta.

KIZY – Obrigada.

X CENA

ROMANA, KIZY, NHONHÔ LANDIM E O MENINO

Romana prepara rapidamente uma caneca de café com camoca para Kizy. Depois traz uma panela com água quente e despeja num alguidar. Traz-lhe umas roupas.

ROMANA – Acaba de comer, vens tomar um banho, mudas de roupa e vais descansar um pouco lá na despensa.

KIZY – Muito obrigada.

Kizy acaba de comer, apanha o alguidar e vai tomar banho. Muda de roupa e senta-se num banco. Romana coloca-lhe ao pescoço uma cruz feita de tiras de carriço.

ROMANA – Esta cruz defende-te de todos os males deste mundo, de feiticeiras de língua e de maus olhares.

O menino surge a beira da Kizy e, meigamente, abraça-lhe as pernas.

KIZY (*toma-o ao colo, emocionada*) – Como é o nome dele?

ROMANA – Podes chamar-lhe “filho”.

NHONHÔ LANDIM – Nós não dizemos o nosso nome, minha filha.

ROMANA – À nossa Comunidade chamam-lhe Rebelado.

NHONHÔ LANDIM – Revoltamos contra os abusos dos *parocos*,⁴² fomos perseguidos, presos, torturados e repatriados.

ROMANA – Nhonhô foi repatriado para o Fogo onde não conhecia ninguém.

NHONHÔ LANDIM – Vivi anos na Cova Figueira, graças à caridade das criaturas que me davam bocado de comida.

ROMANA – E antes o queriam mandar para o Sul Abaixo⁴³... para longe da família.

NHONHÔ LANDIM – Isto foi um *paroco* que propôs ao Governador.

ROMANA – Um nosso vizinho foi mandado também para a ilha do Fogo e deixou a mulher com uma filha de 17 dias. E essa filha foi batizada à força, na ausência e sem consentimento do pai.

NHONHÔ LANDIM – Fomos presos porque sabiam o nosso nome. Por isso deixamos de dizer como nos chamamos e refugiamos aqui, longe deles.

ROMANA – E um *paroco* apelidou-nos de Rebelados, o Governador assinou, assim passou a ser o nosso nome.

NHONHÔ LANDIM – Já não suportávamos as coisas que os *parocos* faziam, minha filha. Faziam coisas de Satanás. Coisas que Jesus Cristo não permitia.

ROMANA – Deixaram de vestir batina preta e passaram a usar a branca, porque a cor preta, segundo esses *parocos*, é cor do Diabo, dos escravos, das trevas, do pecado e do mal.

NHONHÔ LANDIM – Celebram casamento entre o homem e a mulher, enquanto Deus não deu poder ao homem de casar o outro.

ROMANA – Jesus Cristo não era casado, mas teve dois filhos.

NHONHÔ LANDIM – É verdade. Zacarias ou Zaca, e *Zebulú*⁴⁴ ou Luz da Fé.

⁴² - Párocos, padres.

⁴³ - São Tomé e Príncipe.

ROMANA – A única coisa que Deus autorizou o homem a fazer é o crisma. Mas como não vamos à igreja, não crismamos nesses *padriocas*, fazemos o nosso filho “Cristão”, em casa, ao sétimo dia do nascimento, com oração e ladainha que aprendemos com os verdadeiros padres. Com os padres antigos.

NHONHÔ LANDIM – Eles venderam a nossa bandeira à Rússia. Em 1910, o Pano Sagrado foi roubado e içado a bandeira do colonialismo.

ROMANA – Mas a nossa bandeira vai voltar outra vez. Há-de vir o dia em que o povo de Cristo, composto por 144 mil povos, lutará contra 666 mil do *Zebulú*. E o povo de Cristo, comandado por um dos nossos Evangelistas, vencerá o exército de *Zebulú*.

NHONHÔ LANDIM – E não falta muito tempo. E aí sim; vai haver revolução. Muitos dizem que houve revolução, mas não é verdade.

ROMANA – Não pode haver revolução sem sangue.

NHONHÔ LANDIM – Segundo o nosso Lunário Perpétuo, o sangue cobrirá os tacões dos sapatos. Os pretos vencerão os brancos e a escravatura acabará. Muita gente morrerá. (*Levanta a cara e apercebe-se que Kizy está a sonambular*) A rapariga está cansada, Romana. Deixa-a ir dormir um bocadinho.

KIZY (*estremunhada*) – Não... não se preocupem. Espero anoitecer.

ROMANA – Vou pôr uma esteira na despensa e vais descansar aí. Vais deitar tu e o teu menino.

KIZY – Então devo chamar de filho ao menino?

ROMANA – Podes chamar-lhe «filho» e ele chama-te «mãe». A mim chamas-me «mamãe» e ao meu marido «papai»; a ti chamamos «filha». O menino chama-me «vovó», e ao meu marido «vovô»; e nós chamamos-lhe «nosso neto».

NHONHÔ LANDIM – Como ela já faz parte da comunidade, pode saber o nosso nome. (*Para Kizy*) Não é para usá-lo lá fora. Para os outros, sobretudo autoridades, o nosso nome é «Rebelado do Nosso Senhor Jesus Cristo».

ROMANA – O meu nome é Romana.

NHONHÔ LANDIM – Eu sou Nhonhô Landim.

KIZY – E o menino?... como é o nome dele?

ROMANA – O menino... por ter amamentado na nossa burra, chamamos-lhe João da Burra.

KIZY – E o pai dele?

NHONHÔ LANDIM – O pai nunca quis saber. Arranjou outra mulher, daquelas que vão às sinagogas, casou-se e não quis ser mais Rebelado.

KIZY – Ele não deu-lhe o nome no registo?

NHONHÔ LANDIM – Nós não registamos os filhos, nem os batizamos. Cantámos umas rezas ao 7º dia do nascimento, numa cerimónia a que chamamos “Cristão”.

KIZY – Então os meninos não vão para escola?

NHONHÔ LANDIM – Não. Aprendem a ler e escrever em casa. Os mais velhos vão ensinando aos mais novos, de acordo com as nossas regras. Estudam apenas para aprender a ler Escritura Sagrada. E a filha sabe ler?

KIZY – Não senhor. Nunca fui à escola.

⁴⁴ - Talvez seja “Zebulom”, personagem bíblica referenciada no Deuteronómio 27:13

ROMANA – E tu, como te chamas?

KIZY – Kizy.

ROMANA – Nascestes cá ou viestes de Costa Abaixo?⁴⁵

KIZY – Nasci cá, no quintal de um branco onde a minha mãe é escrava. O patrão vendeu-me e nem me deixou despedir dela.

Chora magoada, Romana afaga-lhe o rosto.

ROMANA – Não chores. Um dia Deus há-de juntar-te à tua mãe.

NHONHÔ LANDIM – É verdade, *Krizy*. Lá em cima Deus recolherá os justos e, todos vão morar na harmonia. Irás reencontrar a tua mãe para sempre.

KIZY – Amém.

ROMANA – Agora vai-te deitar, vai descansar o corpo.

Kizy levanta e coloca o menino nos braços com muita ternura.

XI CENA

ROMANA, KIZY E O MENINO

Kizy dá banho ao menino, derrete um pouco de vela, mistura com petróleo e DDT, põe-no sobre um banco e, com um alfinete tira-lhe pulguinha dos dedos.

ROMANA (*entra*) – O que estás a fazer, filha?

KIZY – Eh, mamãe! ... o menino tinha tantos bichinhos nos dedos e piolhos na cabeça! Já lhe catei alguns piolhos, estou a tirar-lhe pulguinhas para depois curar-lhe com vela e gás.

ROMANA – Não faças isso, por amor de Deus, minha filha. Deixa os bichinhos em paz onde estão. Coitadinhos não têm panela. Deus que os pôs aí, é porque é aí que devem ficar, que devem comer.

KIZY (*comprometida*) – Desculpe, mamãe. Não sabia.

ROMANA – Não sabias... Deus te perdoará. Mas não faças mais. Os bichinhos também são viventes e criaturas de Deus.

XII CENA

XIPIROTA E REI

Sete anos se passaram após as gémeas terem nascido.

XIPIROTA (*com uma carta na mão*) – Uma carta para o senhor rei.

REI – Põe em cima da mesa.

XIPIROTA – Posso trazer-lhe o almoço?

O rei guinda a cabeça e lê no subscrito. Apanha a carta, abre e lê em silêncio. Levanta a cara e vê que Xípirota está à espera da resposta.

REI – Podes ir embora.

XIPIROTA – O senhor rei não quer que lhe traga nada para comer?

⁴⁵ - Costa da Guiné ou Costa de África

REI – QUERO QUE SAIAS DA MINHA FRENTE, PRETA NOJENTA.

Xipirota sai apressada e leva a porta atrás de si. O rei volta a ler a carta em silêncio. Desorientado, mete a carta no envelope e o envelope no bolso do casaco e sai.

XIII CENA PADRE JOAQUIM E REI

Ao aproximar-se da Igreja, o rei é visto ao longe pelo padre Joaquim.

PADRE JOAQUIM – Olha quem vem aí!... o nosso querido e saudoso rei!

REI – Já vi que a nossa igreja precisa de uma boa lavagem do rosto.

PADRE JOAQUIM – O senhor rei reparou?

REI – Então não havia de reparar? Para a casa de Deus devemos olhar sempre.

PADRE JOAQUIM – Está a precisar de uma boa pintura... isso é verdade. Mas os fiéis já não dão quase nada. A crise não deixa... a austeridade não permite.

REI – Não diga isso, senhor padre. Essas ações são linhas vermelhas que não se podem ultrapassar. Com a minha parte tenho cumprido sempre, mesmo contra a vontade da Tróica.

PADRE JOAQUIM – Desculpe, senhor rei. O senhor é dos melhores fiéis cá da paróquia. *(O rei disfarça um sorriso)* Então não foi o senhor rei quem mandou substituir estes telhados que eram de amianto há quinze anos?

REI – Não fiz mais do que a minha obrigação. Senão os paroquianos já estariam, de forma irrevogável, todos mortos com cancro.

PADRE JOAQUIM *(prepara rapidamente uma cadeira)* – Faça o favor de se sentar, meu caro rei. *(O rei senta-se, abre uma pasta, tira um cheque e preenche)* A que se deve esta honra?

REI *(entrega-lhe o cheque)* – Compre tinta, pague um pintor para arranjar a casa do Senhor como deve ser.

PADRE JOAQUIM – Louvado seja ao Altíssimo!

REI – Aleluia!

PADRE JOAQUIM *(depois de guardar o cheque)* – Suponho que o senhor rei veio até aqui para agradecer ao bondoso Deus, deixar esta contribuição para a edificação da casa Dele, mas também, porque certamente, precisa de alguma coisa...

REI – É verdade senhor padre Joaquim. Preciso de uma ajuda sua.

Inclina a cara ao peito e fica triste.

PADRE JOAQUIM – O que foi, senhor rei? Não me faça chorar, por amor de Deus. De que ajuda vossa majestade precisa e que eu lhe possa ser prestável? *(O rei entrega-lhe a carta e ele lê em silêncio. «Vossa majestade, senhor rei: é com muita consternação que vimos comunicar-lhe o desaparecimento das suas filhas, ontem à tarde, quando regressavam da escola. Da nossa parte pedimos sinceras desculpas».* *(Levanta a cara e olha condoído para o rei)* Que desgraça, senhor rei! *(Vai abraçá-lo)* Deus alivie a sua dor.

REI – Muito obrigado, senhor padre Joaquim. Muito obrigado.

PADRE JOAQUIM – E em que lhe posso servir?

REI – Quero que anuncie esse desaparecimento durante a missa...

PADRE JOAQUIM – Com certeza, vossa majestade. Anunciarei e implorarei a quem encontrar as filhas do senhor rei, nosso afeiçoado e devoto paroquiano...

REI – Senhor padre, não é para dizer que são minhas filhas...

PADRE JOAQUIM – Com certeza... com certeza. Conforme o meu rei deseja. *(Para um pouco)* Então como direi?

REI – A minha família não sabe que as tenho...

PADRE JOAQUIM – Ah! Já percebi... já percebi! São filhas de traquinices.

REI – É verdade, reverendíssimo. Quando era jovem cometi várias loucuras.

PADRE JOAQUIM – Quando era jovem?!... Então o nosso rei já não é jovem?

REI – Agora estou um pouco mais cota... um bocadinho mais precavido.

PADRE JOAQUIM – Sempre foi. O senhor rei sempre foi cauteloso.

REI – Nem sempre. Tive alguns deslizes, senhor padre.

PADRE JOAQUIM – Quem não os teve que atire a primeira pedra. Um deslize de vez em quando, tem perdão. Deus disse que devemos praticar boas obras para que as nossas almas alcancem o céu. E o senhor rei é o exemplo das boas obras.

REI – Tenho a consciência, senhor padre: isto não é boa obra.

PADRE JOAQUIM – É verdade. Mas Deus não disse que têm que fazer sempre boas obras. Por isso que são pecadores e que existe padre para os redimir.

REI – Isso também, concordo consigo.

PADRE JOAQUIM – Essas coisas são feias, quando praticadas pelas nossas *mulhe...* oh, perdão: quando são praticadas pelas vossas mulheres.

REI – Sabe que não sou casado... a minha família não soube que elas existem.

PADRE JOAQUIM – Mas vê-se que tem muito amor por elas. Por isso Deus lhe perdoará.

REI – Seja louvado o nosso Senhor Jesus Cristo!

PADRE JOAQUIM – Vou fazer um anúncio assim: *(vai escrevendo e vai lendo)* «Ontem à tarde, quando duas...» *(pergunta)* «quantos anos elas têm... ou tinham?»

REI – Sete anos.

PADRE JOAQUIM – «quando duas crianças de sete anos de idade regressavam da escola, foram raptadas. Se alguém as encontrar ou souber do paradeiro delas, por favor contacte...» *(pergunta)* «quem deve ser contactado?»

REI – O senhor padre. Depois venho cá buscá-las.

PADRE JOAQUIM – «Quem as encontrar ou souber do paradeiro delas, informe a esta paróquia». *(Pergunta)* «Haverá alguma gratificação?»

REI – Dou uma metade dos meus bens e ofereço, cada uma delas, em casamento a um mancebo da família de quem as encontrar.

PADRE JOAQUIM – «O pai oferece a metade da sua riqueza e cada uma das filhas em casamento com um varão da família de quem as encontrar». *(Pergunta)* «Como são elas?»

REI – São brancas, olhos azuis, beijos finos, cabelo loiro e comprido até as nádegas. São as minhas únicas filhas.

PADRE JOAQUIM – «O pobre pai está triste porque eram as suas únicas herdeiras».

REI – Únicas herdeiras não, senhor padre Joaquim. Únicas filhas. Tenho um sobrinho que já lhe prometi a metade dos meus bens.

PADRE JOAQUIM – Oh! Desculpe um pobre padre que está possuído pela tristeza da sua desgraça. *(Retifica e lê)* «O pai está triste porque elas eram as suas únicas filhas. São

brancas de olhos azuis, beijos finos, cabelo loiro e comprido até as nádegas». (*Pergunta*) «Como se chamam... se chamavam?»

REI – Branca de Neve e Branca Flor.

PADRE JOAQUIM – «Respondem pelos nomes de Branca de Neve e Branca Flor dos Reis»

REI – Dos Reis não, senhor padre. A minha família ficaria logo intrigada e iria querer saber mais pormenores. Diga só: Branca de Neve e Branca Flor.

PADRE JOAQUIM – Desculpe... desculpe. (*Retifica e lê*) Respondem pelos nomes de Branca de Neve e Branca Flor.

REI – Isso mesmo. Muito obrigado.

PADRE JOAQUIM (*vai abraçá-lo*) – Os meus pêsames.

XIV CENA

JOÃO DA BURRA, NHONHÔ LANDIM, ROMANA E KIZY

JOÃO DA BURRA – Vovô, como já tenho 18 anos, gostaria que você, a avó e a mamã me permitissem sair e conhecer o mundo.

NHONHÔ LANDIM – João, tu sabes que somos pobres, eu e a tua avó já estamos velhos, é esta coitada da tua mãe – que ainda está com um pouco de força –, e tu que vêm catando os grãos de purga para nos sustentar. Se saíres, quando voltares já não sei se nos encontras com vida... eu e a minha velha!

JOÃODA BURRA – Vovô, quero aventurar-me.

ROMANA – Meu netinho, queres deixar-nos sozinhos?... Para onde é que queres ir? Olha que o mundo está muito perigoso. Tens 18 anos mas só aos 21 é que te consideram maior... que te respeitam.

NHONHÔ LANDIM – Quanto a isso não me preocupa muito, Romana. Penso que ele está preparado para fazer o que entender. (*Olha para o João*) Graças a Deus tens um corpo bem desenvolvido.

ROMANA – Mas ainda ele não tem experiência de vida. Nunca viveu longe de nós.

JOÃODA BURRA – Mas eu sei-me defender, vovó.

NHONHÔ LANDIM – Tudo tem um dia para começar. Por mim, podes ir. Só te peço que, onde hospedares, não te esqueças deste teu velho, desta tua velha e da tua mamã.

JOÃO DA BURRA – Se o avô ache que eu deva partir, então mande fazer-me uma bengala de 15 arrobas.

NHONHÔ LANDIM – Vou falar com Calú de José de Nha lâ.

ROMANA – Por que não falas com Xinoi de Xunxum ou Xirote filho deles?

NHONHÔ LANDIM – Já nem me lembrava desses dois comedores de filhoses.

ROMANA – Coitada da Xunxum. Todos os dias tem que cochir meia quarta de milho e fazer filhoses para o pequeno-almoço daquelas duas criaturas.

NHONHÔ LANDIM – Vou lá antes que saiam de casa. (*Arranca e para*) Vais sozinho, João?

JOÃO DA BURRA – Não. Vou com mais dois colegas.

ROMANA – Também são Rebelados?

JOÃO DA BURRA – Sim. São todos Rebelados.

NHONHÔ LANDIM – Como se chamam? São filhos de quem?

JOÃO DA BURRA – Arranca Pinheiro é filho do Marino de Achada Bel-Bel e Rasga Montanha é filho de Nhu Tote da Via Curta.

KIZY – Tens confiança neles, meu filho?

JOÃO DA BURRA – São rapazes valentes.

KIZY – E de confiança?

JOÃO DA BURRA – Só para terem uma ideia: Rasga Montanha transforma qualquer montanha numa planície antes que o Diabo esfregue o olho; Arranca Pinheiro enxota as moscas nas costas com uma mangueira numa mão e uma figueira na outra.

NHONHÔ LANDIM – Volto já. Kizy, prepara-lhe o farnel para levar.

KIZY – Vou torrar duas quartas de milho e faço camoca.

Nhonhô despendura um chapéu da parede e põe na cabeça.

JOÃO DA BURRA – Vou consigo.

Saem os dois.

ROMANA – Quando Nhonhô voltar ele vai *cabantar*⁴⁶ aquele porquinho, fazemos chouriço e carne assada para o João levar. Também vou preparar-lhe um pouco de *gufongo*⁴⁷ para comer durante a viagem.

XV CENA

JOÃO DA BURRA, NHONHÔ LANDIM, ROMANA E KIZY

JOÃO DA BURRA – Dê-me bênção e deixe-me partir, vovô.

NHONHÔ LANDIM – Anjo da tua guarda, Santo do teu nome. Deus te acompanhe, e tenho fé no Todo-Poderoso que realizarás o teu desejo.

JOÃO DA BURRA – Vovó, dê-me a sua bênção, reze e peça a Deus que me dê sorte, e que volte com vida e saúde, e encontrar-vos firme como vos deixei.

ROMANA – João, debaixo da nossa miséria, criamos-te com todo o amor, e respeitaste-nos sempre. Hoje já és um homem, queres conhecer o mundo e correr aventuras, peço a Deus que não te abandone, e a todos os Santos que te protejam. Mantém fé em Deus, eu não me canso de rezar e oferecer a Deus e à Nossa Senhora da Luz, rogando-lhes que te alumiem o caminho e que nos dêem sossego até que regressem. Não te esqueças de nós.

JOÃO DA BURRA (*abraça a Kizy*) – Sei que vai ficar magoada com a minha partida, mãe. Mas tento voltar o mais rápido possível para virmos juntar novamente nesta sombra do nosso lar. Sei que a senhora é cautelosa, os avós já estão velhos...

Kizy encosta a cabeça ao peito dele. Ele sai, ela tapa a cara com as mãos e chora.

XVI CENA

JOÃO DA BURRA, RASGA MONTANHA E ARRANCA PINHEIRO

Num quartel no meio de hortas, algumas espingardas estão penduradas na parede.

⁴⁶ – Açougue.

⁴⁷ – Broa de milho.

JOÃO DA BURRA – Este quartel deve estar abandonado. Descansamos um coche e se ninguém nos vir chatear, hospedamo-nos aqui. Vejo que há de tudo o que necessitamos. Vastas hortas cheias de verdura, com mandioca, batata, banana, repolho, couve... tudo quanto precisamos.

RASGA MONTANHA – E há espingardas suficientes penduradas na parede. Algumas devem estar boas.

ARRANCA PINHEIRO – Se não estiverem eu arranjo-as. Sei consertar armas. Aprendi com um tio meu em Achada Leitão. Ele é que inventou *Bóka Bedju*.⁴⁸

JOÃO DA BURRA – Ainda bem. És mecânico, estás na oficina. (*Faz um sorriso divertido*) Hoje descansamos, amanhã vamos o Arranca Pinheiro e eu à caça... (*para Rasga Montanha*) ficas cá e fazes comida.

RASGA MONTANHA – O que é que vou cozinhar? Não temos carne nem peixe... nem caldo galinha⁴⁹ tampouco!

JOÃO DA BURRA – Arranca uns quatro ou cinco canteiros de mandioca, dois ou três de batata-doce e põe a ferver. Podemos encontrar alguma vaca parida pelo caminho, ordenhamo-la e trazemos o leite.

ARRANCA PINHEIRO – Tenho uma garrafa de manteiga e alguns temperos no meu saco.

JOÃO DA BURRA – Então refoga a panela e faz *sta-nganadu*.⁵⁰

ARRANCA PINHEIRO – Já não me lembrava desse prato. Tantas vezes tenho-o saboreado quando era pequeno!

RASGA MONTANHA – Também no meu saco há um pouco de xerém.

JOÃO DA BURRA – Então já não há problema. Depois de amanhã vais tu e eu, Arranca Pinheiro fica para cozinhar. E depois fico eu a preparar a comida.

XVII CENA

MACACO, RASGA MONTANHA, JOÃO DA BURRA E ARRANCA PINHEIRO

Duas panelas, cada uma sobre três pedras. Rasga Montanha está deitado de costas sobre uma esteira, aparece o Macaco.

MACACO – Olha que vou entrar...

RASGAM ONTANHA – Se moras aqui, do que é que estás a espera?

MACACO (*vai direto à panela*) – Olha que vou comer...

RASGA MONTANHA – Se foste tu que cozinhaste ou mandaste cozinhar, come para eu ver.

O Macaco destapa a panela, Rasga Montanha atira-se a ele e lutam. O Macaco dá-lhe uma queda cujo estrondo é escutado há quilómetros, come e sai. João da Burra e Arranca Pinheiro chegam com sacos às costas e põem no chão, encontram Rasga Montanha deitado a gemer.

JOÃO DA BURRA – Rasga Montanha! Rasga Montanha! O que te aconteceu?

RASGA MONTANHA – Oi, oi, oi...

JOÃO DA BURRA – O que é que te aconteceu?

⁴⁸ - "Boca Velha": Marca de uma pistola de fabrico artesanal, *made* em Cabo Verde.

⁴⁹ – Caldo *Knorr*

⁵⁰ – Estar enganado: Refogado de hortaliças, mas não leva peixe nem carne.

ARRANCA PINHEIRO – As costas dele estão mais moles do que a barriga, João!

RASGA MONTANHA – Ai... ai... oi...

JOÃO DA BURRA – O que é que tu tens, rapaz?

ARRANCA PINHEIRO – Parece-me que alguém lhe bateu.

JOÃO DA BURRA – Deixa de brincar com coisas sérias. Não viste que o rapaz está doente?

ARRANCA PINHEIRO (*destapa as panelas*) – As panelas estão vazias. Numa, só tem um pouco de molho; na outra, apenas crosta de xerém.

RASGA MONTANHA – Oi... oi... foi um macaco... oi... oi...

JOÃO DA BURRA – Macaco?! Vá, o que é que te aconteceu?

RASGA MONTANHA – ... ele comeu tudo... oi... oi... só provei o sal.

ARRANCA PINHEIRO – Vou apanhar um pouco de *felegoça*⁵¹, fervemos e damos-lhe um banho.

JOÃO DA BURRA – Vai esfolar aquele leão que trouxeste, faz um caldo com a parte do peito, temperado com manteiga de terra e trazes para ele beber. Coitado, deve estar com boca-do-estômago fraca.

ARRANCA PINHEIRO – Acho melhor fazermos um caldo com aquele elefante que caçaste. O elefante é mais forte... tem mais tutano nos ossos.

RASGA MONTANHA – Oi... oi... oh minha mãe. Por favor não pensem que estou doido. Ui... ai... dói-me todo o corpo.

JOÃO DA BURRA – Quem foi que te bateu?

RASGA MONTANHA – Foi um macaco... oi, oi... lutamos, oi... oi... dei-lhe um golpe para ver se o derrubava, mas ele defendeu e não sei como é que conseguiu derrubar-me. Oi, oi... comeu toda a comida. Oi... oi... aaaai.

JOÃO DA BURRA – Macaco?! Qual macaco? Macaco és tu, palerma!

ARRANCA PINHEIRO – Ele não presta. Gostaria que fosse comigo! Nem se dessem ao macaco a Espanha e lhe ofertassem Portugal não ousaria tocar-me! Oh João, amanhã não sou eu que fico em casa? Vou ver que macaco é que se atreva a pôr aqui os pés.

JOÃO DA BURRA – Afinal aquele estrondo que ouvimos quando vínhamos a 300 quilómetros era a queda que o macaco te deu?

Massajam-lhe o corpo.

XVIII CENA

MACACO, ARRANCA PINHEIRO, JOÃO DA BURRA E RASGA MONTANHA

Arranca Pinheiro acaba de cozinhar, o mesmo macaco aparece.

MACACO – Olha que vou entrar...

ARRANCA PINHEIRO – Se está aqui alguém que procuras...

MACACO (*dirige-se à panela*) – Olha que vou comer...

ARRANCA PINHEIRO – Se foste tu que cozinhaste, ou que atiçaste o lume... então come.

⁵¹ – *Chenopodium muralium*.

O macaco destapa a panela, Arranca Pinheiro tenta impedi-lo e começam a lutar. Caem lado a lado mas Arranca Pinheiro consegue montá-lo. O macaco dá-lhe uma cambalhota cujo estrondo se ouve novamente, a uma distância superior ao do dia anterior. E volta a comer a comida toda. Os companheiros chegam.

JOÃO DA BURRA – Arranca Pinheiro... Arranca Pinheiro... o que é que tu tens?

ARRANCA PINHEIRO – *Ui, ui, ui...*

JOÃO DA BURRA – O que é que te aconteceu?

RASGA MONTANHA – Aquele macaco lhe cascou de certeza!

ARRANCA PINHEIRO – *Ai... ai... oi... ui... iii...*

JOÃO DA BURRA – O que é que tu tens, rapaz?

RASGA MONTANHA – Aquele macaco sovou-lhe. Olha para as costas dele. Estão mais moles do que uma papaia madura.

JOÃO DA BURRA – Deixa de brincadeira. Porque ontem o macaco sovou-te?

RASGA MONTANHA (*destapa a panela*) – Olha a panela vazia. Só tem migalhas de mandioca e de carne. Xerém não sobrou nada, e molho... nem para provar.

JOÃO DA BURRA – Vocês são bostas de homens. Não valem nada.

ARRANCA PINHEIRO – *Ai... foi aquele macaco... aquele que ontem surrou-te. Oi... despejou tudo no estômago dele... oi... estava tão saborosa... tão bem temperada.*

RASGA MONTANHA – Vou ferver *felegoça* e damos-lhe um banho como fizeram ontem comigo.

JOÃO DA BURRA – Esfola aquela pacaça que trouxeste, tempera rápido e faz-lhe uma boa paparoca. Não te lembras ontem... mal tomaste ficaste bom?

ARRANCA PINHEIRO – *Oi... oi... oh minha mãe.*

RASGA MONTANHA – Não chamaste-me de *pioco*?!...⁵²

ARRANCA PINHEIRO – *Oi, oi... caímos lado a lado... oi... oi... revirei-lhe e montei em cima... oi... oi...uuuu... não sei como me distrai, ele deu-me buló...⁵³ ui... ui... as costas doem-me muito.*

RASGA MONTANHA – Falaste soberba...

JOÃO DA BURRA – Vocês são uns tansos. Que macaco é que se atreva a pelejar comigo? Amanhã vão ver como lhe trato de saúde.

XIX CENA

MACACO, JOÃO DA BURRA, RASGA MONTANHA E ARRANCA PINHEIRO

MACACO – Olha que vou entrar...

JOÃO DA BURRA – Do que é que estás à espera? Estou com vontade de ver-te aqui dentro. Se és macho e tens três tomates, experimenta pôr os pés na soleira da porta.

O macaco entra, João atira-se a ele e começam a lutar. Várias vezes o macaco ameaça derrubar o João, mas ele consegue defender-se e derruba o macaco. Monta-o em cima, puxa a bengala e corta-

⁵² – Palermo, frouxo.

⁵³ – Golpe em que o adversário finge cair-se e arremessa o outro pela cabeça.

lhe uma orelha. O macaco consegue fugir, João apanha a orelha e guarda. Os rapazes chegam, põem a carga num canto e destapam a panela.

RASGA MONTANHA – Hoje aquele desgraçado não apareceu?

JOÃO DA BURRA – Que nunca mais vai aparecer!... tenho quase a certeza.

ARRANCA PINHEIRO – E não comeu... não te bateu?

JOÃO DA BURRA – Comem rápido porque temos um trabalhão à nossa espera.

RASGA MONTANHA – Trabalhão?!

ARRANCA PINHEIRO – Que trabalhão? Cansados como estamos?!

RASGA MONTANHA – Eu trouxe um leão inteiro às costas!

ARRANCA PINHEIRO – O camelo que trouxe era pesado. Estava gordo.

JOÃO DA BURRA – O que interessa é que com fome não ficaram.

RASGA MONTANHA – E que trabalho é que há para fazer?

ARRANCA PINHEIRO – Não nos diga que mataste aquele desgraçado e estavas à nossa espera para lhe virmos tirar o couro?

JOÃO DA BURRA (*aponta o dedo*) – Estão a ver aquela placa ali? Foi lá que ele entrou. Temos de o perseguir até o capturarmos. Comem depressa e vamos lá.

Acabam de comer e saem à procura do macaco.

XX CENA

JOÃO DA BURRA, RASGA MONTANHA E ARRANCA PINHEIRO

Perto de um buraco fundo, tapado por uma placa.

JOÃO DA BURRA – Rasga Montanha, destapa o buraco para vermos o que é que está lá dentro. (*Rasga Montanha tenta, mas a tampa não se mexe*) Vá, sai da frente. Arranca Pinheiro, vai tu destapar o buraco. (*Também não consegue. João mete o dedão do pé entre a argola da tampa e arremessa-a para muito longe*) Pensava que eram homens de verdade. Porcarias!

ARRANCA PINHEIRO (*olha para o fundo*) – Ave-maria... que buraco fundo!

RASGA MONTANHA – Jesus! Mais de mil metros de profundidade! E tão escuro!

JOÃO DA BURRA (*com uma corda na mão, um tambor e um pau*) – Rasga Montanha, amarra esta corda à cintura, toma este tambor e este pau, desce até ao fundo deste buraco. O tambor e o pau são para percutires se tiveres algum embaraço. Bates o pau no tambor e puxamos a corda.

RASGA MONTANHA (*mal começa a descer toca o tambor e volta à superfície assustado*) – Credo, rapazes! Lugar escuro, fundo, cheio de bichos ruins!...

JOÃO DA BURRA – Não vales nada. Arranca Pinheiro, vai tu. (*Repete as mesmas façanhas*) Vocês têm mais é garganta! Cobardolas!

ARRANCA PINHEIRO – Vi cobras, baratas, centopeia, grilos, carochas, bicho-castros... ratinhos e ratões a falarem das ratazanas, mosquitos a correr atrás de osgas, *Don d'Água* com sede a pedir que o sapo lhe ensine a nadar... (*passa a mão pelo rabo e cheira*) não!...

RASGA MONTANHA – *Macho-velho*, será que... a coisa escapou-te?

JOÃO DA BURRA – Vão dar *traques* nas cinzas! Arriem-me a corda. Quanto mais toco o tambor, mais depressa arriam a corda.

XXI CENA

BRANCA FLOR, JOÃO DA BURRA, BICHO-FERA, BRANCA DE NEVE E MACACO

Num subterrâneo com duas casas, João bate à porta e Branca Flor vai abrir.

BRANCA FLOR – Oh homem de Cristo, o que veio aqui fazer? Aqui ninguém pode vir!

JOÃO DA BURRA – Ninguém pode vir?! E por que então estou aqui?

BRANCA FLOR – Porque é maluco. Ainda não veio cá alguém que tenha regressado vivo!

JOÃO DA BURRA – Porquê?

BRANCA FLOR – O meu marido é um *bicho-fera* de sete cabeças que não sabe o que é perdoar. Se o encontrar aqui, faz de si um cadáver.

JOÃO DA BURRA – Como... ele mata-me?!

BRANCA FLOR – Tal qual dois e dois são quatro. Você não o conhece!

JOÃO DA BURRA – Obrigado pelo aviso. Mas antes, vai arrumando as tuas trouxas, porque vou levar-te daqui.

BRANCA FLOR – Vai levar-me daqui?!

JOÃO DA BURRA – Mas não te vou raptar. Espero que ele chegue, conhecer-nos-emos e só depois te levo daqui.

BRANCA FLOR – Ele não brinca, senhor... e não admite que brinquem com ele. Não pense suicidar-se porque ainda é muito novo. Vai daqui por favor, antes que ele chegue.

JOÃO DA BURRA – Como é que vou sem ele chegar? Seria cobardice da minha parte. E se te levar sem falar com ele, pode me acusar pelo crime de rapto.

BRANCA FLOR – Oh homem de Cristo, deixe de tolices! Pelo amor de Deus, pela bênção de sua mãe que deve estar com dor de barriga, vá-se embora.

JOÃO DA BURRA – Sem ti?

BRANCA FLOR – Como é que me vai levar? Não viu que está louco?

JOÃO DA BURRA – Vai preparando as tuas coisas enquanto espero que ele chegue.

BRANCA FLOR – Por amor de Deus, senhor! Aqui só moro eu, o meu marido, um macaco que é seu irmão, marido da minha irmã gémea. Eles são ciumentos, se o encontrarem aqui, matam-lhe de certeza. E eu vou levar uma grande sova, porque vão pensar que fui eu que o trouxe. (*Ouve-se barulho lá fora*) Santa Bárbara Generosa... oh Deus... o meu marido chegou. Esconda-se, filho de parida!

JOÃO DA BURRA – Deixa-me abrir a porta.

BRANCA FLOR – Sossegue-se, homem! Meta-se debaixo da cama e deixe de procurar chinfrim! Você não sabe quem é o meu marido!

JOÃO DA BURRA – Eu não vim cá porque o conheço e tenho confiança nele; nem porque não o conheço para o subestimar. Vim cá porque preciso vir, quero vir e posso vir.

BRANCA FLOR – O meu marido não é como o senhor pensa que é. Ele não é igual a si. Estou quase a dar-lhe razão, quando ele diz que não mata ninguém, que alguém é que o procura para se suicidar. (*Surge uma cabeça e ela grita*) Vem aí a primeira cabeça... (*João dá-*

lhe uma bastonada e a cabeça cai. Surge a segunda) olha a segunda a entrar... (acontece o mesmo) defenda a terceira... (a mesma coisa) fuja para o lado porque a quarta ainda lhe morde... (idem) credo!!! Esquive-se para que a quinta não lhe dê com a cadeira. (Idem) Tape as narinas porque a sexta está toda borrada, o fedor pode asfixiá-lo. (Idem) Põe-se a pau, porque agora vai entrar por inteiro.

Entra um homem, João dá-lhe uma bengalada no pescoço e cai morto. João amarra a corda na cintura da Branca Flor, toca o tambor e os colegas puxam-na. João vai bater na porta ao lado e Branca de Neve vai abrir.

BRANCA DE NEVE – Mas oh homem, quem o condenou a vir morrer aqui?

JOÃO DA BURRA – Era preciso que fosse condenado para vir aqui? Aqui é alguma prisão... algum corredor da morte?

BRANCA DE NEVE – O senhor não sabe que aqui ninguém pode vir? Saia o mais rápido possível, antes que o meu marido chegue.

JOÃO DA BURRA – Se não era permitido vir aqui quem não fosse condenado, era até ontem.

BRANCA DE NEVE – O que é que o senhor disse?

JOÃO DA BURRA – Não era permitido até ontem porque hoje já venho e estou aqui. Já agora... quem é o teu marido?

BRANCA DE NEVE – O meu marido é um macaco. Anda sempre junto com um seu irmão, um bicho-fera de sete cabeças que é ainda mais perigoso do que ele.

JOÃO DA BURRA – Quer dizer que... o teu marido é perigoso?

BRANCA DE NEVE – Ainda não houve quem ousou pôr aqui os pés e que tenha regressado.

JOÃO DA BURRA – Então serei exceção?

BRANCA DE NEVE – O quê?

JOÃO DA BURRA – Eu vou regressar. E não só com a minha vida, como também contigo ao meu lado.

BRANCA DE NEVE – Mas que Deus ruim foi esse que lhe condenou a uma morte tão penosa... e tão antes do tempo?

JOÃO DA BURRA – Talvez esse Deus mandou-me libertar-te deste sofrimento tão injusto. Ora, diz-me: há quanto tempo vives neste sítio?

BRANCA DE NEVE – Não sei. Quero que vá daqui porque não quero assistir à sua morte.

JOÃO DA BURRA – Vocês são quantos que moram aqui?

BRANCA DE NEVE – Só eu e o meu marido. Sei que o meu cunhado vive com a minha irmã gémea, mas nunca a vi. Ela não vem à minha casa, eu não vou a dela. Eu nunca saí à rua.

JOÃO DA BURRA – São irmãs, vizinhas e não se vêem?! Nunca saíste à rua?!

BRANCA DE NEVE – O meu marido não me deixa nem pensar, senhor! Saia daqui por amor de Deus. Se o encontrar aqui, mata-nos aos dois.

JOÃO DA BURRA – Tinha vontade de o conhecer. Não me parece que seja tão bravo como o pintas! Mas eu percebo. É teu marido... estás a destacá-lo para me intimidares!

BRANCA DE NEVE – Sobretudo agora que está sem uma orelha!

JOÃO DA BURRA – Quando é que ele deve chegar?

BRANCA DE NEVE – Deve estar mesmo a chegar.

JOÃO DA BURRA – Vai arrumando as tuas trouxas... eu vou esperá-lo.

BRANCA DE NEVE – Ele já deve saber que você está aqui. Adivinha que nem Demónio.

JOÃO DA BURRA – Estás a deixar-me preocupado. Ele não virá.

BRANCA DE NEVE – Deixe de armar-se em doido, e arranje forma de sair daqui, mais rápido do que entrou.

JOÃO DA BURRA – Disseste há bocado que ele está sem uma orelha?

BRANCA DE NEVE – Não sei com quem se envolveu... cortou-lhe uma orelha.

JOÃO DA BURRA – Não te importes se eu me sentar um *coche* e esperar por ele... e conhecê-lo?

BRANCA DE NEVE – Se o encontrar aqui... não sairá vivo!

JOÃO DA BURRA – Como é que tens tanta certeza de que não sairei vivo?

BRANCA DE NEVE – Você é mesmo corajoso, forasteiro!

O Macaco aparece e, mal vê o João, foge. O João amarra a Branca de Neve a corda na cintura, bate no tambor e os rapazes puxam. Branca Flor e Branca de Neve ficam tristes, de cócoras entre Rasga Montanha e Arranca Pinheiro.

RASGA MONTANHA – Não te lembras de uma prédica na igreja, há já uns anos, sobre duas irmãs gémeas que tinham sido raptadas quando regressavam da escola?

ARRANCA PINHEIRO – Lembro-me. Tinha sido feita pelo senhor padre Joaquim.

RASGA MONTANHA – Devem ser elas. São tão parecidas! E são gémeas de certeza.

ARRANCA PINHEIRO – O pai delas tinha prometido a metade de sua riqueza e elas em casamento a quem as encontrasse.

RASGA MONTANHA – E então... como é que fazemos? São duas... uma para ti e outra para mim!

ARRANCA PINHEIRO – E o João?!

RASGA MONTANHA – O João... tenho uma ideia.

ARRANCA PINHEIRO – Qual?

RASGA MONTANHA – O que achas se o deixarmos dentro do buraco?

ARRANCA PINHEIRO – Boa ideia.

RASGA MONTANHA – Vamos falar com o senhor padre Joaquim, ele vai dizer ao pai delas que fomos nós que as encontramos. Casamos com elas, tu e eu.

ARRANCA PINHEIRO – O desgraçado do pai já deve estar velho, daqui a dois dias ele morre, ficamos com tudo o que é dele.

RASGA MONTANHA – E o João vai apodrecer no hospício, se o maldito macaco não o comer.

XXII CENA

REI, ARRANCA PINHEIRO E RASGA MONTANHA

Cerimónia solene no palácio.

REI – Meus amigos, já que fazem parte da família, quero confiar-vos, doravante, cargos importantes na governação do reino. Pois, pelo que fizeram por mim, não possuo dinheiro que chegue para vos pagar. Desta forma, meu querido Arranca Pinheiro, na qualidade de

meu genro, marido da minha estimada filha Branca Flor, nomeio-te, a partir de hoje, ministro das Finanças e meu subseleante quando estou ausente. O que é que achas?

ARRANCA PINHEIRO – Excelentíssimo senhor rei, hoje meu querido sogro. Assim como vossemecê me confiou a responsabilidade, e nomeou-me para ministro das suas Finanças, afianço-lhe que tudo farei para que falências batam à porta de todos, exceto na do palácio do meu augusto sogro. *(Palmas)* E como subseleante nas suas costas, sei que quanto menos falência chegar perto de si, mais vezes terá a barriga cheia, mais vezes sente a necessidade de ir à casa de banho, e mais vezes terei a oportunidade de ocupar o seu trono!

Todos batem palmas. O rei retoma o discurso.

REI – Rasga Montanha, tu também, desde já, na qualidade de marido de Branca de Neve, minha não menos estimada filha, vou designar-te ministro da Segurança e Conselheiro Geral do Reino. Deves saber que muita gente odeia o rei e procura-o para matá-lo... já agora, a vocês também que já fazem parte da família.

RASGA MONTANHA – Vossa majestade, senhor pai da minha mulher; se de facto sou merecedor da confiança de vossemecê, conforme acabou de dizer, toda a minha vontade é de o servir fielmente, estimá-lo e respeitá-lo. *(Palmas)* Juro-lhe que neste momento acabei de pensar no que vou fazer em primeiro lugar.

Palmas.

REI – Podia saber já a substância deste teu juramento?

RASGA MONTANHA – Com certeza, claro e evidente. Já amanhã mando fazer mais cassetetes para distribuir aos nossos polícias.

REI *(abraço-o)* – Pela forma como falas, qualquer burro se apercebe que tens ar de ministro.

Palmas.

RASGA MONTANHA – Para que lhe prove o que acabei de dizer, é necessário a colaboração do meu colega, senhor Dr. Arranca Pinheiro.

REI *(estupefacto)* – Ele é doutor?... de lei ou de medicina?

RASGA MONTANHA – Doutor é uma forma de falar. Como agora ele ocupa cargo importante... nenhum doutor é mais do que ele.

REI – Ok. Está bem.

ARRANCA PINHEIRO – Da minha parte estarei disponível para o que for.

REI – E em que é que tu queres que ele te ajude?

RASGA MONTANHA – Quero que me dê uma lista com nomes de todos os miseráveis que por aí andam a pedinchar e toldar as ruas com mendicância.

Batem palmas e abraçam-se. O rei abre uma garrafa de champanhe.

XXIII CENA

JOÃO DA BURRA E MACACO

João está com fome, sujo e desesperado, com barba e cabelo que metem medo.

JOÃO DA BURRA [V.O.] – “Já me pregaram partida aqueles sacanas! Como vou sair daqui? Seis semanas sem comer, sem beber, sem lavar-me... à espera que a morte chegue”.

Levanta-se e passeia.

JOÃO DA BURRA – Mas também, se Deus me ajudar a sair daqui vivo!... *(Volta a sentar-se)* Pelo menos se aquele macaco aparecer, tentarei pedir-lhe desculpa e que me tire daqui, e,

se ele quiser, devolvo-lhe as duas raparigas. *(Reflete um pouco)* É verdade... *(retira do bolso a orelha)* vou comer esta orelha, pelo menos pega-me a boca-do-estômago por uns minutos.

Dá uma trincada na orelha e o Macaco surge.

MACACO – Ó João dá-me a minha orelha; ó João dá-me a *minh...*

JOÃO DA BURRA – Dou-te a orelha se me arranjares uma mesa com toda a espécie de comida e bebida.

MACACO – Fecha os olhos, pensa no que queres comer e beber, volta a abrir.

João fecha os olhos e quando os abre vê-se sentado à uma mesa recheada. Levanta-se depois de comer, desabotoa o casaco, o Macaco vê a bengala e foge. João volta a morder a orelha e o Macaco aparece de novo.

MACACO – Ó João dá-me a minha orelha; ó João dá-me a minha orelha...

JOÃO DA BURRA – Tira-me deste buraco, dou-te a tua orelha.

MACACO – Fecha e abre os olhos.

XXIV CENA

MACACO E JOÃO DA BURRA

À porta do quartel, João morde a orelha e o Macaco volta a aparecer.

MACACO – Ó João dá-me a minha orelha; ó João dá-me a minha orelha...

JOÃO DA BURRA – Dou-te a tua orelha, mas depois de uma conversa a sério.

MACACO – Qual conversa?

JOÃO DA BURRA – Vejo que estamos condenados a ser amigos.

MACACO – Amigos?! ... Gostarias?

JOÃO DA BURRA – Não vejo inconveniente. Antes pelo contrário.

MACACO – Nem eu. És um homem digno de amizades.

JOÃO DA BURRA – Já percebi que és uma criatura poderosa... que tens alguns poderes ocultos. Por isso, por favor, diz-me onde estão os meus companheiros, quais são as suas intenções, como está a minha família e o que irá acontecer comigo daqui para frente, dou-te já a tua orelha.

MACACO – Vou te contar. Embora seja uma estória comprida e dolorosa... mereces conhecê-la.

JOÃO DA BURRA – Obrigado. E espero poder compensar-te um dia.

MACACO – Havia um rei que adquirira uma escrava mal chegara da Costa da Guiné, no porão de um navio negreiro. Era uma jovem robusta, parecia cheia de vida. Mas não. Vinha grávida da terra dela. Quando o rei se apercebeu da gravidez, deu-lhe uma bruta surra no intuito de lhe provocar o aborto.

JOÃO DA BURRA – Homem sem coração!

MACACO – Meses depois nasceu uma filha. O rei tinha um filho de 12 anos de idade. Aos 25 anos esse filho sucedeu-lhe ao trono, após o seu óbito. O filho era ainda muito novo, diria até, inexperiente. E a filha da escrava, 12 anos mais nova do que ele, era ainda miúda. Ele pôs-se a abusar dela e, aos 13 anos ela ficou grávida.

JOÃO DA BURRA – Cão leproso! De certeza não se assumiu.

MACACO – Não podia. Sendo branco, ostentando uma coroa real, não podia casar-se com uma negra.

JOÃO DA BURRA – Como se negra não fosse também filha de Deus!

MACACO – Mandou então um cocheiro preparar uma carroça com os mantimentos e ir deixar a negrinha num sítio ermo.

JOÃO DA BURRA – Sozinha... grávida por cima?!

MACACO – E à mãe da miúda disse que ia vendê-la.

JOÃO DA BURRA – Desgraçado! Criatura sem alma!

MACACO – Nove meses depois, mandou o mesmo cocheiro ver se a criança tinha nascido. E havia nascido, três dias antes, um rapazinho negro, olhos vermelhos, beiços grossos e cabelo crespo.

JOÃO DA BURRA – Jesus Maria! ... Deve ficar danado quando soube!

MACACO – Se ficasse só por aí. Mandou o cocheiro buscar o menino, deu-lhe uma navalha e ordenou que o degolasse e atolasse o sangue na navalha e ir mostrar-lhe como prova.

JOÃO DA BURRA – Demónio!

MACACO – O cocheiro levou a criança, deitou-a sobre ervas, encostou-lhe a navalha ao pescoço e ela sorriu como se lhe tivesse feito cócegas. O sorriso inocente da criança comoveu e demoveu o cocheiro.

JOÃO DA BURRA – Graças a Deus.

MACACO – Fez-lhe um corte no dedo médio da mão esquerda, untou o sangue na navalha e levou ao rei. O menino passou três dias no mato, até ser encontrado por um casal que o levou para o *funco*⁵⁴ deles.

JOÃO DA BURRA – Boa gente. Deus os retribuirá.

MACACO – Como eram pobres, deram ao menino de mamar numa Burra que estava parida.

JOÃO DA BURRA – O menino a mamar leite de burra?!

MACACO – Contra a fome, a lei é: “salva-se como puder”. O menino mamava na burra com apetite de um burrinho. (*Riem-se*) Passado uns tempos, o rei voltou a visitar a negrinha e novamente deixou-a grávida.

JOÃO DA BURRA – Ordinário! ... Patife! ...

MACACO – Nove meses depois, mandou o cocheiro ver se já tinha dado à luz. Desta vez nasceram duas meninas, brancas de cabelo loiro, retratos do pai. O rei mandou buscá-las e entregou-as num colégio para serem educadas.

JOÃO DA BURRA – A negra só serve para parir! Não serve para criar os próprios filhos. Meu Deus! ...

MACACO – E deu a mesma navalha ao cocheiro...

JOÃO DA BURRA – Não acredito que vai mandar matar a mulher!

MACACO – Foi exatamente o que fez. Mandou matar a negrinha no mesmo sítio onde, supostamente, o menino teria sido morto.

JOÃO DA BURRA – Será que desta o cocheiro cumpre a ordem?

⁵⁴ – Casa tosca, feita de palha, com uma só divisão.

MACACO – Não. O cocheiro falou com ela, matou um cabrito bravo, ungiu o sangue na navalha e levou ao rei como prova.

JOÃO DA BURRA – Esse homem é um Santo!

MACACO – O mesmo casal que apanhou o menino acolheu a negrinha.

JOÃO DA BURRA – Essas estórias são muito rocambolescas, Macaco.

MACACO – Pois, são. E de que maneira! Esse menino eras tu.

JOÃO DA BURRA – Eu?!

MACACO – As duas gêmeas, certo dia, quando regressavam da escola, eu e o meu irmão raptámo-las para o nosso hospício.

JOÃO DA BURRA – Queres dizer que são minhas irmãs... as duas meninas que tirei da tua gruta?

MACACO – São irmãos de mãe e de pai.

JOÃO DA BURRA – Não acredito!...

MACACO – A família que te acolheu está presa em casa do teu pai.

JOÃO DA BURRA (*totalmente revoltado*) – Presa?! Como?! ... Porquê?

MACACO – Apanharam a tua mãe a colher purga na propriedade da tua tia, irmã do teu pai... acusaram-na de roubo.

JOÃO DA BURRA – E a vovó e o vovô? Foram presos porquê?

MACACO – Prenderam a família toda. Estão fechados numa capoeira, juntos com patos e galinhas.

JOÃO DA BURRA – Ajuda-me... ajuda-me por amor de Deus. Ajuda-me por favor a libertá-los. Estão injuriados?

MACACO – A tua mãe está enterrada no quintal, da cintura para baixo, com as mãos atadas atrás das costas, por ordem dos teus camaradas.

JOÃO DA BURRA – Rasga Montanha e Arranca Pinheiro?! ... Eles então estão aí?

MACACO – A comer, beber e mandar. Ou melhor, abusar. À tua família só dão sobras dos porcos e dos cães.

JOÃO DA BURRA – Não acredito! É duro demais para que Deus o permita.

MACACO – Para beberem e tomarem banho, dão-lhes água que utilizam na lavagem de pratos, panelas, penicos e casas de banho.

JOÃO DA BURRA – Foi por isso que me abandonaram no hospício?

MACACO – Foi.

JOÃO DA BURRA – Eles vão-me pagar.

MACACO – Estão convictos de que estás morto. Aliás, deixaram-te no hospício para morreres e eles ficarem com as moças e ganharem o prémio que o rei havia prometido.

JOÃO DA BURRA – Que prémio é que o raio do rei prometeu?

MACACO – Que quem encontrasse as filhas herdaria a metade dos seus bens e casaria com elas.

JOÃO DA BURRA – A sério?!

MACACO – Estão casados, cada um com uma delas, ostentando altos cargos na Corte. Arranca Pinheiro é ministro das Finanças e subsecretário quando o rei está ausente. E Rasga Montanha é ministro da Segurança e conselheiro geral do reino.

JOÃO DA BURRA – Diz-me... diz-me por favor como apanhá-los e como libertar a minha família.

MACACO – Eu ajudo-te.

JOÃO DA BURRA – Muito obrigado... obrigado! Desculpa-me por tudo.

MACACO – Próximo sábado haverá uma festa no Tarrafal. Vão lá estar acompanhados do sogro e das respetivas esposas.

JOÃO DA BURRA – E como fazer para estar lá sem que me reconheçam?

MACACO – Queres ir?

JOÃO DA BURRA – Como?! Não tenho roupas novas... não tenho dinheiro para comprar um fato. Com esta roupa serei reconhecido à distância.

MACACO – Sábado de manhã, depois do banho, fecha os olhos, pensa num fato que queres vestir e num cavalo que queres ter. Quando abrires os olhos estarás vestido e à tua porta estará um cavalo equipado ao teu gosto. (*João dá-lhe um abraço*) Qualquer coisa que desejares, fecha os olhos e pensa nela. E quando precisares da minha ajuda, pensa em mim, que apareço.

JOÃO DA BURRA – Muito obrigado! Desculpa-me por tudo mais uma vez.

XXV CENA

ARRANCA PINHEIRO, RASGA MONTANHA E REI

Os novos ministros discutem planos.

ARRANCA PINHEIRO – Temos que provar ao senhor rei o quanto valem e que somos merecedores da sua confiança.

RASGA MONTANHA – Pois claro. Temos que demonstrar-lhe a nossa competência.

ARRANCA PINHEIRO – Quem não paga os impostos dentro do prazo vai à prisão, assim como toda a família.

RASGA MONTANHA – Depois ordenamos a força de todos os prisioneiros, não sobrarão parentes que os herdem.

ARRANCA PINHEIRO – Todos os seus haveres passarão a pertencer ao Estado.

RASGA MONTANHA – Quer dizer... a nós. Podes contar com o meu apoio. Temos que irradiar a pobreza. Os pobres, velhos, doentes, deficientes e pessoas que pedem esmola vão também todos à força.

REI (*entra*) – Vejo que ainda, irrevogavelmente te promovo a meu vice.

ARRANCA PINHEIRO – (*com ciúme*) E eu, vossa majestade?

REI – Tu ainda não. Pois, do jeito que ele fala, dá-me gozo ouvi-lo.

RASGA MONTANHA – Acho que o senhor rei se irá congratular com essas medidas. Farão da nossa terra a mais próspera e rica do mundo.

ARRANCA PINHEIRO – Vou dar voltas pela capoeira e verificar se os criados estão a cumprir ordens para com aqueles maltrapilhos encapoeirados.

RASGA MONTANHA – Ontem, juntamente com o senhor rei, dei ordens para não deitar urina na retrete. Para atirar à cara dos prisioneiros. E disse-lhes que se algum resmungar para cortar uma orelha.

ARRANCA PINHEIRO – Volto já.

RASGA MONTANHA – Também vou contigo.

REI – E por que não hei-de ir também?

ARRANCA PINHEIRO – Claro que pode, senhor rei.

RASGA MONTANHA – O rei é o rei; ninguém lhe toca a mão nem lhe põe travão.

Saem, rindo-se.

XXVI CENA

ARRANCA PINHEIRO, RASGA MONTANHA, CALIXTO E PRISIONEIRO

Passam a beira da capoeira e vêem Kizy a chorar.

ARRANCA PINHEIRO – Por que berras, negra feia? Estás com desejo sexual? *(Para o Calixto)* Enterra esta pulha da cintura para baixo.

RASGA MONTANHA – Dá-lhe uma boa sova antes de a enterrares.

XXVII CENA

RASGA MONTANHA, CALIXTO, ARRANCA PINHEIRO, REI E PRISIONEIRO

Kizy está a comer e a comitiva passa por ela. Ela faz um sorriso.

RASGA MONTANHA – Para quem estás a grasnar, ó macaca? Julgas que está aqui algum colega teu? *(Para o Calixto)* Ó pretinho, ata esta alimária as mãos atrás das costas durante três semanas.

CALIXTO – E como é que ela vai ficar a comer?

ARRANCA PINHEIRO – Cala a boca e faz o que te mandaram, seu carvãozinho. Ou queres ficar ao lado dela nas mesmas condições?

CALIXTO – Desculpem-me, meus senhores... desculpem-me.

RASGA MONTANHA – É fácil ser atrevido, não é?

ARRANCA PINHEIRO – Claro que é fácil. Não pagam imposto.

REI – Querem que aplique um imposto extraordinário sobre os atrevimentos? *(Riem-se)* Se ela quiser comer, que faça como os colegas dela.

Riem-se gozando.

XXVIII CENA

BRANCA DE NEVE, KIZY, BRANCA FLOR, NHONHÔ LANDIM E ROMANA

As Brancas vão falar com os prisioneiros.

BRANCA DE NEVE *(diante da Kizy)* – Por que é que a senhora está assim?

KIZY – Minha filha...

BRANCA DE NEVE – Não me leve a mal, mas não me chame de sua filha. Faz-me sentir uma coisa machucar-me por dentro.

KIZY – Desculpa, querida. Eu não sei o que é que eu fiz. Ontem, um daqueles senhores que começou a trabalhar aqui há dias, passou por mim e eu estava a chorar, mandou enterrar-me. Hoje, aquele outro seu colega passou também, eu estava a comer, viu-me a rir, mandou amarrar-me as mãos atrás das costas.

Em lágrimas vão à capoeira e pedem bênção aos velhos.

BRANCA FLOR – Por que é que estão presos?

NHONHÔ LANDIM – Fomos colher uns grãosinhos de purga para vender e comprar café e açúcar, senhor rei mandou prender-nos.

BRANCA DE NEVE – Só por isso?

ROMANA – Ele disse que somos ladrões e que estávamos a difamar a terra dele...

BRANCA FLOR – Já estão cá há quantos dias?

NHONHÔ LANDIM – Quantos dias?!... Já estamos aqui há quase dois anos.

ROMANA – Mas já nos acostumamos. Só nos falta acostumar com aqueles dois senhores novatos.

BRANCA DE NEVE *(para Nhonhô)* – Como é que o senhor se chama?

NHONHÔ LANDIM – Rebelado do Nosso Senhor Jesus Cristo.

BRANCA FLOR *(para Romana)* – E a vovó?

ROMANA – Rebelada do Nosso Senhor Jesus Cristo.

BRANCA DE NEVE *(dirige-se à Kizy)* – E a senhora, como se chama?

KIZY – Rebelada do Nosso Senhor Jesus Cristo.

As irmãs entreolham-se, fazem “adeus” aos velhos e com lágrima nos olhos careciam Kizy no cabelo. Dão-lhe um beijo ao mesmo tempo, cada uma numa face, e saem a correr. Kizy fica emocionada e os velhos admirados com a simplicidade das filhas do rei.

XXIX CENA

RASGA MONTANHA, ARRANCA PINHEIRO, BRANCA DE NEVE E BRANCA FLOR

As esposas estão a chorar quando os maridos entram.

RASGA MONTANHA – Por que estão a chorar, suas galdérias?

ARRANCA PINHEIRO – Estão com calor naquela parte?

RASGA MONTANHA *(para sua esposa)* – Levanta-te e manda preparar-me roupa para levar à festa amanhã no Tarrafal.

ARRANCA PINHEIRO *(para a esposa dele)* – Vai também dizer ao Calixto para dar banho ao cavalo e preparar as selas, que amanhã vou à festa no Tarrafal.

RASGA MONTANHA – As mulheres não prestam! São bichos que não deviam existir. Só sabem chatear os homens!

ARRANCA PINHEIRO – Não sabem colaborar. Não ajudam os maridos.

RASGA MONTANHA – Só ajudam a destruir.

ARRANCA PINHEIRO – Merecem de vez quando uns dois pares de bofetadas.

RASGA MONTANHA – A minha sabe que dou. Que não brinco.

ARRANCA PINHEIRO – Então a minha não sabe?! Tem é couro de sapo.

XXX CENA
JOÃO DA BURRA

João fecha os olhos e medita.

JOÃO DA BURRA [V.O.] – «Quero um par de fatos ornado de diamantes; um cavalo que corre mais do que o vento e voa como uma pomba, com unhas e crinas douradas, que defeca ouro e quando anda caem diamantes pelo caminho».

Abre os olhos e vê-se vestido com um fato. Sai à rua e encontra um cavalo aparelhado.

XXXI CENA
REI, RASGA MONTANHA E ARRANCA PINHEIRO

No palácio.

REI – Queridos genros, aquele cavaleiro que estava ontem na festa no Tarrafal, com aquele cavalo e aquelas roupas, temos que vasculhar e descobrir quem é. Temos que saber, porque quando estávamos à entrada da Vila, o ministro do Chinfrim telefonou-me e disse que havia um cavaleiro a preparar-se para partir da cidade da Praia. E em menos de cinco minutos, senti um cavaleiro passar por nós como o vento. Quando chegamos na Esplanada ele estava lá sentado, com os pés cruzados, acabando de beber o terceiro cálice de grogue.

RASGA MONTANHA – Como é que soube que era o terceiro cálice de grogue, senhor rei?

REI – Imbecil! Ele estava com um copo na mão e mais dois vazios ao pé dele.

ARRANCA PINHEIRO – Se é algum Príncipe impostor de outra terra que quer vir fazer bazofiaría e tentar seduzir as nossas queridas esposas, saberemos.

RASGA MONTANHA – Senhor rei não quer que o prendamos?

REI – Tenham calma. Temos que saber primeiro quem ele é.

ARRANCA PINHEIRO – A partir de agora vou ficar de olho na minha esposa.

RASGA MONTANHA – A minha, não vou deixá-la ir nem a casa de banho sozinha.

REI – Fazem muito bem. Não se esqueçam que foi assim que Páris raptou Helena a Menelau, que tanta encrenca causou à Tróia.

ARRANCA PINHEIRO – E o que é que vossemecê sugira que façamos?

REI – Saber quem ele é e quais são as suas verdadeiras pretensões.

ARRANCA PINHEIRO – Pode ficar descansado.

RASGA MONTANHA – Conte com o meu apoio para uma maioria qualificada, absoluta, relativa, analítica e sintética.

REI – Vamos organizar mais uma festa, fazemos um muro bastante alto, que vede todos os lados por onde ele possa passar e caçamo-lo.

RASGA MONTANHA – Então o meu colega tem que desbloquear algumas “vergas”, eu reúno os “recursos hídricos” e construímos esse tal muro.

REI – “Vergas”?... ‘recursos hídricos’?!

RASGA MONTANHA – Exatamente! Com vergas compramos materiais e obrigo os polícias a carregarem pedras e fazerem parede.

REI – Não querias dizer “‘verbas?’... ‘recursos humanos?’”

ARRANCA PINHEIRO – É... é. Era isso que ele queria dizer, vossa majestade. O meu colega tem tanta coisa dentro da cabeça dele que as vezes saem aquelas que ele não queria que saíssem.

Riem-se.

XXXII CENA

REI, RASGA MONTANHA, ARRANCA PINHEIRO, CALIXTO E JOÃO DA BURRA

REI – Meus “patetões”: não estão a ser nada bons ministros!...

RASGA MONTANHA E ARRANCA PINHEIRO – Ave-maria!...

RASGA MONTANHA – Porquê, meu sogro?

ARRANCA PINHEIRO – O que é que vossa majestade falou e que os nossos ouvidos não captaram?... que vossemecê mandou fazer e não acatamos?

REI – O mesmo cavaleiro estava outra vez no Tarrafal. Passou-se novamente por nós quando debelávamos a reta de Achada Carreira para descermos Ponta Lagoa. Senti um vulto passar como uma rajada de vento e quando chegamos à Ponta do Atum, ele estava com uma caneca de água na mão a lavar o rosto porque acabara de acordar do sono.

RASGA MONTANHA – Mas não temos culpa, senhor rei, nosso sogro.

ARRANCA PINHEIRO – Fizemos de tudo para o caçar mas o cavalo dele voa que nem um pássaro.

REI – Inúteis. Imbecis. Eu contente por que íamos apanhá-lo em flagrante... e fazem-me esta desfeita!

O rei espreita pela janela e vê João a falar com Calixto, segurando o cavalo pelas rédeas. Para de ralar aos genros e, numa correria louca, vai ter com o cavaleiro.

CALIXTO – Dê-me o cavalo para ir amarrá-lo, depois levo-o no senhor rei.

REI (*berrando*) – Eh, “ladrãozinho” despuadorado! Sai dali imediatamente, sem vergonha! Foste chamado?! Deixa-me receber o meu hóspede, e o cavalo vou amarrar na minha varanda. Queres roubar o ouro e o diamante ao homem? (*Recebe o cavalo e cumprimenta o hóspede*) Peço sinceras desculpas por este triste incidente diplomático. (*Olha para a janela e vê Arranca Pinheiro*) Fecha este atrevido na capoeira, quando o hóspede for embora trato-lhe de saúde.

JOÃO DA BURRA – Rogo vossa majestade que lhe perdoe desta vez.

REI – Pedido aceite. (*Para o Arranca Pinheiro*) Podes deixá-lo. (*Para Calixto*) Estás perdoado. Tiveste sorte ele intercedeu ao teu favor.

CALIXTO – Muito obrigado, senhor rei.

JOÃO DA BURRA – Fico muitíssimo grato, vossa majestade.

REI – Vou amarrar o cavalo debaixo da janela do meu gabinete.

XXXIII CENA

REI E FILHAS, JOÃO DA BURRA, RASGA MONTANHA E ARRANCA PINHEIRO

O rei apresenta João às filhas e aos genros. Bebem aguardente e comem torresmo.

REI (*aponta o dedo para Rasga Montanha*) – Este é Rasga Montanha, meu ministro de Segurança e Conselheiro Geral do Reino. Homem valente, sério e muito respeitado. (*Para Branca de Neve*) Esta é a esposa dele, Branca de Neve, minha querida filha, que se hoje está aqui conosco a festejar e conhecê-lo, foi graças a valentia destes dois grandes heróis. (*Aponta para Arranca Pinheiro*) Este também é um outro da minha confiança. Chama-se Arranca Pinheiro, marido da minha linda e querida filha, (*para Branca Flor*) Branca Flor. É ministro das Finanças e meu subseleto quando estou a dormir, ou na casa de banho a fazer as necessidades.

JOÃO DA BURRA – Muito bonito! São bons ministros? De sua confiança?

REI – MUITÍSSIMO bons. Não há nada que eu lhes diga “sim” que me contrariam.

JOÃO DA BURRA – Parecem muito subservientes.

RASGA MONTANHA – Conforme o meu querido sogro acabou de lhe informar, eu sou ministro da Segurança do Reino...

JOÃO DA BURRA – E Conselheiro Geral. Valente, sério e muito respeitado.

RASGA MONTANHA – Não sou de me gabar para não dizerem que sou *bazofa*.

JOÃO DA BURRA – Não é bazofiar, é verdade. Você não aconselha o rei?

RASGA MONTANHA – Na verdade, o senhor rei e meu saudoso sogro está um pouco cota, mas ainda não precisa que alguém lhe segrede ao ouvido. Qualquer pessoa que lhe quer dizer algo, diz-lhe em voz alta que todos oiçam e percebam.

JOÃO DA BURRA – Como ministro o que pensa fazer para ajudar o seu rei?

RASGAMONTANHA – Meu rei e meu sogro!

JOÃO DA BURRA – Pois. O que pensa fazer para o ajudar a curto prazo?

RASGA MONTANHA – A prioridade da minha agenda é limpar estás pretalhadas que estão a invadir a privacidade dos brancos e criar condições para que os brancos sejam mais expressivos na sociedade.

JOÃO DA BURRA – Brilhante ideia... vê-se que é um ministro, não só poderoso, como também determinante.

RASGA MONTANHA – Tem que ser, meu caro. Com esta crise que ameaça alastrar a miséria, os brancos que representam a nossa civilização correm sérios e grandes perigos.

JOÃO DA BURRA – Sem dúvida. (*Para Arranca Pinheiro*) E o meu caro?

ARRANCA PINHEIRO – Na qualidade de ministro, a primeira medida que penso tomar é de mandar limpar a nossa cidade.

JOÃO DA BURRA – Como assim?! A vossa cidade nem é assim tão suja, comparada às demais!

ARRANCA PINHEIRO – Refiro-me a uns presos que aqui temos. Brevemente mando-os à forca. Também os pobres e velhos com mais de sessenta anos, que já não fazem nada de útil para a sociedade, vão ser enforcados. Desta forma, eliminaremos todos os que andam a pedir esmolas, a usufruir do Rendimento Social de Inserção, faremos do nosso país o mais rico e próspero do mundo... sem nenhum pobre.

REI – E como é que o cavalheiro... ou cavaleiro se chama?

JOÃO DA BURRA – Chamo-me Salvador. E vocês, senhores ministros, por que é que têm esses nomes?

ARRANCA PINHEIRO – A mim, chamam-me Arranca Pinheiro porque quando as moscas me pousam às costas, enxoto-as com uma mangueira numa mão e uma fogueira na outra.

RASGA MONTANHA – Também a mim, chamam-me Rasga Montanha porque apanho qualquer montanha e transformo numa planície antes que o Diabo esfregue o olho.

JOÃO DA BURRA – Isto é *fabulástico*! Na vossa terra eram os únicos fortes?

RASGA MONTANHA – Claro!

ARRANCA PINHEIRO – Uns tempos atrás surgiu um fanfarrão armado em forte e sabichão... mas demos-lhe uma boa lição. Neste instante já deve estar completamente devorado pelas *bagabagas*.⁵⁵

JOÃO DA BURRA – Gostaria de conhecer o vosso palácio. Parece muito pomposo!

REI – Com certeza. Na nossa casa os amigos é que dão ordens. E nós acatamos. Levantemo-nos então.

Mostram-lhe todos os cantos do palácio menos a prisão.

JOÃO DA BURRA – Onde fica a vossa prisão? Gostava de visitá-la.

REI – Estão lá uns maltrapilhos que não interessam a ninguém.

JOÃO DA BURRA – Não me permitam vê-los?

RASGA MONTANHA – Pode, sim senhor. Há algum problema, senhor rei?

REI – Claro que não. Não há e nem há-de haver.

Passam perto da Capoeira, conversando-se baixinho. Apenas João olha para os presos e sorri para eles. Branca Flor e Branca de Neve andam tristes com a cara para o chão.

XXXIV CENA

TODAS AS PERSONAGENS, MENOS O MACACO E O BICHO-FERA

Novamente sentados numa sala no primeiro andar.

JOÃO DA BURRA – Onde fica a casa de banho, se faz favor?

REI (*bate três pancadas na mesa e Calixto aparece*) – Acompanha o senhor Salvador à casa de banho e desabotoa-lhe as calças para fazer as necessidades. Quando acabar, limpa-lhe o traseiro. Mas não é com calhaus! Limpa-lho com papel higiénico ou com a ponta da tua camisa... ou então com o reverso da tua mão.

JOÃO DA BURRA – Ele vai só mostrar-me onde fica e vou sozinho.

REI – O senhor Salvador é que sabe, ou melhor: é que manda. (*Para Calixto*) Vai mostrar-lhe onde fica a casa de banho. E fica atento para no caso precisar de ti. (*Para o João*) Acompanhe o negrinho. Se precisar de qualquer coisa é só bater na porta. (*João entra na casa de banho e muda de roupa para aquela com que saiu de casa da família. Surge a passear em frente da capoeira. Nhonhô, Romana e Kizy ficam estupefactos ao vê-lo. O rei fica fulo e repreende os genros*) Vocês estão doidos ou têm o quê na vossa cabecinha de alho? Não viram um valdevinos a andar sozinho por aí... logo hoje que tenho uma visita importante?!

BRANCA DE NEVE – Foi ele que nos tirou do buraco, pai!

BRANCA FLOR – É verdade, pai! Foi ele. Estava com esta mesma roupa.

Rasga Montanha salta pela janela e vai esconder-se. Arranca Pinheiro apanha uma diarreia, vai a casa de banho e suicida-se. O rei fica surpreendido com a cobarde reação dos genros.

⁵⁵ – Formigão.

XXXV CENA

JOÃO DA BURRA, REI E FILHAS, CALIXTO E XIPIROTA

JOÃO DA BURRA – Por ser seu filho, o senhor escapa desta vez.

REI – Por seres meu filho? ... Mas quem és tu, vagabundo?

JOÃO DA BURRA – Um filho seu, que julga estar morto e comido pelos bichos.

REI – Eu nunca tive filho, desnaturado! Vai procurar outro pai.

JOÃO DA BURRA – Teve, sim, senhor. Não se lembra, pois não? Mas vai já saber.

REI – Miserável, pelintra. Se pensas herdar o meu trono e os meus bens, estás bem enganado. Tenho duas filhas para me herdarem e os maridos delas para me sucederem ao trono. Vai bater à outra porta, vadio.

JOÃO DA BURRA (*entra e sai da casa de banho*) – Pois, querido pai, aqueles dois reles, seus “genrozinhos”, um já se suicidou antes de lhe tocar. Talvez tenha optado por uma solução melhor. O outro atirou-se pela janela e deve estar algures por aí. Mas vou já apanhá-lo.

REI – Estás maluco, menino infeliz? Eles nem te conhecem!

JOÃO DA BURRA – Conhecem-me muito bem. Sabem perfeitamente quem sou... e também quem são. Por isso, a vergonha e o medo não lhes deixaram esperar pelo real desfecho.

REI (*a tremer*) – Eles te conhecem?

JOÃO DA BURRA – Melhor do que a si próprios. As duas raparigas com as quais eles se casaram, são filhas daquela senhora que está enterrada, da cintura para baixo, no seu quintal, com as mãos atadas atrás das costas.

REI – O quê?!

JOÃO DA BURRA – Também é a minha mãe.

BRANCA FLOR – A nossa mãe?!

JOÃO DA BURRA – A minha também.

BRANCA DE NEVE – Tu és o nosso irmão?!

JOÃO DA BURRA – Vocês é que são minhas irmãs. Eu sou mais velho.

BRANCA FLOR E BRANCA DE NEVE – Aquela senhora é a nossa mãe?!

JOÃO DA BURRA – Nós... vocês e eu somos irmãos naturais... filhos do mesmo pai e da mesma mãe. (*Para o rei*) Lá onde elas se encontravam, eu era o único capaz de as encontrar e resgatá-las. Pergunte-lhes!

REI – Não... não acredito! Será que estou a ser atormentado pelas Erínies?

JOÃO DA BURRA – Talvez.

REI – Quais? *Tisífone*?⁵⁶ *Megera*?⁵⁷ ou *Alecto*?⁵⁸

JOÃO DA BURRA – Possivelmente todas as Moiras.

REI – Estão tecendo o meu fio da vida?! *Ignosce mihi, Pater celi.*⁵⁹

⁵⁶ – “CASTIGO” na mitologia grega.

⁵⁷ – “RANCOR”.

⁵⁸ – “INOMINÁVEL”.

⁵⁹ – Perdoai-me, Pai do céu.

JOÃO DA BURRA – Aquele velho e aquela velha que o senhor tem presos dentro de gaiola, pior que... – nem sei com quê poderei fazer comparação – foram eles que me apanharam e me criaram quando você mandou um seu criado matar-me. Foram eles também que apanharam a minha mãe... também mãe destas duas gêmeas, suas filhas. Foram eles quem nos sustentaram, eu e a minha mãe, debaixo das suas misérias, cheios de dor e sofrimento.

REI – *Ui, mater mea...*⁶⁰ dói-me a barriga, estou com diarreia. Sinto o corpo arrepiado. *(Para Branca de Neve)* Branca, não estou com febre?

Calixto vai espreitar e João chama-o.

JOÃO DA BURRA – Senhor! ... *(Calixto fica atemorizado)* Entre por favor. *(Calixto entra cheio de medo)* Vai soltar os prisioneiros e dê-lhes água para tomarem banho. *(Dá-lhe uma saca com roupa)* Aqui estão umas roupas que lhes trouxe. Que vistam e venham ter comigo.

Calixto sai.

REI – Meu filho querido, sangue da minha veia. Não há desculpa que te possa pedir, que te esfrie a raiva. Entretanto... *(tira a coroa e dá ao João que segura-a na mão)* toma conta do trono... faz de mim o que entenderes. Se achas que deves mandar-me à força... que deves fechar-me na capoeira ou mandar enterrar-me vivo... tu é que sabes.

JOÃO DA BURRA – Fique descansado, meu pai. Tenho orgulho de ter aprendido com os mais velhos, principalmente com aqueles que me criaram. Ensinaram-me que respeitar as diferenças é uma grande virtude, e que valorizar a vida é o mandamento supremo. Espero orgulhar-me também de alguma coisa que o meu pai tenha feito de grande louvor. Mas acho que não irei ter essa sorte. Pois, até este momento, tudo o que soube que o meu pai tenha feito, faz-me o corpo arrepiar e eriça-me o cabelo na cabeça. Dá-me enjoo e, envergonha-me do pai que o destino quis que fosse meu.

REI – Desculpa, meu filho... desculpa... desculpa-me por amor de Deus.

XIPIROTA *(entra nervosa e fica de pé)* – O Calixto disse que és o meu neto?!

JOÃO DA BURRA – É a senhora a mãe de uma jovem, que certo dia, o rei disse-lhe que a ia vender?

XIPIROTA – Kizy?

JOÃO DA BURRA – Sim, senhora.

XIPIROTA – Sou eu. Há muitos anos!

JOÃO DA BURRA – Então sou o seu neto. Quando o rei lhe disse que ia vender a sua filha, era tudo *bluff*. Ele a tinha engravidado, por isso mandou isolá-la numa casa num sítio ermo.

XIPIROTA *(abraça o João)* – Meu menino! Agora posso morrer... sinto-me uma mulher feliz... uma mulher realizada... posso morrer, meu Deus... posso morrer. *(Afasta e olha-o nos olhos)* És tão parecido com o meu pai! Como te chamas?

JOÃO DA BURRA – João da Burra.

REI – Não te chamas Salvador?

JOÃO DA BURRA – Não! Sou salvador desses miseráveis e inocentes. *(Para Xipirota)* Também estas duas meninas são suas netas... minhas irmãs, filhas também da sua filha.

As gêmeas levantam-se e abraçam Xipirota e João com nostalgia.

⁶⁰ – Ui, minha mãe.

XXXVI CENA

REI E FILHAS, JOÃO, CALIXTO, XIPIROTA, KIZY, NHONHÔ E ROMANA

Calixto e prisioneiros entram. Estes são recebidos com abraços, choros e alegria. O rei retira João a coroa da mão e coloca-lha na cabeça

REI – De agora em diante és o rei, meu filho estimado. Amanhã mando chamar o padre para me vir casar com a vossa mãe.

JOÃO DA BURRA – Senhor Calixto, como recompensa pelo que fez por esta casa, por mim e pela minha mãe, não há ninguém melhor para Administrar os bens do reino...

REI – Eu concordo.

CALIXTO (*chorando*) – Perdoa-me, senhor rei.

REI – Estás perdoado.

NHONHÔ LANDIM – Está perdoado de quê? Calixto, por que lhe pediu perdão?

ROMANA – Talvez por não ter matado o menino e sua mãe.

JOÃO DA BURRA – Como souberam disso?

ROMANA – O Calixto contou-nos.

NHONHÔ LANDIM (*para o rei*) – Patifão.

JOÃO DA BURRA – Acalmem-se! Esqueçam-se disso por agora.

REI – Branca Flor e Branca de Neve, felizmente já são viúvas. Quando arranjam outro marido, eles vêm trabalhar aqui no palácio, sob as ordens do João e do Calixto.

JOÃO DA BURRA – Só uma delas é que ainda ficou viúva. O outro aldrabão fugiu e está por aí escondido. Todos nós temos o dever de procurá-lo e prendê-lo.

BRANCA FLOR – Quando é que vamos procurá-lo, mano mais velho?

BRANCA DE NEVE – Eu vou contigo.

JOÃO DA BURRA – Obrigado... obrigado.

CALIXTO – Também vou. Estou velho, mas ainda sinto força para lhe espremer os testículos.

XIPIROTA – Cá na terra, os tolos julgam que podem fazer o que querem. Que não há justiça. Mas estão enganados. O castigo de Jeová vem sempre. Pode demorar, mas não deixa ninguém impune.

XXXVII CENA

AS IRMÃS, JOÃO, CALIXTO, XIPIROTA E RASGA MONTANHA

João destapa um buraco num bosque e Rasga Montanha rende-se. Tiram-no dali, mandam-lhe abrir a boca e com uma lanterna observam-lhe os dentes.

BRANCA FLOR – Deixa-me beliscar-lhe a ilharga antes de o enforcarmos.

JOÃO DA BURRA – Tenham calma.

CALIXTO – Eu é que o vou capar.

BRANCA DE NEVE (*dá-lhe um par de estalos*) – Desprezível!

JOÃO DA BURRA – Para! Ninguém o deve tocar, nem injuriá-lo. Não lhe vamos fazer o mesmo que nos fez a nós. Senão estamos a ser pior do que ele. Por nos ter feito mal, não

se justifica que lhe façamos o mesmo. Não nos dá esse direito. Ele responderá pelos seus crimes perante a justiça, mediante um julgamento justo. (*Põe-lhe algemas*) Senhor Calixto, vai fechá-lo na capoeira com o mínimo de decência e conforto que um prisioneiro merece.

CALIXTO – Sim senhor. Passa em frente e vamos embora, traiçoeiro.

JOÃO DA BURRA – Ninguém tem o direito de o maltratar até que o entreguemos ao tribunal que decidirá qual o seu destino. Se ele precisar de advogado, tem esse direito. Senhor Calixto, pergunte-lhe se quer falar com um advogado ou familiar, faculte-lhe o telefone.

XIPIROTA – Ele vai pôr um advogado?! O juiz vai manda-lo já embora sob TIR.⁶¹

JOÃO DA BURRA – Se assim for a decisão do juiz, só temos que acatar. Ele é que decide sobre a aplicação das leis.

XXXVIII CENA

REI E FILHAS, JOÃO, CALIXTO, XIPIROTA, KIZY, NHONHÔ E ROMANA

JOÃO DA BURRA (*abraça Nhonhô*) – Muito obrigado, vovô. Obrigado do fundo da minha alma. (*Nhonhô chora*) Os nossos sofrimentos terminaram. (*Para Romana*) Vovó, vamos agora viver uma nova vida. A mamã vai casar com o meu pai e viveremos todos aqui no palácio. (*Para Kizy*) Não é assim, mamã?

NHONHÔ LANDIM – João, eu e a tua avó vamos voltar para o nosso *funco*...

JOÃO DA BURRA – Fiquem pelo menos para assistir ao casamento da mamã e do papá.

NHONHÔ LANDIM – Nós não assistimos a essas idolatrias, meu neto.

KIZY – Eu não quero casar perante um *paroco*.

REI – Não queres casar com o pai dos teus filhos?

ROMANA – Por que não vivem juntos, sem estória de se casarem perante um *paroco*?

JOÃO DA BURRA – Pai, por que não fiquem juntos como se fossem casados?

REI – Por mim não há problema. Apenas quero corrigir o meu erro.

JOÃO DA BURRA – Muito bem. E já que estamos em família, vou propor o seguinte: como a minha mãe e o meu pai vão viver juntos, por que não a mãe da minha mãe passar a viver com o Calixto, como mulher e marido?

Todos batem palmas e Xipirota fica comprometida.

REI – Bravo! Podem escolher uma das nossas casas e vão fazer as suas vidas a dois. Também os velhos que te criaram podem vir morar numa das nossas casas.

NHONHÔ LANDIM – Muito obrigado. Mas não abandono a minha gente.

REI – Vai morar no “funco”, se tem possibilidade de morar no palácio?

ROMANA – Cristo nasceu numa manjedoura e em pleno inverno.

JOÃO DA BURRA – Eles vão voltar para suas casas, pai. Vão apossar de todas aquelas terras onde foram presos quando colhiam purga.

NHONHÔ LANDIM – Jesus Cristo te abençoará... te recompensará. (*Para Romana*) A primeira coisa que fazemos quando chegarmos a casa, é juntar os vizinhos e rezar uma ladainha e pagarmos a nossa promessa ao Senhor.

⁶¹ – Termo de Identidade e Residência.

REI – Muito obrigado. Eu mereço.

ROMANA – O meu marido está a falar do senhor Deus. Não é do senhor rei, não.

NHONHÔ LANDIM – Você merece é ir à forca. Isso sim. Sem vergonha!

JOÃO DA BURRA – Calma, vovô. Vou visitar-vos sempre. Fico aqui para juntamente com o senhor Calixto e minhas irmãs assumir o trono. O senhor Calixto ficará meu adjunto. Pois, ninguém é mais digno do que ele para ocupar esse cargo. *(Calixto fica a tremer)* É um homem bom... sem vaidade nem pretensões. Justo que nem Santo.

ROMANA – Agora tens que arranjar uma boa esposa.

XIPIROTA – E as minhas netas têm que arranjar bom marido e terem filhos lindos.

JOÃO DA BURRA – Primeiro vou conhecer a terra da minha avó, mãe da minha mãe.

Xipirotita tapa a mão na cara e chora de emoção. Todos batem palmas.

BRANCA FLOR – Eu também vou... eu também vou...

BRANCA DE NEVE – Também quero ir... quero ir conhecer a terra da minha avó...

JOÃO DA BURRA – Vamos todos: vocês as duas, a mamã, a vovó e eu. Vamos passar duas semanas por lá.

As irmãs ficam a pular e a abraçar Kizy e Xipirotita. João inclina a cabeça e medita. Entra o macaco, as gémeas assustam-se e refugiam no sofá ao lado do rei, com medo.

MACACO – Muito boa tarde nesta casa.

JOÃO DA BURRA – Olá, amigo. *(Dá-lhe um abraço)* Como podes perceber, estou muito feliz. E toda esta felicidade se deve à tua vontade, amizade e sabedoria.

MACACO – Muito obrigado.

JOÃO DA BURRA – É certo que foste o raptor das minhas irmãs. Também não é menos verdade que salvaste-me a vida. E como recompensa, vou oferecer-te...

BRANCA FLOR – Eu não, mano. Eu não...

BRANCA DE NEVE – Eu também não, mano João. Por favor...

JOÃO DA BURRA – ...ofereço-te Rasga Montanha para te servir de escravo por toda a vida.

BRANCA FLOR E BRANCA DE NEVE – Viva! Apoiado, apoiado, apoiado...

JOÃO DA BURRA – Se o entregarmos à justiça, certamente será enforcado. E, não obstante ser eu contra esse tipo de pena, pelo que ele me fez, condenar-lhe à morte seria oferecer-lhe uma doce prenda. Não sofreria o suficiente para refletir o quão mal me fez.

MACACO – Concordo contigo e aceito Rasga Montanha como prenda.

Abraçam-se e a peça finda.

7.2 Resumo do livro Os Rebelados da Ilha de Santiago – Cabo Verde

O Governo da Província de CV solicitou ao Ministério do Ultramar, em face de um relatório do Comando da Polícia de Segurança Pública daquela Província, que, por intermédio da Junta de Investigações do Ultramar, fosse feito um estudo acerca das atividades de uma seita religiosa denominada Rebelados que exerce a sua ação na Ilha de Santiago e cuja existência tem algumas décadas.

A ilha de Santiago, com uma área de 991 Km², é a maior das dez ilhas do arquipélago de CV, representando um quarto da área total do Arquipélago. E é a quarta, maior em área, das Ilhas Atlânticas ou macaronésia. No seu máximo comprimento mede 60.000m e na sua máxima largura 29.000m.

Como na metódica devassa do oceano desconhecido para desenvolver os circuitos mercantis, era essencial a colonização do arquipélago ermo. E a Ilha de Santiago era a que oferecia as melhores condições. A sua ocupação foi, desde logo decidida e ordenado o seu povoamento, que se fez com elementos alógenos: negros da costa da Guiné (indispensáveis aos trabalhos agrícolas) e brancos idos da Metrópole, a partir de 1462, dois anos após o achamento do Arquipélago. Porém, a expansão marítima portuguesa, pioneira nessa missão, iniciada no séc. XV, assentava-se em três objetivos fundamentais:

1. Expandir o império português e divulgar a sua cultura;
2. Espalhar a fé Cristã e o Catolicismo;
3. Atingir a Índia pela rota marítima à procura de ouro e especiarias.

Dado ao limite que nos é imposto para este trabalho e a pertinência do tema “Rebelados”, optamos por desenvolver, exclusivamente o ponto nº 2.

Ora, na grande Ilha de Santiago se fundou a primeira cidade portuguesa nos trópicos – a “Ribeira Grande” – e o povoamento e a evangelização iniciaram-se simultaneamente. O poder da Igreja Católica era insofismável. E dado o seu caráter ecuménico, desde cedo pretendeu levar a doutrina cristã ao maior número dos seus habitantes. Logo se fundou a primeira paróquia na Ribeira Grande, provida com vigários e coadjutores, para doutrinar os negros e, ao mesmo tempo, prestar socorros espirituais ao elemento colonizador. Apenas chegados, esses “negros sáfaros”, recebiam o santo batismo e eram iniciados na doutrina evangélica ao

mesmo tempo que os seus braços eram empregados em arrotear e cultivar aquelas terras virgens.

Porém, inúmeros foram os obstáculos que a Igreja enfrentou em Cabo Verde. Segundo o historiador da expansão da fé no Arquipélago, P^e. António L. Farinha, os obstáculos que a Igreja enfrentou em Cabo Verde podem ser classificados pela forma seguinte:

a) Penúria de Pessoal: Padres Seculares, frades de Santo Agostinho, da Ordem Terceira de S. Francisco, Capuchinhos barbados, franceses e italianos, Capuchos da Província da Piedade, Jesuítas, religiosos nativos formados nos Seminários de Cabo Verde – todos quantos serviram o Arquipélago sempre foram insuficientes, para as exigências cada vez maiores da missionação.

b) Impreparação de muitos sacerdotes: Infelizmente, muitos dos padres que durante séculos missionaram em Cabo Verde eram sujeitos pouco hábeis para o ministério da Igreja, com pouca ou nenhuma literatura; alguns se entregavam, exclusivamente, ao comércio; outros eram criminosos e ignorantes; tendo havido por isso falta de professores de leitura, gramática, retórica, filosofia, teologia e moral.

c) Dificuldades económicas: Não houve, em tempo algum, rendimentos que cobrissem as despesas necessárias ao serviço de evangelização.

d) Crise moral: Em várias ocasiões a situação social na Ilha de Santiago foi, por circunstâncias diversas, muito má.

Numa Carta régia de 28/01/1804 pode-se verificar a situação da Igreja em S. Tiago: *Uma indecência em que se acham as paróquias desse bispado pela ruína e a rusticidade dos templos e guisamentos precisos...*

Na verdade, havia falta de párocos e, por esse facto, muitas Igrejas estavam fechadas. Muitas pessoas viviam em localidades bastante afastadas, o que os obrigaria a percorrer longas distâncias, cerca de 30 Km (ida e volta) para assistirem à missa dominical na Igreja mais próxima. E o Governador Barreiros, em 3 de Dezembro de 1854 escreveu o seguinte: *O estado do serviço eclesiástico na Província é muito pouco satisfatório, tanto pela profunda ignorância da maior parte dos vigários como pela soltura dos costumes deles.*

Paralelamente à crise eclesiástica se debuxava a crise política. Nessa altura, a mortalidade infantil era muito grande em Santiago, principalmente nos primeiros dias de vida das crianças. Porém, na impossibilidade de as batizar logo dada a falta de Sacerdotes, a grande distância a percorrer na generalidade dos casos e, ainda, o velho costume de celebrar o acontecimento com uma festa familiar, os padres antigos ensinaram os seus paroquianos a fazerem eles próprios o «batismo não solene», denominado de *Fazer Cristão*. Entretanto, em 1941, chegaram a Cabo Verde os padres da Congregação do Espírito Santo, portadores de um novo estilo de vida espiritual. Introduziram mudanças radicais na tradição da igreja, pondo de lado os *modus operandi* dos padres antigos. Essa medida causou alguma celeuma no seio dos fiéis e conseqüente rotura. Das várias medidas introduzidas há umas que mais desagradaram os fiéis. Tais como: - Antigamente os padres andavam sempre de batina preta e barrete próprio, ou com fato e chapéu daquela cor. Agora andam de batina branca, sem chapéu ou com boina, o que não é próprio da categoria de um sacerdote; os antigos quando se deslocavam às povoações para a celebração da missa, viajavam em mulas ou jumentos, nunca a cavalo por este ser animal de ostentação. Os novos andam de bicicleta, motos, automóveis, etc.; reduziram os dias santos de guarda; modificaram o texto tradicional do Padre-nosso e Salve Rainha e introduziram algumas alterações na liturgia; estabeleceram quotas de 8\$00 para os homens se confessarem e de 6\$00 para as mulheres. Antigamente as confissões eram de graça; instituíram o pagamento de um tributo ou desobriga ao padre. Alguns fiéis deixaram de frequentar a Igreja Católica, ficaram a praticar os atos religiosos do culto como aprenderam com os *padres antigos, da terra*, ou de *batina preta* como são designados. Passaram a reunir-se em casas particulares para a prática de cânticos, orações em comum e leitura dos livros de doutrina. A leitura era feita por aqueles que o soubessem fazer. As suas práticas religiosas mais seguidas eram: as *ladainhas* em louvor de um santo; *ladainhas* de promessa, em ação de graças por um benefício recebido; as *ladainhas* dos mortos, as *rezas*, *vésperas*, *novenas* e *estações* por motivos fúnebres. Os textos seguidos nessas práticas eram extraídos de manuais católicos, especialmente do *Relicário Angélico*. Como símbolo máximo do cristianismo, trazem ao pescoço, debaixo da roupa, uma cruz feita com tiras de carriço, presa com fio de linha feito de algodão. Não utilizam objeto que seja de ferro nos seus atos religiosos, porque Cristo foi pregado na cruz

com pregos, que são de ferro. Começaram a ser caluniados e perseguidos. E as suas práticas religiosas, sempre admitidas e até estimuladas pelos *padres antigos*, foram proibidos pelos novos sacerdotes.

Acossados, porém, pelas regras da nova doutrinação, não arredaram das suas tradições, passando a realizá-las clandestinamente, dando lugar a frequentes intervenções das autoridades civis. Os novos missionários atribuíram-lhes outros atos rituais que, sendo verdade, seriam heréticos. Eis alguns desses atos: - A realização de batizados por ocasião da Páscoa; a celebração de missas com hóstias feitas de miolo de coco ou mandioca nova; a confissão e a comunhão; a celebração de casamentos, etc. Foram ainda acusados de fazerem pregação; de realizarem reuniões periódicas secretas e de benzerem rosários.

A denominação de *Rabelados*, foi usada pela primeira vez numa participação que, em 16 de Junho de 1959, o P^o João Eduardo Moniz, pároco da Freguesia de Santo Amaro Abade, dirigiu ao Administrador do Concelho do Tarrafal. Nela o missionário referia-se a *"essa gente" que o povo deixou de chamar "incrédulo" para com mais exatidão chamar em termo crioulo "Rabelados", o que em português castiço significa "revoltosos". [...R]epulsa a tudo o que é civilização e cheira a branco.*

A situação dos *Rebelados* veria a agudizar-se a partir de 1961, quando se recusaram a colaborar com a «Missão de Estudo e Combate a Endemias» (MECE), principalmente nos trabalhos de erradicação da malária, com a pulverização das casas com inseticidas, vacinação pelo BCG e colheita de sangue humano e de macacos para análise laboratorial com o objetivo de pesquisa da malária. Quando as suas casas eram desinfetadas à força, abandonavam-nas e iam construir "funcos" nas zonas altas, isoladas da povoação. Ainda, na mesma ocasião houve também quem reagisse contra a ordem de demarcação das propriedades rústicas, determinada pelo Governo com vista aos levantamentos cadastrais a cargo da «Brigada de Estudos e Trabalhos de Hidráulicas de Cabo Verde». O então Governador, Eng.^o Silvino Silvério Marques, adotou a todos os revoltosos a designação *Rebelados*.

Em toda a Ilha de Santiago, milhares de pessoas intolerantes, teimosamente refratárias ao ensino da *nova doutrina* resistiram à nova evangelização feita pelos

Missionários da Congregação do Espírito Santo. Reagiram com vigor contra a catequese nova e contra a evolução técnica e social que, de forma brusca, sem passar por uma fase de transição, lhes quiseram impor. Ora, o apego à tradição e aos costumes leva-os a considerar todas as inovações como sacrilégio. E esta imposição não podia resultar, visto que os *Rabelados*, na sua quase totalidade, são analfabetos e ignorantes. O pouco que sabem de religião foi aprendido de ouvido, por transmissão oral, sucessivamente deturpada de geração em geração. Para eles, os *padres novos* e os médicos que participaram na MECE eram os falsos profetas de que falam as Escrituras Sagradas, contra os quais há muitos anos os *padres antigos* os haviam posto de sobreaviso. Pois, a desinfecção mata os bichos, que são *viventes e criaturas de Deus*. Não importa que eles (os bichos) façam mal aos homens. Se assim suceder é porque estes são pecadores e merecem castigo.

Por ser, na sua grande parte, o pessoal da MECE europeu ou natural de outras Ilhas, estranho, portanto, aos *Rabelados*, aos seus usos, costumes e mentalidade, fez com que a relutância fosse mais veemente. Associaram-nos, pois, aos grupos separatistas, por coincidir com o ano do início da Luta Armada em Angola e dos trágicos acontecimentos de 15 de Março de 1961. A Igreja conotou-os como sendo seguidores de ideais protestantes ou racionalistas que às vezes os *americanos* trazem da América. Foram acusados de não aceitarem o trabalho do Estado, de não aceitarem e até queimarem, notas de 20\$00 do Banco Nacional Ultramarino, com a efígie de Serpa Pinto, por este significar serpente ou demónio. Entretanto, extrema-se o conflito e degenera em guerra aberta, com ameaças e tentativas de ofensas corporais. Um Rebelado acabou preso por impedir que um missionário celebrasse um ato de culto junto à sua residência, num verdadeiro gesto de provocação. O Administrador do concelho decretou a proibição às tradicionais reuniões e outros atos religiosos, com multa e prisão aos transgressores. E proibiu a celebração dos casamentos civis, que os missionários sempre classificaram publicamente como mancebia. E provocavam os Rebelados: *Registo só o de boi e vaca feito na Câmara Municipal*. Então, os rapazes ficaram a *tirar de casa* as suas noivas, uma espécie de rapto em que o noivo leva a noiva para a casa dele, ou para à dos pais e fazê-la sua companheira. Dias depois, o raptor manda os familiares próximos ou pessoas amigas e de certa consideração irem comunicar o facto aos pais da raptada e pedir a estes que a recebam e ao companheiro. Se concordarem,

o par apresenta-se em casa dos progenitores da mulher, pede perdão, e passa a viver como se casado fosse. Dele não derivam efeitos jurídicos especiais. É um simples concubinato. Porém, realizam festa parecida com a dos casamentos, solenizando a *tradio*.

Foram denunciados, presos e desterrados. Alguns missionários atribuíram-lhes caráter político e subversivo, de inspiração comunista, terroristas perigosos do tipo angolano, prontos a esquartejarem crianças! E na missiva que o P^o. João E. Moniz endereçou ao Administrador do Concelho propunha a deportação dos cabecilhas.

Influídos pelo condicionalismo psicológico criado pela luta em Angola, e na conjuntura política em que esta maneira de pensar foi expressa, impressionou desde logo, a Polícia e, com as reservas que a prudência aconselha, foi tida em consideração pelas autoridades da Província que, injustamente, tomaram o partido dos missionários e, sem ouvir as razões dos Rebelados, arrombaram, de armas na mão, as portas das suas casas e nelas entraram, prenderam e maltrataram as pessoas sem olhar à idade e sexo. Várias mulheres foram maltratadas por agentes da Policia, o que deu lugar a choques entre eles e pessoas da família delas. O interrogatório foi feito não na Administração do Concelho ou qualquer outro edifício público, mas na própria residência dos Missionários no Tarrafal. E a alguns presos fizeram-se exorcismos no decorrer do interrogatório policial. Levados depois para a cidade da Praia, ali estiveram presos na esquadra da Policia durante muitos dias, sem alimentação, dormindo sobre pavimentos de pedra ou cimento, sem qualquer agasalho que os protegesse. Alguns estiveram no *segredo* da Esquadra de pé, sem comer, durante 52 horas. Os tidos como os mais influentes, foram desterrados para as Ilhas de S. Nicolau, Boavista, Brava e Fogo onde, separados de famílias, viveram da caridade pública porque não lhes foi proporcionado trabalho, nem alojamento, nem alimentação. Nhonhô Landim, quase nonagenário na altura, foi desterrado para a Ilha do Fogo, na localidade de Cova Figueira. Era um dos mais afamados *mestres de reza*, sendo, por isso, convidado por toda a gente que quisesse realizar qualquer festa religiosa em sua casa, conforme a tradição. Era considerado como quem sabe tudo de religião e melhor explica o *Lunário Perpétuo*. Era estimado por todos, pela sua idade e sabedoria.

Esse desterro, proposto pelo P^e. Ferreira Campos, e a proposta do Rev. P^e. João Eduardo Moniz, visavam inculcar verdadeiro temor nos outros.

É de salientar que, na propaganda da atividade sanitária da MECE colaboraram os missionários, que foram os primeiros a notificar o facto nas Igrejas. Os que estavam em luta com os missionários recusaram-se a aceitar por considerarem esta ocorrência de ordem religiosa e não de natureza meramente civil. Se realmente, a ordem fosse do Governo ela teria sido dada pelo Administrador do Concelho, por intermédio dos regedores e cabos chefes, e não pelos padres. Para eles os inimigos eram os mesmos, agindo por outras formas mas com o mesmo objetivo, que é o de os obrigar a violar a verdadeira religião, perdendo as suas almas.

8 ANEXO: Carta de Alfred Jarry ao encenador *Lugné-Poe*, de 1896

8 janvier 1896

Cher Monsieur,

L'acte dont nous avons parlé vous sera porté à la date dite, s-oit vers le 20. Mais je vous écris d'avance pour vous demander de réfléchir à un projet que vous soumettez et qui serait peut-être intéressant. Puisque Ubu roi vous a plu et forme un tout, si cela vous convenait, je pourrais le simplifier un peu, et nous aurions une chose qui serait d'un effet comique sûr, puisque, à une lecture non prévenue, elle vous avait paru telle.

Il serait curieux, je crois, de pouvoir monter cette chose (sans aucun frais du reste) dans le goût suivant :

1° Masque pour le personnage principal, Ubu, lequel masque je pourrais vous procurer au besoin. Et puis je crois que vous vous êtes occupé vous-même de la question masques.

2° Une tête de cheval en carton qu'il se pendrait au cou, comme dans l'ancien théâtre anglais, pour les deux seules scènes équestres, tous détails qui étaient dans l'esprit de la pièce, puisque j'ai voulu faire un «guignol»

3° Adoption d'un seul décor, ou mieux, d'un fond uni, supprimant les levers et baissers de rideau pendant l'acte unique. Un personnage correctement vêtu viendrait, comme dans les guignols, accrocher une pancarte signifiant le lieu de la scène. (Notez que je suis certain de la supériorité «suggestive» de la pancarte écrite sur le décor. Un décor, ni une figuration ne rendraient «l'armée polonaise en marche dans l'Ukraine»).

4° Suppression des foules, lesquelles sont souvent mauvaises à la scène et gênent l'intelligence. Ainsi, un seul soldat dans la scène de la revue, un seul dans la bousculade où Ubu dit: «Quel tas de gens, quelle fuite, etc.»

5° Adoption d'un «accent» ou mieux d'une «voix» spéciale pour le personnage principal.

6° Costumes aussi peu couleur locale ou chronologiques que possible (ce qui rend mieux l'idée d'une chose éternelle); modernes de préférence, puisque la satire est moderne; et sordides, parce que le drame en paraît plus misérable et horrible.

Il n'y a que trois personnages importants ou qui parlent beaucoup, Ubu, mère Ubu et Bordure. Vous avez un acteur extraordinaire pour la silhouette de Bordure contrastant avec l'épaisseur d'Ubu: le grand qui clamait : «C'est mon droit».

Enfin, je n'oublie pas que ceci n'est qu'un projet à votre bon plaisir, et je ne vous ai parlé d'Ubu roi que parce qu'il a l'avantage d'être accessible à la majorité du public. D'ailleurs, l'autre chose sera prête et vous verrez qu'elle vaudra mieux. Mais si le projet ci-contre ne vous semblait point absurde, j'aimerais autant en être informé, pour ne point travailler à quelque chose qui ferait double emploi. L'une comme l'autre ne dépasseront point trois quarts d'heure de scène, comme nous en étions convenus.

A vous, avec l'assurance de toute ma sympathie pour votre entreprise qui m'a encore donné hier une belle soirée d'art.

Alfred Jarry.

(In *UBU*, s/d, s/l: *Folio classique*, pp. 412-413).

9 SIGLAS E ABREVIATURAS

SIGLAS E ABREVIATURAS	CORRESPONDÊNCIAS
a.C	Antes de Cristo
Bat	Batismo / batizado
C	Cerca de, aproximadamente
Cf	Conferir
CV / Cv	Cabo Verde
d.C	Depois de Cristo
Ed	Edição
EUA	Estados Unidos da América
Lx	Lisboa
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
Org	Organizado
P	Página
P. Badejo	Pedra Badejo
P. ^a	Padre
PIB	Produto Interno Bruto
Pp	Páginas
Pt	Portugal
S/d	Sem data
S/l	Sem local
Sic	Tal qual
Vol	Volume